

ETERNAMENTE MINHA:

uma surpresa de Las Vegas

Um Romance clichê por

Amanda Alonso

Copyright © 2024 Amanda Alonso

Todos os direitos reservados.

ISBN:

FICHA TÉCNICA:

BETAGEM: *Rafaela "Angel" @psychodollangel e Ayla @vampirealura*

DIAGRAMAÇÃO: *Editora Noite @editoranoite*

CAPA: *Amanda Alonso*

ATRIBUIÇÃO: *Freepik e canva*

Esta obra segue as regras do novo acordo Ortográfico.

AVISO: Este livro não é recomendado para menores de 18 anos, devido à sua temática.

Esta é uma obra de ficção. Nomes, personagens, lugares e acontecimentos descritos são produtos da imaginação da autora. Qualquer semelhança com nomes, datas e acontecimentos reais é mera coincidência. Os assuntos referentes à inseminação artificial, narrados pela autora, são exclusivamente fictícios, de modo que as leis, regras e atitudes não condizem com a realidade.

Apesar de fazer parte de uma duologia, o livro pode ser lido de forma separada.

Nenhuma parte do conteúdo deste livro poderá ser utilizada ou reproduzida em qualquer meio ou forma; seja ele impresso, digital, áudio ou visual, sem a expressa autorização da autora, sob penas criminais e ações civis.

A violação dos direitos autorais é crime, estabelecido na **lei nº 9.610/98** e **punido pelo artigo 184** do Código Penal.

Sumário

Sinopse:	4
NDA:	5
Dedicatória	6
Prólogo	7
Capítulo 01	11
Capítulo 02	15
Capítulo 03	19
Capítulo 04	26
Capítulo 05	36
Capítulo 06	42
Capítulo 07	46
Capítulo 08	50
Capítulo 09	55
Capítulo 10	59
Capítulo 11	65
Capítulo 12	70
Capítulo 13	75
Capítulo 14	78
Capítulo 15	84
Capítulo 16	90
Capítulo 17	95
Capítulo 18	99
Capítulo 19	106
Capítulo 20	116
Capítulo 21	125
Capítulo 22	131
Epílogo	139
Parte 1	139
Parte 2	141
Agradecimentos	144
Como me encontrar:	145

Sinopse:

O que acontece em Vegas nem sempre fica em Vegas...

O milionário Rafael Espósito tende a se esconder por trás de sorrisos sedutores e um charme implacável. Apenas uma pessoa consegue enxergar além dessa fachada: sua melhor amiga de infância.

A professora Alícia Martini tem um segredo, ela ainda é virgem aos 30 anos. Quando deseja planejar uma viagem sozinha para Las Vegas, Rafael surta e insiste em acompanhá-la. Entre risos, bebidas e noites inesquecíveis, os limites da amizade começam a se confundir.

Tudo pode mudar quando Alícia descobre que está grávida. Determinada a criar o bebê sozinha, Alícia se vê desafiada por Rafael: ele quer assumir o papel de pai e isso é inegociável.

Entre hormônios da gravidez e olhares intensos, Alícia tenta resistir ao melhor amigo que sempre foi tudo, menos previsível.

NDA:

Notas da autora:

Olá amores, esse livro não tem gatilhos, mas gostaria de deixar algumas informações. Esse livro me trouxe tantas coisas e emoções que não dá para explicar. Ele não estava no meu planejamento e mesmo assim consegui entregá-lo no tempo correto.

Algumas coisas aconteceram no processo, coisas positivas, mas no final, senhor Rafael Espósito parecia que não queria que o livro fosse finalizado e eu concordo com ele. A cada linha escrita eu me apaixonava e assim como Charles Walker, me apaixonei por esse mulherengo de sorriso torto e espero que vocês se apaixonem por ele assim como eu me apaixonei.

Dedicatória

Dedico esse livro a todas as mulheres que possuem ou procuram um amor leve, verdadeiro, aquele que arrebenta nosso coração e derruba nossas pernas, que treme nosso corpo e desalinha nossa mente.

Às vezes o amor está na nossa frente, mas não conseguimos ver, ou ele nasce no pior momento, com as pessoas mais improváveis.

Prólogo



Alicia Martini | Nem sempre o que acontece em Vegas, fica em Vegas

Quinze anos antes...

Estava sentada na minha varanda, enquanto lia o terceiro livro de crepúsculo, aproveitei que era uma sexta-feira à tarde, em breve eu iria sair com meus amigos e aproveitar a noite, matar a saudade que sinto deles, já que eles se mudaram devido à faculdade.

— Ei, Aly! — Ouvi a voz de Lana e fechei o livro, ela estava se aproximando da varanda, meu portão era extremamente baixo e pequeno, a varanda um quadrado minúsculo, então eu conseguia ver o movimento da rua.

Eu morava bem no centro, mas isso não fazia diferença, cidade pequena assim que funciona as coisas.

— Terminou de ler Lua Nova? — Ela me encarou e suspirou concordando.

— Acabei ontem à noite, não aguentava mais ler o livro sem o Edward! Aquele Jacob sempre foi insuportável... — Bufou, eu ri.

— Espera terminar Eclipse... — Mostrei meu livro e ela fez uma careta.

— Te odeio, sabia? Não é válido ter uma amiga com memória fotográfica, e lê tão rápido assim.

— Ontem minha memória serviu, né? Para te ajudar a estudar aquele monte de coisa! Sabe como sou péssima em biologia?

Nós duas ficamos conversando a tarde toda, Lana queria se tornar médica e por isso já começou a fazer cursinho para auxiliar no ensino. Seu irmão foi para Ribeirão Preto estudar advocacia e nosso outro amigo foi estudar administração e finanças, para administrar a empresa da família.

Minha vida era basicamente essa, estudar de semana, ler, jogar RPG narrativo e no final de semana sair com meus amigos, geralmente eu saía na sexta-feira e voltava apenas no domingo. Minha relação com minha mãe não era das melhores, com meu pai piorou, por isso tentava evitar ao máximo ficar no seu radar.

Não via a hora de ficar adulta e sair dessa cidade, principalmente desta casa, que eu odiava.

Para ajudar, tive que aguentar minha prima, fingir sorrisos, fingir que ela é legal e não uma garota mimada, egoísta e egocêntrica. Eu a odiava por tantos motivos, mas sua constante mentira é o que mais me irritava.

Devido a isso, assim que deu o horário, tomei banho, peguei minhas coisas e fui para casa de Lana. Cumprimentei o irmão dela, assim como os pais que eram o completo oposto, ali eu realmente me sentia em casa. Quando deu o horário, Jeferson, irmão de Lana chegou, não demorou muito para ouvir Rafael nos chamando e nosso quarteto ficou completo.

Tiramos uma foto para postar no Orkut, os quatro sorrindo. Lana e eu estávamos cada uma com um vestido, o dela era um tubinho colado ao corpo e o meu, como eu era gorda, usava um mais largo, ambas de salto e maquiagem escura. Eu estava com um Glos rosa, simulando o vermelho e não via a hora de poder usar batom vermelho, já o dela era mais puxado ao rosa.

Os garotos estavam lindos, eles eram aquele tipo de homens que chamavam a atenção e sabiam disso, dois mulherengos que viviam aproveitando a vida. Se era mulher eles ficavam. Isso causava muita dor de cabeça entre Lana e eu, porque a maioria das garotas só se aproximava de nós por causa deles. Algumas ainda me esnobavam por causa dessa amizade e virava o maior transtorno.

Jeferson, irmão de Lana, estava com calça jeans, tênis e uma camisa polo, os cabelos penteados para trás nos cabelos loiros e olhos escuros. Rafael estava vestido de jeans, camisa e jaqueta preta de couro, os cabelos pretos bagunçados contrastando os olhos quase negros.

Ambos entraram em uma academia e estavam com os braços bem definidos.

— Fiquei sabendo que ambas estão de namorico com alguns rapazes. — Jeferson começou, com o tom de ciúmes, revirei os olhos.

— Nem começa, que eu não sou sua irmã.

— Nem começa, que sou sua irmã, mas não tem esse direito.

— Vocês ainda são novas, não acredito que esperaram a gente sair da cidade para namorar.

— Rafael bufou e eu revirei os olhos, Lana continuou:

— Ihh a gente fica só nos beijos, ok? Diferente de vocês, que nessa época fodia a torto e a direito. — Lana lembrou.

— E se falar que vocês são diferentes, eu enfio esse salto na cabeça dos dois... — Apontei para meu salto.

— Deixem de ser pentelhas, que estamos cometendo um crime trazendo as duas para esse barzinho.

Joguei meu braço no ombro de Jeferson rindo divertida.

— Você sabe que a gente viria com ou sem vocês, não é? Cidade pequena, ninguém se importa com isso, veja, um monte de adolescente bebendo. — Apontei com o dedo, inclusive

para um grupo de garotas com minissaias e vestidos curtos que mostrava a polpa da bunda já extremamente bêbadas, com caras de maior de idade.

— Precisam ficar feliz que a gente é só dos beijos, a Karen inclusive está até grávida. — Lana os relembrou e Rafael revirou os olhos.

— Tem certeza que você quer ser médica e você professora? Porque seriam ótimas advogadas, seriam melhores que Jef. — Rafael apontou para Lana e eu, a loira abraçou o amigo pela cintura rindo.

— Não temos culpa que nós mulheres somos naturalmente argumentativas. — Gabou-se.

A risada entre nós foi geral, mas de repente o mundo para mim começou a parar, ou no caso a andar em câmera lenta. Engoli em seco, porque estávamos na calçada do barzinho, local em que ficávamos conversando e bebendo, não íamos ali apenas para comer, era o nosso momento de lazer, assim como o da cidade toda.

Por isso, quando vi a garota de cabelos cor mel, da qual eu sabia ter olhos azuis, chegando com o garoto de cabelos loiros e olhos castanhos, minhas pernas tremeram. Eu conhecia ambos, era minha prima Valéria e atual namorada de Rafael, com Rodolfo, o cara pelo qual eu tinha uma leve paixão platônica. Quer dizer, ele era lindo, todas as garotas eram apaixonadas por ele e eu sei que jamais me veria e ela sabe que eu o amo.

O pior foi ver que eles estavam juntos, como eu sei? Além das mãos dadas, ela me encarou com aqueles olhos de víbora que eu conhecia, se virou e o beijou na frente de todo mundo.

Paralisada, era assim que eu me sentia, não conseguia nem olhar para Rafael, afinal, eles estavam juntos, não estavam. Senti uma mão grande e quente segurando a minha, só poderia ser a dele, me dando apoio e me reconfortando. Quando ela acabou seu show, veio até o meu lado, sorrindo.

— Prima! Você está aqui... — Riu e me abraçou, sussurrando. — Eu consegui seu amigo e seu namoradinho.

Se afastou dando aquela risadinha, que para muitos era inofensiva, mas eu era a única que parecia saber e sentir ser falsa. Talvez somente os três entendiam o quanto eu a odiava, quer dizer, antes apenas Lana e Jeferson entendiam, agora as máscaras caíram para Rafael.

Me senti ser puxada, meu coração estava dilacerado em mil pedaços, não por ela, mas por Rodolfo, eu o amava e saber que ele ficou com ela e não comigo acabou com a minha autoestima, senti as lágrimas caindo em meu rosto. Me pergunto, por que eu tinha que gostar de garotos padrão? Garotos que nunca me olhariam duas vezes?

Fala sério, não basta o anterior que é gay? Agora isso?

— Alícia! — Ouvi a voz de Rafael me chamar e ergui os olhos, o enxergando um pouco embaçado, ainda estávamos no meio da multidão, mesmo que tenhamos saído do local anterior.

— Pare imediatamente com esses pensamentos.

— Como? Se é verdade? — Solucei aceitando o guardanapo que Lana me entregou, não faço ideia de como ela encontrou um, já me acostumei com essas coisas.

— Não é verdade.

Retrucou com veemência e antes que eu pudesse falar qualquer coisa, Rafael colou seus lábios nos meus, esse não era o meu primeiro beijo, mas foi o beijo que me arrepiou por completo. Sua boca era macia, apesar da pele áspera da barba por fazer, minhas mãos foram para seus ombros, sua língua pediu passagem e ela veio massageando a minha de forma que eu me sentisse a garota mais importante da minha vida.

Esse foi nosso primeiro e último beijo, afinal, por mais que ele me ache bonita e eu o ache extremamente sexy, nossa amizade é verdadeira e esse momento não foi um momento de paixão, mas sim de duas almas que precisavam se curar.

Apenas dois amigos lambendo suas feridas sem deixar que isso os afetassem.

Capítulo 01



Alicia Martini | Nem sempre o que acontece em Vegas, fica em Vegas

Atualmente...

Um barulho insistente estava me incomodando no meu sono de princesa, suspirei, fala sério, ninguém respeita mais a privacidade do sono de uma senhora de trinta anos? Sabe como é difícil dormir antes das onze horas da noite nos dias de hoje? Extremamente difícil! Ainda mais que tive que desistir dos meus livros brasileiros, das novelas turcas e dos doramas, nem falei sobre o fato de estar reassistindo supernatural apenas pelo conteúdo e o conteúdo sendo Sam e Dean Winchester.

Suspirei quando até minha gata me deu um tapa na cara para ver o que era, abri um olho e notei meu telefone tocando. Era João, o nosso amigo barman do Imperial Lounge & Pub¹, suspirei, atendi já sabendo quem seria e qual o motivo.

— Ei, João.

— Oi, Aly, sei que você já deve estar dormindo, mas...

— Rafael está aí, extremamente bêbado.

— Sim, e ele veio de carro dessa vez.

— Como se isso fizesse diferença. – Me levantei. – Chego aí em alguns minutos.

Nos despedimos, apenas coloquei um moletom por cima da minha blusa de pijama, liguei para Márcia, a minha Uber noturna conhecida, era para ela que Lana e eu corríamos quando tínhamos alguma emergência à noite. Morando em Ribeirão Preto não poderíamos dar muita sorte para pegar qualquer pessoa nessas horas, fizemos amizade com ela de dia, contamos da nossa vida e ela disse que fazia mais corridas à noite e foi assim que ela meio que se tornou a nossa motorista noturna particular.

Ela já nos conhecia e conhecia principalmente a história de Rafael.

Como explicar as pessoas que, de um cara completamente feliz, amigável e amável, o homem se tornou um... corno sofredor? Eu não sei que palavra dar para isso. Talvez voltar ao passado, quando ele conheceu Mariana, minha amiga e agora ex de Rafael. A amizade deles

¹ Pub criado para a história

começou com o famoso *enemies to lovers* e era até engraçado ver a evolução dos dois, contudo no início nenhum deles tinha maturidade para o relacionamento, porém, entre idas e vindas, eles foram amadurecendo e o amor também.

Até que Rafael começou a se apaixonar pra valer e Mariana não, é difícil dizer por que eu ficava no meio dos dois, ouvindo ambos e não conseguia tomar lados. Não até dois anos atrás, quando ela começou a usar meu amigo de escape para quando não tinha ninguém, usando de sua saúde mental para terminar, mas aparecia com outro e conversava com ele, o mantendo no famoso “banho-maria”, dizendo que o amava e gostava de ter sua amizade. Quando o cara terminava com ela, corria para os braços do meu amigo e o esnobava quando estavam juntos.

Então encontrava algum cara e terminava tudo dizendo que não estava pronta, falando de crises emocionais. Além de jogar a desculpa do início do relacionamento de anos atrás, quando o pai dele teve o primeiro infarto e ele teve que assumir a empresa com um rombo enorme e com muito custo, consegui fazer meu amigo deixar de ser workaholic.

Isso foi um pequeno resumo de tudo

Até que eles voltaram um pouco mais de um ano atrás, obviamente eles estavam juntos, contudo, meu amigo precisou se ausentar, porque o pai sofreu um segundo infarto somado de um AVC e a empresa teve outro rombo, agora era de meio milhão de dólares.

Quando pedi para ela ir vê-lo, que ele estava se afastando, Mariana soltou para mim um “outra vez uma desculpa dessas” por mensagens. Não consegui respondê-la, de tão cansada que estava de suas atitudes. Eu estava em uma palestra no Chile, apenas analisando a situação de longe, sem poder resolver da forma como gostaria.

Tentava conversar com ele, mas Rafael se esquivava, porém, eu o conhecia desde a infância e não tinha ninguém para tirá-lo do buraco que ele estava prestes a se enfiar, então usava todos os artifícios que eu conheço.

E em resumo da ópera, naquele período eles terminaram e meu amigo começou a decair cada dia mais, beber sem parar, chorar e virou essa fossa. Não que eu queira me gabar, contudo, a única pessoa que sempre conseguiu convencê-lo a sair da fossa fui eu, isso desde a adolescência. Sua mãe, uma mulher tirana e mesquinha, sempre debochou disso dizendo que eu deveria criá-lo e eu, que não sou a madre Tereza de Calcutá, falava que ele poderia me chamar de mãe com prazer.

Devido a isso, todos os barmen, donos de boates, bares e todos os lugares que ele frequenta possuem meu número para levá-lo para casa, para colocá-lo de volta ao eixo. Coloquei o alimento para Kiki, minha gata persa, falei para ela que mamãe logo voltaria e segui em direção ao saguão, já encontrando o carro de Márcia, assim que entrei, abri a boca de sono.

Minha amiga riu.

— Parece que senhor Rafael encontrará dificuldades quando encontrar uma certa doutora.
— Márcia implicou. Quando soube que eu tinha um doutorado, ela amava me chamar de doutora, mesmo que eu me sentia estranha, segundo ela, eu merecia mais do que muitos médicos e engravatados.

— Hoje não, mas espere amanhã quando ele estiver de ressaca. — Ela gargalhou.

— Poderia gravar e me enviar.

— Se importa de vê-lo de cueca?

— Apesar de gostar de outra fruta, é claro que não, ele é um homem bonito até para nós lésbicas.

Desta vez até mesmo acabei rindo.

Acabei cochilando no caminho, porque ouvi Márcia me chamar e abri os olhos no pulo do susto, paguei a corrida para ela, informando que o carro dele estava aqui. Adentrei o local luxuoso e completamente vazio com ódio, ali estava apenas os funcionários e é claro, meu amigo que chorava de forma deplorável.

Amanhã eu teria dó dele, hoje eu estava com raiva que ele atrapalhou meu sono, peguei um guardanapo, aqueles que usamos para secar a louça.

— RAFAEL ESPÓSITO! — Gritei e ele gemeu.

— Queeem fooooi queeee meeee deeeduuroouuu? — Sua fala era arrastada, antes dele gritar quando rodei o pano e bati com tudo em seus braços musculosos.

— Como você ousa atrapalhar o trabalho dos funcionários? — Coloquei a mão na cintura e ele encolheu os ombros e então começou a chorar.

— E-eu ãã-o q-quer-ria a-atr-apalhar.... — Chorou. — E-ela meee d-deixou eee e-está co-com o-otr-ro Aallyy... — Suspirei e me aproximei.

— Ele pagou? — O barman que não era o João e encarava a cena de olhos arregalados assentiu. — Quebrou alguma coisa? — Negou. — Certo, vamos pra casa, Rafael... — Comecei a apertar seus bolsos.

— Aaii, ttaa meee beeliiscandooo...

— Ainda não me viu beliscando direito. — Murmurei.

— Naaauuummm... — Negou. — Euuu vo dirigiindo... — Me beijou na bochecha. — Tá linda com um chineelo de cada cooor.

Meu sangue ferveu.

— VAI DIRIGINDO PORRA NENHUMA! — Arranquei as chaves das suas mãos e o puxei pela orelha. — Não venha me bajular menino.

— Ai, aiiii Alyyy!!

Nesse momento, o bar inteiro começou a rir, porque fala sério, Rafael tem dois metros de altura, é ele cresceu bem de altura e no porte atlético com braços extremamente fortes, eu ainda tenho um metro e sessenta, não era gorda como na adolescência, mas tenho peitos grandes e quadris largos, mas se ele quisesse com um empurrão eu ia longe e ainda assim, eu estava o dominando.

O coloquei no carro, dirigindo até seu condomínio. Sim, apesar de morar em um apartamento, era em um condomínio de luxo e morava na parte da cobertura, meu amigo apagou durante o caminho, o que agradei, porque se acontecesse como da última vez, seria ambos vomitando no veículo.

Tenho o estômago extremamente fraco para isso.

Assim que me viu dirigindo, o porteiro negou e me deixou entrar, ele me conhecia, todos aqui me conheciam e sabiam um pouco da história, mas eram todos decentes para não espalhar conversa ou fofoca. Se fosse no meu condomínio todos estavam sabendo em dois minutos, mas é melhor deixar baixo essa história.

— Rafa, chegamos em casa... — O chamei.

Ele apenas murmurou e saiu do carro, mas cambaleando, coloquei seu braço em meu ombro e juntos segui até o elevador privativo. Quando encostamos na parede do elevador, precisei dar vários tapas em seu rosto inúmeras vezes para que ele não dormisse, se não ele tombaria e iria os dois para o chão.

Quando entrei no apartamento, vi Rafaela e Igor na sala assistindo TV, assim que ouviram a porta eles pausaram o que quer que fosse e Raphaela suspirou.

— Te ligaram de novo? — Assenti para a irmã caçula.

— Eu te ajudo. — Igor veio pegar Rafael. — Vou dar um banho nele.

— Por que não me ligou? Poderia chamar Igor para te ajudar desde o estacionamento.

— Não sabia que vocês estavam aqui, ou acordados. — Fui sincera e ela assentiu, como se fizesse sentido. Rafaela suspirou, uma lágrima caindo do rosto dela.

— Odeio ambas.

— Faela...

— Não, Aly! — Me cortou, com mais lágrimas caindo. — O que ambas fizeram é desumano!

A puxei para um abraço.

— Vai dar tudo certo, eu prometo.

Só não sei se estava dizendo isso para ela ou pra mim, afinal, ver meu melhor amigo nessa situação era simplesmente horrível.

Capítulo 02



Rafael Espósito | Nem sempre o que acontece em Vegas, fica em Vegas

Minha cabeça estava doendo. As imagens se mesclavam entre o presente e o passado, no passado ainda conseguia me lembrar do meu pai no hospital, mais especificamente na UTI com seu segundo infarto, comigo há uma semana ali em contato apenas com Alícia falando comigo, por mais que disfarçasse, ela me conhecia desde a infância e sabia todos os meus disfarces.

Qual não foi minha surpresa quando Rian apareceu no hospital e eu gemi de frustração, pois sua postura de braços cruzados e cara fechada não era nada positiva. Isso só poderia significar uma coisa: Alícia o enviou aqui para me convencer a sair daqui e atrás dele, meu chão caiu quando vi minha irmã mais nova, Rafaela, com seus olhos castanhos claros, quase esverdeados, inchados de chorar e ali eu soube: ela me dedurou.

Trinquei os dentes fechando a cara, Alícia não tinha esse direito, porém, meu mundo desmoronou quando Rafaela correu até mim e me abraçou apertado, meus braços envolveram minha irmã. Aquela da qual criei desde infância.

— Por que você não me falou? — Soluçou.

— Porque Aly está exagerando... — Acariciei suas costas.

— Exagerando? — Sua voz estava embargada e ela se afastou e tocou meu rosto. — Você está magro, tem olheiras... — Negou... — Quanto tempo faz que não sai desse hospital?

Depois disso, uma nuvem de situações desconexas viera na minha mente, minha irmãzinha, meu pingo de gente, descobrindo tudo o que lutei anos para esconder: que eu sustentava mamãe, papai e ela há anos e minha mãe nunca verdadeiramente me criou.

Essa não foi a bomba completa, ela veio depois, com as imagens ainda desconexas.

Rafaela entrando pela porta do apartamento como um furacão. Estava com meu whisky em completa frustração, pois Mariana não atendia minhas ligações. Minha irmã estava furiosa, como nunca vi na vida, nesse ponto ela estava morando comigo, nossa vida já estava de cabeça para baixo com o divórcio dos nossos pais, que estavam vivendo de aparências há vinte anos devido à minha irmã e tudo para protegê-la, não que Rafaela concorde.

O caso é que, minha pequena irmã de um metro e meio parecia querer derrubar um gorila de dois metros.

Ela apontou seu dedo com a unha completamente roxa, sua cor favorita na minha cara.

— Você nunca mais vai se envolver com Mariana, está me entendido?

— E por que eu faria isso?

— Porque por um acaso encontrei ambas na cafeteria perto do shopping e vi a discussão dela com Alícia, enquanto nossa amiga te defende, a outra está falando atrocidades de você. Então, por tudo o que você ama, aquela garota só te enganou e pelo visto engana Aly também, mas isso é conversa para outro momento. Ela não ama ninguém além de si mesma e não a quero envolvida no nosso meio. Mariana pode dizer que tem crises emocionais, depressão, o escambau, não a quero perto de nós. Entendido?

Não consegui ficar calado e fui atrás de Aly para descobrir e a verdade era pior do que imaginei, a dor que senti foi dilacerante. Gritei, chorei, destruí tudo e no final, apenas ela estava ali para mim. Nossa amizade se fortaleceu na dor, principalmente porque Mariana acabou se afastando dela também. Alícia sempre foi esperta, jogando verdes e descobriu que Mariana contava partes de sua vida para pessoas que ela não queria que soubessem.

Essa ruptura apenas nos mostrou a amizade forte que ambos tínhamos.

A grande surpresa nisso tudo é que Rian e Rafaela se tornaram uma peça essencial para essa cura, nosso quarteto ficou forte. Claro que tive que abrir exceções, afinal, minha irmãzinha namorava e eu tinha que aguentar Igor na minha vida.

Infelizmente o amor por Mariana não era tão fácil assim de se superar.

Um barulho ensurdecedor começou a me atormentar, em nada se relacionava com meus sonhos desconexos ou com a dor que eu sentia, aos poucos entendi que eu estava voltando a consciência e a dor era a minha cabeça, o barulho? Uma maldita panela batendo bem na minha orelha.

— Acorda Rafael, vamos, o sol já vai raiar! — A voz irritante da minha melhor amiga, somado ao sol forte das seis horas da manhã, me cegavam.

Joguei a coberta nos meus olhos.

— Pelo amor de Deus, mulher você não tinha uma palestra hoje cedo? — Gritei um som meio abafado e gemendo de dor da ressaca.

— Tenho, mas liguei na universidade dizendo que iria atrasar uns minutos e que levaria Rafael Espósito para palestrar, sabe como o Reitor ficou com os olhos brilhando.

Abri a boca indignado, mesmo sabendo que ela não poderia ver.

— Você sabe que eu não dou palestras!

— Mas hoje você dará! É a primeira parte do seu castigo por me fazer acordar de madrugada! — Ela puxou a coberta com força. — Agora vai tomar banho.

— Que merda mulher, que força é essa? — Reclamei e gritei de dor quando ela me puxou pelas orelhas e pelos cabelos. — Ai, Aly! Eu já estava indo!

— Te conheço desde a infância, Rafael! Você estava indo uma ova!

Alícia então me jogou de baixo do chuveiro que já estava ligado e gritei, a água estava gelada, como se não bastasse isso senti um balde d'água gelada e...

— Você jogou um balde d'água com gelo EM MIM? — Olhei para baixo, agora realmente completamente desperto e notei que estava de cueca.

Encarei minha amiga que tinha um sorriso perverso e minha irmã ao fundo que ria com um celular, provavelmente me filmando.

— Agora, sim, minha vingança está completa.

— Mulher diaba dos infernos! Não sei como ainda sou seu amigo!

Reclamei, mas ela simplesmente deu as costas e saiu do banheiro e eu? Continuei tomando o maldito banho, trocando a água gelada pela água quente porque eu estava tremendo de frio, mesmo que fervendo de ódio.



Emburrado, segui já de terno e camiseta social, apesar de não usar gravata, essa era a minha roupa normal de trabalhar, independente se daria palestra ou não. Sentei no meu local habitual e Alícia colocou um copo de café, duas aspirinas e um engov para mim, além de pão com ovo mexido.

— Toma, vai melhorar na ressaca, seu castigo já passou. — Aly comentou, minha irmã, a traidora apenas ria escondido atrás da proteção de Aly.

— Vocês mandaram o vídeo para a Márcia, não foi?

— Claro, ela e a esposa amaram seu tanquinho. — Zoou Alícia e eu quase vomitei.

— Não quero ser objeto de desejo sexual de outro casal, Alícia...

— Mas pensei que vocês homens gostassem... — Ela se sentou na minha frente. Fiz careta.

— Não esse homem aqui. — Suspiramos. — É basicamente a música: quem eu quero não me quer, quem me quer não vou querer...

Alícia fez uma careta.

— Você e essas músicas...

— Falando nisso, vai ter o Vila Mix nesse final de semana, vamos comigo?

— Sério que está perguntando pra mim? — Ironizou. — Por que não pergunta ao Rian?

— Esse tipo de pergunta não se faz aos homens, mas sim a mulheres e o Rian já vai, a gente o encontra lá.

— Não sei, já não gosto muito das músicas, ainda vou ficar de vela de vocês dois que são pegadores... Não é pra mim... — Começou enrolando o cabelo, fazendo como sempre fazia quando estava sem graça de algo.

— Ei não se preocupe com isso, não vou te abandonar, prometo.

Ela assentiu, terminamos o café da manhã, nos despedimos da minha irmã e cunhado, em seguida seguimos para a garagem, quando vi meu carro meu corpo inteiro gelou e encarei Alícia que riu, me deixando tranquila.

— Apesar de estar completamente bêbado, você não vomitou e conseqüentemente nem eu.

Respirei aliviado e só então notei suas roupas: seu pijama brilhante, um robe por cima e chinelos de cores diferentes, sorri jogando um charme. Sabia que teríamos que passar em sua casa de qualquer forma, contudo não resisti:

— Bonita a sua escolha de roupa para palestrar.

Alícia revirou os olhos, me deu um tapa no ombro.

— Vá catar coquinho na esquina, Rafael!

Gargalhei e entramos no carro.

Capítulo 03



Rafael Espósito | Nem sempre o que acontece em Vegas, fica em Vegas

Sábado chegou com uma velocidade absurda, o dia da festa veio com ele e eu estava empolgado. Quer dizer, fingia estar empolgado, não é como se eu ainda não sentia a dor de perder Mariana, vê-la com outro pelas festas que frequentamos ainda doía, mas não voltei a beber, mesmo que essa vontade ainda vinha de dentro do meu âmago.

A diferença é que agora voltei a me enfiar no trabalho, foquei completamente na empresa, peguei todos os projetos grandes que eu poderia e disfarçava sempre que possível, principalmente para Alícia, a mulher tinha um olhar perspicaz para essas situações.

Como minha irmã iria junto, ambas resolveram se arrumar no apartamento, comecei na cerveja, caso contrário passaria mal de já misturar as bebidas. Iriamos no camarote da Brahma e meu cunhado estava vendo um jogo na TV, mas eu estava concentrado no contrato que fechamos ontem. A equipe de marketing começou os esboços e eu estava anotando algumas alterações.

Ouvimos saltos e imediatamente me levantei, sorri ao notar a diferença. Minha irmã usava uma camisa xadrez, jeans claros com babados, chapéu e botas de caubói, roupas típicas de um evento sertanejo. Enquanto Alícia usava uma calça jeans preta e um coturno, uma blusa colada ao corpo que destacava seus seios, pulseiras douradas em seus braços, olhos castanhos e cabelos loiros escuros.

— Juro que tentei fazer com que ela usasse pelo menos uma camisa xadrez por cima da baby look preta, mas nem isso! — Protestou Rafaela, já Alícia revirou os olhos.

— Qual a necessidade de ir com uma camiseta xadrez se lá eles vão nos entregar blusas da marca?

— Alícia, você está parecendo uma roqueira!

— Desiste, Faela, se nem Lana conseguiu fazê-la desistir, você não consegue. — Minha irmã bufou com meu comentário e saiu pisando duro.

— No final, você sempre será nossa roqueirinha. — Citei a música de João Carreiro e Capataz e Alícia riu.

— Acho que enquanto eu andar com vocês, essa música vai me perseguir pelo resto da minha vida. — Ela me abraçou. — Agora vamos.



No local encontramos Rian, era engraçado como no passado eu sentia ciúmes da amizade dele com Alícia, porque ele esteve ao lado dela em um momento em que eu não estive. No primeiro infarto do meu pai, acabei me afastando, namorei uma garota que não deveria e com isso nossa amizade se esfriou. Como consequência ela conheceu Rian e ambos se tornaram inseparáveis, ele e seu primo que hoje está na Austrália e graças a Deus longe da equação, fizeram o trabalho que eu não consegui fazer:

Manter Alícia feliz e isso me deixou puto.

Não foi até uma situação com o próprio Rian acontecer e Alícia nos apresentar que vi, o cara era gente boa e apenas meu ciúme idiota tomou conta, eu sempre tinha ciúmes de Alícia com outros homens e normalmente não gostava de nenhum de seus namorados. Algo dentro de mim dizia que eles não se encaixavam. Faltava algo.

Balancei a cabeça, esse era um ambiente para pensar em coisas animadas, a música já rolava a solta no ambiente, fazendo Rian e eu cantar aqueles sertanejos como dois loucos, enquanto aguardávamos nossa vez para pegarmos nossas camisetas do camarote.

Depois que colocamos as camisetas, Alícia apenas fez um decote singelo na sua como decoração, a camiseta manteve-se colada em seu corpo e ela ficou ainda mais bonita, não tinha como expressar em palavras e eu não conseguia pensar em nenhuma para comentar sobre.

Quer dizer, ela estava gostosa, mas me sentia mal em pensar na minha melhor amiga assim, ela é minha amiga, minha irmã e eu não a vejo dessa forma. É uma amizade genuína.

Respirei fundo e fomos para a área mais privativa, não era como o rancho de Barretos, mas ajudava a manter longe da muvuca quando necessário.

— E então, vieram de carro ou de Uber? — Encaramos Rian.

— Uber.

Nosso amigo encarou Alícia de boca aberta, tamanho o choque de sua resposta.

— Você vai beber essa noite?

— Ah... — Enrolou a ponta dos cabelos no dedo, completamente sem graça. — Não sei, talvez não, vou me manter no refrigerante.

— Alícia, viemos de Uber para você se divertir, não da para você se manter de álcool. — Protestei.

— E quem vai cuidar de vocês dois? — Apontou os dedos para nós dois. Ryan se afastou, encostando na cadeira indignado.

— Não preciso de ninguém para cuidar de mim.

— Vocês dois não precisam de ninguém para fazer merda com vocês, não é. Sozinhos colocam suas vidas em perigo e eu estou aqui para mantê-los, pelo menos vivos e longe da cadeia.

— É por isso que você é nossa mãe. — Sorri orgulhoso.

Nós três caímos na gargalhada e nos abraçamos.

Engraçado como a vida é, no passado éramos um quarteto, hoje esse mesmo grupo se desfez, mantendo apenas dois integrantes e se tornando um trio. Lana tornou-se médica e com a vida corrida, quase não tem tempo de respirar e quando está fora dos plantões, fica com seu atual noivo, Marcos. Jeferson acabou se afastando do grupo há algum tempo e o pouco contato que eu tinha com ele, era apenas profissional, já que ele é meu advogado.

Começamos a cantar as músicas mais uma vez desafinadamente, Rian em determinado momento saiu com alguma garota, normalmente eu faria o mesmo, mas como desta vez Alícia estava sozinha, resolvi me manter ao seu lado, bebendo minha cerveja.

— Ei. — Me chamou e eu a olhei, mesmo com os coturnos de salto, ela ainda era mais baixa que eu. — Pode ir dar uma volta, sei que quer e precisa extravasar.

Estreitei meus olhos.

— Tem certeza?

Desta vez ela revirou os olhos, me pegou pelos ombros e me virou.

— Absoluta, sou uma adulta, então vá caçar!

Ela me empurrou, mas também deixei que me empurrasse já que seu pequeno corpo não teria força o suficiente para isso e no final segui meu caminho.

Como estávamos no camarote, apesar de ter algumas pessoas, eram poucas e bem selecionadas, sorri para algumas mulheres, que era cada uma mais linda do que a outra, mas parecia que nenhuma tinha o mesmo brilho do que Mariana.

Desviei o caminho e fui até o banheiro, joguei meu copo de cerveja no lixo e entrei ali, o ambiente estava vazio, lavei meu rosto com água gelada e eu precisava tomar um rumo na minha vida. Não posso ficar pensando na minha ex dessa forma, vai completar dois anos! Ela realmente não se importa, já passou, virou a página, está inclusive com outro e eu aqui, lamuriando, sofrendo por um alguém.

Como diz Alícia, sofrendo como as músicas de corno das quais eu ouço.

Saí do banheiro e encontrei Rian, beijando uma bela ruiva e dei risada, o cara não perdia a oportunidade, normalmente eu estaria exatamente como ele, mas nos últimos dois anos eu mudei, algo dentro de mim estava diferente. Dei sorte por estarmos no camarote, apesar do

espaço amplo, não era tão grande como na arena, então não perderia minha amiga tão facilmente.

Contudo, a cena que vi ferveu meu sangue, havia um grupo de homens ao redor de Alícia, um ousou abraçá-la pelo pescoço, como se tivesse uma intimidade de anos. Com passadas largas e pesadas, a agarrei pelo braço e a puxei com força contra meus braços, sentindo minhas narinas infladas de raiva, meu sangue correndo nas veias e minha mente imaginando inúmeros cenários dos quais eu poderia socar esse filho da puta sem ser expulso do camarote.

— Rafael, o que diabos...?

— Ela está comigo. — Trinquei os dentes para falar, fechando a mão que não estava segurando Alícia em punho, com muita vontade de esmurrar o engraçadinho.

— Pois ela disse que está sozinha e eu acho que a vontade dela é a que prevalece.

Tentei avançar, mas senti a pressão de Alícia contra meu peito, somente isso me impediu um pouco de avançar e nesse momento Rian apareceu de não sei onde.

— O que está acontecendo? — Expliquei a situação rapidamente e ele entendeu o ponto. — Ela é minha irmã, cara e está conosco. Não toquem nela.

— Foi mal, cara, a gente não sabia.

Empurramos Alícia até um canto mais afastado, precisava controlar a minha raiva de ter visto aquela cena, aparentemente eu não era o único com raiva.

— Vocês dois são inacreditáveis!

Encarei Aly confuso.

— Desculpe...?

— Não se faça de sonso, Rafael, você sabe exatamente do que estou falando. — Rangeu os dentes, cruzando os braços, fazendo seus seios subirem, pisquei confuso voltando minha atenção para sua fala.

— Na verdade, Aly, não fizemos nada de errado além de te proteger. — Rian me defendeu e eu concordei.

— Me proteger? Proteger de quê? Vocês se lembram que tenho vinte e nove anos e não nove, certo?

— Aly, eles queriam...

— Me beijar? — Gritou me cortando. — Talvez eu quisesse ser beijada! Fala sério, Rafael. Já vim em um festival da qual não curto apenas para fazer vocês felizes, ambos foram beijar mulheres e eu, quando finalmente encontro algum cara que se interessa por mim, os dois espantam como dois ogros neandertais!

— Não tem como sermos ogros e neandertais... — O olhar que ela lançou a Rian fez o rapaz se encolher e ele deu dois passos para trás. — Desculpa.

— Embora tenhamos sido péssimos amigos, não pude beijar nenhuma garota. Apenas fui ao banheiro, – Ryan desviou o olhar sem graça, ele obviamente beijou algumas - mas vamos combinar o seguinte: como não vou conseguir me envolver com garotas e só quero me divertir agora, posso ficar com você e evitar uma noite horrível. O que acha?

Alícia olhou para nós dois, soltou um suspiro.

— Eu odeio vocês dois e suas caras de cachorro que caíram da mudança, fala sério!

Rian e eu comemoramos a abraçando apertado e voltamos para próximo da arena, cada um de um lado, pegamos nossos copos, enchemos com chopp e seguimos o resto do caminho. Começamos a cantar as músicas erguendo as mãos, como se aquilo fosse a coisa mais sofrida do mundo.

Talvez para mim cantar aquelas músicas no meu estado era tudo o que eu mais precisava, muito mais do que beijar mulheres, principalmente porque a cara de Alícia quando Rian e eu a encarava era impagável.

Só que, quando chegou na música **Vou Derreter a Aliança**, da dupla Zé Neto e Cristiano, foi impagável, nós três tivemos que rir, afinal cheguei a comprar a aliança para Mariana.

— *Eu tava tão certo quando eu decidi, pedir a sua mão foi a maior besteira que eu fiiiiz... Inocente eu fuui, mal sabia o que estava por vir...*² — Cantei o trecho.

— Você só não parcelou a palhaçada toda no cartão por ter o dinheiro todo para comprar à vista. — Rian ainda teve a cara de pau de me zoar e eu dei um soco em seu ombro de brincadeira.

— Mas ele está tomando todo o valor em cachaça, ah isso ele está sim!

Até que a batida e o som de guitarra mudaram, então Rian e eu gritamos e eu achei que os olhos de Alícia ficariam em sua nuca, afinal ela os revirou extremamente forte. Na época que saiu a música, eu estava afastado dela e foi quando Rian a conheceu, inclusive ele que disse que a música era para ela, já que ele confessou que na época era apaixonado por ela.

Eu o entendia, como não se apaixonar? Desde nova ela tinha essa personalidade dominante, que por onde passava chamava a atenção. Agora já não tinha mais esse problema em ouvir a música.

— *Ela curte heavy metal, trance e outras piras, eu só ouço Tião Carreiro, e toco viola caipira... eu não sei se mais tarde eu entro na dela ou ela na minhaa... só sei que eu estou de queixo caído na roqueirinhaaaa*³... — Conforme cantávamos, apontamos para Aly que apenas ria dançando de braços abertos como quem diz “fazer o que” aceitando a música.

² Início da estrofe da música Vou Derreter a Aliança da dupla Zé Neto e Cristiano como citado no texto

³ Refrão da música Roqueirinha da dupla João Carreiro e Capataz

— A próxima é dos dois safados mulherengos. — Aly ironizou quando a música: Aquele 1% começou a tocar.

— Se bem que, Rafael está quebrado, já que faz quase dois anos que só pensa em uma única pessoa... — Dei um soco em Rian, fazendo os dois rirem ainda mais.

— Você está tão engraçadinho hoje. Só para constar, hoje que eu não estou querendo pegar ninguém, ok?

— A gente finge que acredita.

O resto da noite foi completamente divertida, Rian acabou se afastando mais uma vez e não retornou mais, provavelmente deve ter encontrado alguém para finalizar sua noite.

Às quatro da manhã, Aly e eu resolvemos sair do evento, pedimos a nossa Uber favorita e ela já estava de prontidão nos esperando. No meio do caminho notei como ela estava andando mais lentamente e neguei.

— Vocês mulheres e esses saltos mortais.

— Os meus nem são finos desta vez e outra, temos que estar lindas e com as pernas alongadas.

— Por que não tira? — O olhar que Aly me deu foi como se eu tivesse cometido o pior dos erros e respirei fundo. — Certo sobe. — Mostrei minhas costas.

— Rafa...

— Não começa Aly, o carro está longe e com a sua lentidão chegaremos no ponto de taxi só amanhã! Com você nas minhas costas economizaremos tempo.

— Você sabe que...

— Se falar que é pesada, eu te joga nos meus ombros. — Ela então deu o impulso e a segurei pelas pernas, bufei. — Leve como uma pena, sabe quanto peso pego na academia? E não uso anabolizantes para isso?

— Tudo beeem. — Ironizou. — Vamos, cavalinhos pocotó, fez muita propaganda... — Ela começou a rir e a pular, segurei firme suas coxas grossas, acabei rindo com ela.

— Quantos anos você tem?

— Atualmente? Cinco.

Seguimos até o local assim, rindo e nos divertindo. Os ubers aguardavam no mesmo local que o ponto de táxi, não demorou muito e encontrei Márcia, ela já havia me zoadado devido ao vídeo da ressaca. Coloquei Aly no banco e entramos, dei o endereço da minha casa, minha amiga iria dormir lá.

— Você vai acordá-la? — Apenas quando Márcia me chamou, notei que já estávamos na frente do meu condomínio, vi também que Alícia estava dormindo e neguei de olhos arregalados.

— Enlouqueceu? Alícia odeia ser acordada, eu vou levá-la.

Peguei minha amiga nos braços, ela realmente não pesava nada. Meu porteiro ajudou a abrir o elevador e para entrar na minha casa foi extremamente fácil, mesmo com uma pessoa em meus braços. Na minha casa havia um quarto reservado para Alícia e a coloquei na cama, retirei seus sapatos, fazendo uma leve massagem negando, como mulheres eram loucas de machucar seus pés apenas para ficarem bonitas.

— Durma bem, Aly.

Capítulo 04



Alicia Martini | Nem sempre o que acontece em Vegas, fica em Vegas

Os dias foram passando e eu apenas observava Rafael e me preocupava cada vez mais com ele. Ele se tornou um workaholic mais uma vez, mas ele tentava esconder isso durante os happy hours, mas eu já o conhecia há muito tempo e sabia que algo não estava certo. Seus olhos não tinham mais aquele brilho de antes e ele não saía mais com as mulheres como antes.

Rafael sempre foi o homem que não aguentava ver um rabo de saia, nós dois até brincava que era seu estilo Don Juan, afinal, ele era um galanteador de mão cheia. Esses detalhes, além de outras coisas das quais sou acostumada a conhecer do meu amigo, indicava meus pensamentos.

Sei disso porque muitas vezes ele se esquecia que eu era garota e contava suas aventuras com os amigos e não tinha papas na língua, era por isso que sou quem sou hoje, aprendi com os melhores a como lidar com homens.

— Ei Aly! — Daiana chamou minha atenção, sorri para ela, deixando o resto das minhas coisas na mesa. — Poderia me dar uma carona até a próxima escola? Palestrarei depois de você e meu carro resolveu pifar.

— Claro que podemos! Só espero que os alunos estejam realmente interessados... — Suspirei.

— Eles nunca estão. — Fez careta e concordei.

Daiana e eu éramos doutorandas e pesquisadoras linguísticas, não era incomum darmos palestras para outras universidades, ou até mesmo para outros pesquisadores quando encontrávamos algo de diferente. Também tínhamos alunos que pegávamos para o famoso e temido TCC ou na USP para programas sociais em conjunto com outros professores.

Eu não era uma simples professora, ainda havia meu pós-doutorado em linguística, latim, gaélico e algumas línguas que já não existem mais no nosso alfabeto. Porém, com muito estudo e esforço consegui aprender na raridade das faculdades, não era incomum eu receber comissões gordas para traduzir manuscritos encontrados em tumbas ou nas runas encontradas em escavações.

— Você está com uma expressão de quem está vivendo na era vitoriana na França, cometeu um crime hediondo e vai para a guilhotina.

— Estou aqui pensando na nossa vida...

— Como pode estar pensando na sua vida se você vai para Las Vegas nesse final de semana?

— Fiz uma careta. — Você está pensando em desistir?

— Não cheguei a pensar em desistir em si... — Suspirei — Estava pensando na nossa vida acadêmica.

— E o que isso está relacionado? — Daiana soltou uma leve risada. — Aly, nós ganhamos o suficiente para você gastar em vários cassinos, com muitos gogoboyes... — Piscou e desta vez acabei rindo.

— Você tem um ponto. — Afinal, apenas a minha família pensa que morro de fome com minha profissão. — Ainda assim, não é isso...

— Então é o quê?

Terminei de arrumar as minhas coisas, hesitei e ponderei se deveria ou não contar a Daiana os meus planos. Daiana tinha a pele bronzeada, talvez por sua origem do Rio de Janeiro, já não tinha mais quase o sotaque carioca por estar aqui há algum tempo, ainda tinha os cabelos negros enrolados e os olhos castanhos expressivos que me encaravam em busca de uma resposta.

Confiava nela completamente, a questão é que não sei se eu estava pronta para confessar a mim mesma, os motivos da minha decisão, já que não sei se as decidi por completo.

— Uma pessoa próxima de mim está com alguns problemas, mesmo que ele não conta, mas da última vez... — Neguei pensando na minha viagem ao Chile. — Então, vou cancelar minha viagem até Las Vegas.

Daiana abriu a boca e arregalou os olhos em choque, contudo, antes que ela pudesse falar qualquer coisa, a chamei para irmos até nossa palestra, caso contrário, ambas nos atrasaríamos e o assunto ficou para trás.

Ponto de Vista Rafaela

Ponto de vista Rafaela

Aproveitava o dia para almoçar no shopping enquanto meu irmão, Rafael, finalmente me deu uma folga do trabalho. Ele andava impossível no modo viciado em trabalho, e o RH ficava enlouquecido junto com a terceira equipe de marketing, que cuidava da melhoria e satisfação dos funcionários.

Queria entender o que estava acontecendo com ele, quer dizer, ele parecia bem, não parecia? Quando perguntava, o homem sorria, beijava minha testa e dizia que tudo estava certo. Suspirei pegando meu milk shake de baunilha, quem sou eu para julgar, eu não o conhecia em nada, mesmo que ele tenha me criado.

— Ah, oi... — Uma voz chamou minha atenção, era uma jovem linda, com longos cabelos cacheados. — Acho que te conheço, você é Rafaela? Amiga de Alícia? Sou Daiana.

Imediatamente conectei os nomes aos pontos e abri um enorme sorriso.

— Daiana! É claro! A outra doutora linguística que trabalha com Aly, certo? Que coincidência. — Acabei rindo.

— Sim e muita. Mas estamos dando uma palestra em uma faculdade aqui próxima, mas fiquei ansiosa, Aly está terminando a apresentação e vim comprar algo para comer.

— Olha, gosto muito desse milk shake. — Brinquei apontando para meu copo.

Ficamos conversando sobre inúmeros assuntos, conversar com Daiana era como conversa com Aly no modo palestrante, mas, ao mesmo tempo, cada uma com sua peculiaridade, a de Daiana era de clássicos e aprendi mais com ela do que na escola.

Até que ela viu que estava dando seu horário e nos despedimos pegando nossos números, contudo, antes de sair, Daiana hesitou, estreitei os olhos.

— Tem algo que queria me contar?

— Na verdade, não sei se devo, mas fiquei preocupada. — Mordeu o lábio inferior.

— Se está te preocupando, então deve me dizer, o que aconteceu, é com Aly?

— Tecnicamente. — Ela soltou um longo suspiro. — Ela me disse hoje que está pensando em cancelar a viagem para Las Vegas por um assunto pessoal, ela não quis me dizer, mas talvez você saiba que assunto é esse.

Engoli em seco e devo ter ficado mais branca do que já sou, pois Daiana começou a me abanar em desespero. Peguei em suas mãos, olhando em seus olhos.

— Daiana, serei eternamente grata por você ter me contado isso, sei o que está acontecendo e Alícia vai entrar naquele avião, nem que seja pelos cabelos!

Ela riu e eu dei uma risada sem graça, me perguntando quem teria coragem de colocar a mulher pelos cabelos no avião.

Eu que não serei a louca.

Quando a jovem saiu da minha visão, peguei meu telefone e liguei para a única pessoa que era minha aliada nesse momento:

— Rian? Você está no escritório? Precisamos conversar. É sobre Aly e Rafael e como os dois são teimosos e o que vamos fazer com ambos.

2 anos atrás

Eu estava desolada, Igor me amparava porque não sei como estava conseguindo andar, mais uma vez ver meu pai naquela situação não era fácil. Era seu segundo AVC e para ajudar deu alguma outra seqüela da qual não entendi, pois mais uma vez meu irmão tomou a frente e não disse nada a nós, apenas me abraçou e tirou o médico da sala e conversaram em particular.

Desde então, faz vinte dias que eu tentava visitá-lo, mas não conseguia, já que ele estava na UTI. Rafael era uma figura constante ali, vi Lana pelos corredores e a garota apenas acenou, ela é amiga de infância do meu irmão, tornou-se uma ótima pediatra e usa de todo seu tempo para ajudar crianças, quando não está aqui no hospital particular, está nas comunidades mais carentes, usando do dinheiro e recurso da família para ajudá-los.

Nesse meio todo, quem eu não estava entendendo era minha mãe, parecia que ela estava tentando me impedir de ver meu pai, mas talvez pode ser apenas coisa da minha imaginação. Na primeira vez que isso aconteceu, não me lembro direito o que aconteceu por ser muito nova, apenas lembro da dor e confusão e, ao mesmo tempo, de conforto, o que é confuso em uma situação como essa.

— Amor... — A voz de Igor me tirou dos pensamentos e ergui a cabeça, franzindo o cenho ao ver Rian.

Olhei o relógio, era tarde da noite para o amigo do meu irmão estar ali, meu coração disparou e engoli em seco. Será que aconteceu alguma coisa?

Meus pés que antes pareciam chumbo, agora estavam mais leves e fui até ele.

— Ei Rian, que surpresa ver você aqui – o abracei – está tudo bem?

— Oi Rafa, bem... – coçou a garganta – depende do ponto de vista.

O encarei completamente confusa, até que ele completou:

— Estou aqui a pedido de Aly, que como sabemos, está no Chile, e eu acho que está na hora de você saber algumas coisas a respeito do seu irmão e o motivo dela ser tão protetora com ele e, porque ela é a única que consegue convencê-lo de alguma coisa.

Minhas pernas tremeram de vez e senti o toque quente e firme do meu namorado, sua voz firme e baixa conduzindo a situação que eu mesma não conseguia:

— É melhor irmos conversar na cafeteria.

Concordamos e seguimos até a lanchonete e cafeteria local, jamais vou me esquecer o local frio, talvez porque ali minha vida mudou para sempre. Antes daquela conversa, eu era completamente alheia ao que acontecia na minha própria vida. Lutei muito por um estágio na empresa da família, mesmo com Rafael e mamãe contra minha participação, enquanto papai, já aposentado, nunca disse uma palavra a favor ou contra.

Até então, pensei que ele me achava incompetente, só que agora vejo que a situação é muito pior. Chorei nos braços de Igor, meu irmão estava ali fazia vinte dias, sem ir para casa, apenas tendo uma troca de roupa que pedia para alguém trazer, não se alimentava e minha mãe era conivente com tudo isso! Meu pai, estava em uma ala que precisava de acompanhante, independente do gênero, já que a sala é privativa, mamãe deveria estar o acompanhando e isso não acontecia.

Para piorar a situação, algo realmente grave aconteceu na empresa, sei disso porque trabalho no RH, Rian não disse, mas como ele informou o desespero de Aly, mostrou que ela sabia, então provavelmente meu irmão contou a ela.

Limpei as lágrimas e pela primeira vez em vinte e um anos, tomaria a rédea da minha vida, estava na hora de saber o que acontecia na minha família perfeita, ou não tão perfeita assim.

— Vou precisar da ajuda de ambos para caso precise o arrastar.

Igor e Rian concordaram comigo, meu namorado estava extremamente chocado, pobrezinho se ele estava assim imagina eu que sou a pessoa envolvida na situação? Conversei com médicos e enfermeiros, a grande maioria conhecia meu irmão e estavam preocupados com sua saúde.

Isso me fez ficar entre agradecida e envergonhada, como não vi isso antes? Quão cega eu fui? Coloquei esses questionamentos de lado, agora é hora do meu irmão e eu espero ter a fibra necessária para tirá-lo desse lugar.

— Rafaela? O que você está fazendo aqui? Aconteceu alguma coisa com mamãe? Você esteve chorando... — Meu irmão veio imediatamente em meu encontro, tocando em minha bochecha e aquilo me aqueceu.

Rafael era o meu herói, quer dizer, ele ainda é o meu herói. Ele que me ensinou todas as coisas, era para a cama dele que eu corria nas noites de chuvas fortes, mas apresentações da escola, lá estava meu irmão aplaudindo e com um enorme sorriso. Nos treinos de balé, Rafael sempre foi uma figura constante na minha vida, muito mais do que um irmão deveria ter sido.

Isso não era para ser um sinal?

— Mamãe está bem, mas quer saber o que está acontecendo? Meu irmão está no hospital há vinte dias e não revezou com ninguém. — Toquei em seus olhos. — Você está com olheiras... — Sussurrei.

— Faela...

— Não venha com Faela para meu lado! A situação está tão crítica que Aly enviou Rian para te interditar! — O rapaz citado apenas olhou para baixo, completamente sem graça. — Quero a verdade, Rafael. Agora de preferência. — Me afastei cruzando os braços.

Meu irmão abriu a boca inúmeras vezes, mas nenhuma fala saiu de sua boca, até que Rian foi quem quebrou o silêncio:

— Essa frase hoje está sendo bem repetida e fazendo muito sentido, mas acho melhor irmos conversar na cafeteria do hospital.

Concordamos, meu irmão conversou com a enfermeira, ela era uma mulher idosa extremamente magra, quando Rafael terminou de falar ela abriu aquele sorriso de avó, completamente reconfortante.

— Rafael, meu querido, você vai até a cafeteria, não precisa ser avisado, todos aqui já te conhece, seu pai está bem. — Ela nos encarou. — Acho que você precisa conversar com seus amigos e aliviar sua alma.

Seguimos até a cafeteria outra vez em silêncio e quando ali chegamos ali e nos sentamos, cada um pediu um café bem forte, mesmo que ninguém conseguisse tomar nada, eu pelo menos, não iria conseguir, já que meu estômago estava embrulhado.

— Sinceramente, não sei por onde começar. Como tudo isso começou? — Meu irmão foi quem começou a falar.

— Talvez eu devesse começar. — Rian tomou a frente. — Aly me ligou desesperada, nós conversamos e ela me disse que faz vinte dias que você estava aqui no hospital, sem ir para casa, sozinho e como ela estava no Chile, não conseguia sair de lá e estava preocupada.

— Ela também conversou comigo, mas a conversa foi diferente. — Franzi o cenho. — Ela perguntou se eu estava bem.

— Nesse meio, ela me pediu para vir falar com você, te obrigar a ir para casa, revezarmos para cada um ficar um dia, te aliviar cara, já que é para isso que amigos existem e estranhamente nós dois sabemos que por ser Alícia que fez o pedido você acataria. Só que encontrei Rafaela... e Apesar de Aly ter me pedido uma coisa, não acho justo sua irmã não saber.

Meu irmão ouviu tudo, respirou fundo, passou a mão no rosto e ele se quebrou ali, me levantei da cadeira, sentei ao seu lado e o abracei, ele não chorou, mas senti seu corpo tenso e eu chorei por ele.

— Mamãe não queria que eu viesse. — Silêncio. — Por que Aly sabe e te entende mais do que eu? Por que você a obedece tanto? Por qual motivo ela tem tanto poder em você? Por que ela e não Mariana está tão preocupada com você?

Engoli em seco, eu amava Alícia, ela é o ser mais doce e forte do mundo. Cresci vendo sua evolução, mas meu irmão tem namorada e nem mesmo com Mariana eu o vejo sendo assim, será que tem alguma coisa obscura? Será que Alícia é aquele tipo de amiga manipuladora?

— Porque Alícia, mesmo sendo criança e foi a única que me deu o tipo de amor e carinho que eu precisava e não é no sentido romântico da palavra. — Meu irmão disse em um tom sombrio.

— Como é? — Eu estava em verdadeiro choque e talvez até mesmo os outros da mesa estavam.

— Sueli nunca quis um filho homem, quando nasci ela apenas me deu o básico, papai estava concentrado demais trabalhando para nos sustentar e manter o império da família para notar qualquer coisa. Quando você nasceu, você foi a coisa mais linda que eu já vi na vida, tão pequena, com cabelos ralos que já notava serem loiros e eu sabia que seria a perdição. Ali Sueli disse que era a minha obrigação cuidar de você.

— Rafa... — Sussurrei com o peso das últimas palavras.

— Só que, cuidar de você nunca foi um fardo ou uma obrigação. Eu nunca tive afeto, eu só tinha obrigações e fazia tudo em casa: limpar, cozinhar e cuidar de você. Olha que na época já tínhamos condições de contratar alguém para fazer isso. Mantive assim, Jeferson e Lana sempre tentavam me ajudar, mas não conseguiam. Até que chegou aquela garotinha de cabelos castanhos, olhos perspicazes e nariz empinado, colocando ordem em tudo, mas, além disso, ela começou a me dar atenção.

Meu irmão fechou os olhos, mantendo-se em silêncio.

— Nós dois nos unimos, ela me defendia da Sueli e eu a escondia quando ela precisava se esconder de sua mãe, tão narcisista quanto a minha. Até que já estava na empresa trabalhando para papai, já tinha passado por todos os setores e finalmente cheguei na presidência, sofremos o primeiro golpe dos acionistas. Mãe disse ser minha obrigação nos sustentar e sustentar toda a família, tomei todas as contas de casa, cuidei do papai, mas na época estava afastado de Alícia. Entenda, faculdade, todas as coisas acontecendo, me afastei completamente, fiquei mais frio.

— Eu lembro, comigo você não mudou, mas ainda assim havia uma frieza, seus olhos perderam o brilho.

— Para mim, as coisas estavam normais, até que mãe chegou na empresa, dizendo que mais uma vez era minha obrigação cuidar das contas, inclusive despesas de casa. Foi ali que comecei a cuidar do sustento da casa, não era apenas um aviso quando ela disse sobre o sustento, era um fato. Pagar sua faculdade, a alimentação de casa, todas as coisas.

— Você se tornou o chefe de família aos vinte e dois anos, se afastou da família, mesmo que tentasse disfarçar para todos. — Meus olhos se encheram d'água, sentindo o peso do fardo e entendendo tantas coisas.

Rafael tinha os olhos sombrios, exatamente como naquela época, eu estava reconhecendo os indícios, ele estava se tornando exatamente como eu me lembrava, mas dessa vez ele não

tinha apenas vinte anos nas costas. Havia mais bagagem nas costas e menos coisas a se perderem.

— Sim, até que em um domingo na casa dos nossos avós, ela entrou como um furacão gritando por mim...

Rafael sorriu e eu ri, aliviando a lembrança tensa, meu coração estava sangrando, doloroso.

— Ah, desta cena eu me lembro muito bem!

— Exatamente.

— Alguém pode elucidar para aqueles que não estavam presentes no evento? – Meu namorado questionou e então Rafael deu aquele sorriso que aqueceu meu coração, o sorriso que eu amava ver em meu irmão.

— Alícia entrou na casa dos meus avós gritando meu nome, todos apontaram que eu estava na cozinha, ela pegou um daqueles guardanapos de pano, enrolou e começou a bater em mim. Isso é bem comum entre ela e só foi possível porque eu sempre a ouvi, ela me dava conselhos na adolescência, Aly esteve para mim nos bons e maus momentos. Aconselhando, me repreendendo, fazendo tudo o que eu não tinha em casa. Tudo o que Sueli nunca fez comigo, ela fazia.

— Agora a frase de mamãe fez sentido. – Murmurei como se a lembrança fizesse extremamente sentido na minha cabeça. – Ela falando que finalmente chegou aquela que você ouve.

— Exato, isso foi na primeira vez e agora isso... – Rafael suspirou, passou a mão no rosto, sua barba estava grande, o que era incomum, meu irmão nunca deixava a barba tão feia como agora, os cabelos despenteados.

Ele estava um completo desastre, franzi o cenho.

— Onde está Mariana? – Perguntei por sua namorada, só me lembrando dela nesse momento.

Ela era a atual namorada do meu irmão. Sei que eles estavam em um relacionamento vai e vem há tempos, e ele realmente gostava dela, talvez até a amasse, já que nunca o vi ficar tanto tempo com uma única garota. Também sei que ela é amiga de Aly.

— Não sei, não falo com ela desde o momento em que disse estar com uma emergência familiar. Até tentei ligar para ela depois que papai foi internado, mas...

Franzi o cenho, confusa e Rian desviou o olhar, provavelmente tinha muito mais coisas por trás disso, mas eu deixaria isso pra lá.

— Isso não importa, o que importa é que você vai para seu apartamento, Rian você pode passar a noite?

— Claro, é para isso que vim. – Se prontificou.

Meu irmão estreitou os olhos.

— O que você está aprontando, Rafaela?

— Eu? Nada, apenas espero que você tenha espaço no seu apartamento para mais uma integrante, porque na casa daquela mulher eu não piso nunca mais. — Falei com meus olhos voltando a lacrimejar.

— Faela...

— Não... — Cortei meu irmão. — Você tentou unir essa família e isso te destruiu, já sou maior de idade e chegou a hora de tomar as rédeas dessa família. Ela não queria uma boneca? Pois bem, ela teve essa boneca por vinte anos, não vou mais admitir que mamãe domine a minha vida e principalmente a sua, você me criou. Não ela, nem papai e eu não quero ver você voltando a ser aquele homem sem vida outra vez, Rafael.

Nos abraçamos, antes de sairmos meu irmão foi conversar com os responsáveis pelo nosso pai referente a troca de responsáveis, enquanto isso notei que Rian estava digitando furiosamente no telefone e mandando áudios cada vez mais baixo, até que se afastou ao receber uma chamada. Quando retornou, tinha uma expressão um tanto hesitante.

— Hm, Faela...? — O encarei. — Alícia quer conversar com você...

— Oi Alícia... — Disse um tanto tímida.

Apesar de conhecê-la a minha vida toda, eu não tinha intimidade com ela, então sempre me tornava um tanto intimidada, afinal, diferente de mim ela era tão empoderada, uma mulher que vivia sozinha, independente e não uma garota que dependia do irmão pra tudo. Limpei a lágrima que saiu do meu olho.

— Rafaela, o que está acontecendo, querida? Você vai sair da sua casa? Como está se sentindo? Consegui adiar meu voo e chego em Ribeirão Preto daqui a algumas horas...

Agora entendi meu irmão, aquela voz doce, suave de preocupação. Ela não tinha nenhuma responsabilidade comigo e ainda assim me deu um carinho que nunca senti de verdade, em prantos conversei com ela, desligamos e apenas desabei quando entrei no carro para pegar alguns pertences na casa da minha mãe.

A próxima coisa que me lembro é de Rafael e uma mão pequena e suave acariciando meus cabelos e me reconfortando, não era minha mãe, mas o cheiro de rosas estava forte na minha mente e foi assim que Alícia Martini tornou-se minha amiga.

Atualmente

Estava sentada de frente para a mesa do escritório de Rian enquanto minha mente pensava no que fazer com as duas pessoas mais teimosas nas nossas vidas. Meu irmão estava se tornando

o workaholic do passado, isso todos estavam notando, como consequência Alícia notou isso e estava prestes a cancelar a viagem dos seus sonhos.

— Não existe ninguém que consiga convencer Alícia a ir nessa viagem? – Igor, sim, chamei meu namorado, afinal, três cabeças podem pensar melhor que uma, mas aparentemente esse ditado é uma droga mentirosa.

— Não, Alícia é o furacão, aquela que convence todo mundo, a mãe do rolê, você tem coragem de enfrentar a sua mãe? – Questionei e ele encolheu os ombros. – Foi o que pensei.

— Nem mesmo você, Rian? Parece que você tem certa influência com ela.

— E eu lá sou louco? Tenho amor a minha vida! A última vez que ousei tentar ela ficou um ano sem falar comigo e eu tive que implorar de joelhos! Por que você não tenta? É quem deu a ideia...

— Porque sou o novo no grupo, tenho que fazer média... Faela me disse que se ela não gostar de mim já era...

Respirei fundo, pensando por que fui chamar esses dois homens mesmo? Ah é, um é meu amigo e o outro é meu namorado e o terceiro é o envolvido na situação. Massageei minha têmpora.

— Igor, nós estamos juntos há quatro anos, se fosse para Aly não te aceitar...

Minha fala foi cortada no meio, porque uma notificação no meu celular me fez abrir o maior sorriso do mundo.

— Faela? O que aconteceu?

— Eu descobri quem é a única pessoa no mundo que pode convencer Alícia ir para essa viagem e de quebra tive a melhor ideia de plano de todos os tempos!

Capítulo 05



Alicia Martini | Nem sempre o que acontece em Vegas, fica em Vegas

Preocupada, assim que me encontrava enquanto desfazia a minha mala, para meu azar a companhia aérea não me atendia para cancelar meu voo. Respirei fundo, odiava toda essa confusão, como se não bastasse, minha mãe tinha me ligado e falado como meu primo estava ganhando seus quatro mil reais trabalhando em casa, revirei os olhos. Devo dizer que eu ganho muito mais do que isso apenas com uma das minhas palestras?

Meu interfone tocou e atendi da forma como estava mesmo: de coque, toda despenteada, com roupas em completo desalinho e sem me importar se deveria ou não estar arrumada. Para tocar o interfone do meu apartamento somente alguém que estava autorizada.

Mal abri a porta e praticamente fiquei surda com o vulto branco e loiro gritando meu nome:

— ALÍCIA MARTINI!

— Lana? O que você está fazendo aqui?

Encarei minha amiga que estava com seu avental completamente branco e com o estetoscópio pendurado no pescoço. O que era incomum, mesmo sendo médica, Lana jamais saía com o jaleco e os aparatos de trabalho dessa forma com medo de contaminar e toda a coisa de bactéria e germes.

— A pergunta não é o que estou fazendo aqui, mas sim o que infernos na terra você está pensando?

— Eu? Não estou pensando em nada. — Caminhei até meu quarto. — Estou, na verdade, fazendo e tentando cancelar minha viagem para Las Vegas, se veio porque está com tempo, tem comida congelada na geladeira.

— Comida congelada não sustenta ninguém.

Soltei um bufo irônico, e lancei um olhar irônico da qual ela me ignorou e veio atrás de mim, de nós duas ela é a que come pior e vive de congelados devido à rotina caótica. Como nossa amizade era longa o suficiente para que mesmo sem nos falarmos há algum tempo, nada mudava, voltei para desfazer minha mala.

— Pode parar aí, Alícia, você não vai cancelar a sua viagem!

— Pode tentar me parar, Lana, mas vou cancelar, sim! Nem que eu tenha que perder o voo!

Tirei minhas roupas das malas, mas minha amiga as colocou de volta, então nós duas começamos a brigar, até que não sei que forma uma calcinha minha entrou na disputa e acabamos lutando por ela que rasgou no meio, nós duas fomos no chão. A porta do meu apartamento abriu e ouvi a voz de Marcos, namorado de Lana, falando:

— Está tudo bem aqui?

— Não, amor, preciso de reforços!

A próxima coisa que entendi é que Marcos entrou no meu quarto e antes que ficasse mortificada por ter minhas calcinhas esparramadas na cama pela nossa luta, é que Marcos me segurou pelos braços e me afastou. Entendam, Marcos é um homem de um metro e noventa de altura, tem músculos fortes e para ajudar ensina defesa pessoal, então ele sabe como prender uma mulher de forma certa.

Lutar é impossível, isso ajudou no meu caso? Obviamente não, porque comecei a gritar como uma louca.

— Isso é uma conspiração! Lana Duchanes, você não pode fazer isso comigo! É golpe baixo, e você Carlos? Eu que falei para ela ficar com você, não é justo...

Minha amiga e seu namorado traidor não me ouviam em nada, apenas faziam o que bem entendiam na minha própria casa. Fala sério, isso deveria ser errado em vários níveis, eu tinha meus direitos! Sabia que deveria ter mais amigos advogados, pena que o único que conheço é irmão dessa traidora de uma figa e provavelmente ele não iria advogar contra a irmã.

Planejei toda a minha vingança contra Lana.

— Você sabe que eu não posso viajar, não é?

— Me fale um único motivo. Está doente? – Neguei. – Achei sua carteirinha de vacinas aqui e está tudo em dia, eu vou ficar com a Kiki, então pode, sim, ir para Las Vegas.

— Como você... – Balancei a cabeça. – Deixa pra lá, Rafael não está bem.

— Vi Rafael e você outro dia no Villa Mix e ambos estavam extremamente saudáveis. – Minha amiga cruzou os braços.

Trinquei os dentes.

— Não é fisicamente, é mentalmente...

— Podemos cuidar dele, conheço uma psicóloga ótima.

— Lana, você se lembra o que aconteceu da última vez! – Bati o pé.

— Exatamente por lembrar que não vou deixar você, que está planejando essa viagem tem dois anos, estragar tudo por causa disso! Sei que você e Rafa tem essa ligação de amizade bem mais forte do que com Jeferson e eu, mas Aly é Las Vegas! Você fala de Vegas tem tempos! Não posso permitir isso, Rafa ficará bem, é apenas um final de semana.

Mesmo emburrada, aceitei o que ela tinha para dizer, contudo, um plano se formou na minha mente, que se abriu em um sorriso mental ao me dar conta de que, ela pode arrumar as malas, mas eu não preciso ir até o aeroporto.

Continuei fazendo cu doce, apenas para manter o fingimento do meu plano, até que chegou o momento em que ela terminou finalmente de arrumar todas as minhas coisas.

— Pronto. — Ela então encarou o namorado. — Querido, será que seu irmão vai dar conta? Marcos bufou.

— É claro que sim, ela é pequena, quase não pesa nada — arqueei uma sobrancelha, como assim não peso nada? Ele enlouqueceu, me ignorando, o meliante continuou — vai ser fácil para ele ser o segurança dela.

— Que porra é essa? — Gritei. — Segurança? Que caralhos? Lana?

Minha amiga de infância então sorriu, me abraçando.

— Aly, Aly... Acha que eu não te conheço? Sei que você não iria caso saíssemos assim que fossemos pra casa, então o meu cunhado será o seu segurança até o voo de Las Vegas ser anunciado.

— Eu te odeio e não vou ser mais sua madrinha de casamento. — Murmurei a abraçando de volta e ela riu.

— Não odeia e como já aceitou o convite é impossível cancelar. — Beijou minha bochecha. — Agora divirta-se querida e please, se achar um gostosão pode se casar em Vegas e faça como nossa diva Britney e tenha um casamento em menos de vinte e quatro horas.

Acabei rindo de sua proeza e a abracei apertado, desta vez pra valer e sem querer soltá-la.

Ponto de Vista Rafael

Ponto de Vista Rafael

Estava assinando alguns papéis, conferindo os esboços para a campanha da coca cola, fazendo uma careta, anotando os pontos onde o pessoal não estava compreendendo bem o que o cliente estava querendo. O mundo estava mudando, campanhas agressivas não estavam mais funcionando, precisava da sutileza e nenhum deles estava compreendendo, a extravagância não funcionava mais.

Analisei os documentos do jurídico, assinando feliz a compra do último documento, esse era o último acionista que restava para comprar e finalmente a empresa não tinha mais sócios e eu era o dono por completo. Ser um CEO era péssimo, gerenciar vários sócios não era tão bom

assim e eu preferia ser um empresário que comanda tudo. Certo, não vou mentir que tinha muitas ações, principalmente na área da tecnologia e em certos recursos.

Minha secretária bateu na porta e informou que Rian estava ali, não estranhei, eram quatro horas de uma quinta-feira, provavelmente iria querer começar algum happy hour. Pedi para ela entrar e meu amigo estava trajado quase igual a mim, era engraçado que apesar de estar de terno, Rian odiava usá-los, preferindo usar os jeans sujos de terra, bota e ir às enormes fazendas que administrava.

— E aí, cara, pronto para tomar uma ou continua assinando muita coisa? – Rian perguntou.

Ele foi uma das poucas pessoas que acompanhou meu processo de compra da minha própria empresa. No passado, meu pai, quando criou a Vanguard Creative Agency, foi com inúmeros amigos que tornaram sócios, a empresa cresceu, tornou-se uma multinacional e seu primeiro infarto foi devido a um rombo de meio milhão de dólares na conta da agência.

Peguei a presidência no meio desse caos, consegui reerguer, comprei metade de tudo e dois anos atrás, quando as coisas melhoraram, veio o outro rombo, meu pai teve um infarto junto de um AVC e descobri no hospital que outros acionistas roubaram um milhão de dólares. Bem tive que lidar com a crise sem poder demitir nenhum funcionário e manter a vida de todos como se nada estivesse acontecendo, Alícia e posteriormente Mariana foram as únicas a saberem da situação do meu pai e da empresa, mesmo que eu tenha diminuído o impacto para ambas.

Atualmente todos pensam que minha situação foi apenas com meu pai, mas foi mais profundo que isso, eu tinha e tenho as famílias dos meus funcionários para sustentar, por isso doía tanto o descaso de Mariana, porque em todas às vezes que ela precisou, eu estive lá. Agora, além de não a ter ao meu lado, com ela me ignorando, ainda a vi com um rapaz em um dos barzinhos que era o nosso local e ao me ver, ela o beijou na minha frente.

Depois que Alícia, desesperada, conversou com Rian e ele veio até o hospital, em uma das noites de bebedeira, contei a ele o ocorrido, já que Jeferson meu amigo e advogado, estava fora. Rian, por ser também do ramo empresarial, me deu inúmeros conselhos, tem algumas empresas acionistas e nossa amizade se transformou ali, além de me ajudar a esconder de Rafaela essa segunda parte.

Contar para minha irmã que nossa mãe era uma megera já era difícil, eu a criei para ser uma princesa, a minha princesa e tirar isso dela foi a coisa mais difícil da minha vida. Vê-la ali como uma irmã e não como filha, foi extremamente difícil e de muita terapia.

Pelo menos nosso pai, quando acordou e descobriu tudo o que aconteceu, ou pelo menos o que se referia a nossa família, reconheceu seus erros e tem tentado se reconciliar conosco, mesmo depois de alguns anos e minha mãe só quer saber de dinheiro.

— Graças a Deus assinei o último contrato.

Respondi meu amigo querendo dissipar os pensamentos negativos.

— Então estamos prontos para comemorar! – Ele ergueu as mãos em punhos e eu sorri comemorando. – Pena que Aly não estará conosco, está indo viajar hoje para Las Vegas.

— Sim, finalmente! Achei que ela jamais conseguiria – ri – olha que eu até tentei pagar.

— E teve coragem de oferecer?

— Tive! Apanhei, mas pelo menos sobrevivi.

Nós dois rimos e nos levantamos.

— Confesso que Aly é corajosa, se eu já não tivesse compromisso esse final de semana iria com ela para Las Vegas.

Parei no meio do caminho, encarando Rian de forma chocada, meu amigo parou e me encarou confuso.

— Você está falando sério?

— Sobre o que? – Desta vez, ele estava confuso.

— Sobre Aly ir para Vegas sozinha.

— É claro que estou, ela disse isso por dois anos inteiros!

— Sim, mas eu pensei que ela iria, sei lá, com alguma excursão, para não ir sozinha ou algo assim, com amigas!

Rian me encarou com cara de deboche.

— Rafael, você a conhece melhor do que eu. Alícia viajou sozinha para o Brasil inteiro, foi até para Venezuela e Chile, acha que iria com alguma amiga com a chance da viagem dar errado? Ela jamais arriscaria uma viagem longa e que planejou por dois anos dessa forma...

— M-mas Chile e Venezuela é logo ali, não longe. Fora que estamos falando de Vegas!

— Que gritaria é essa? – Rafaela apareceu com uma pasta em mãos.

— Você sabia que Alícia vai viajar sozinha? Sem nenhuma amiga?

— Claro que sabia. – Minha irmã franziu o cenho. – Ela comentou isso o tempo todo, mas ela acabou de me dizer que no aeroporto encontrou um rapaz que vai para Las Vegas e estão combinando passeios juntos.

Engoli em seco fechando a cara.

— Não mesmo, vai que ele é um desses homens que faz tráfico humano. – Virei para minha secretária que encarava a conversa em silêncio. – Larissa, descubra qual o voo de Alícia e troque para um de primeira classe, isso já quer dizer que quero que compre uma passagem de primeira classe para mim até Las Vegas.

— Rafael, aonde você vai?

Virei-me para Rian, ligando para minha governanta.

— Não deixarei nossa amiga ir para Las Vegas sozinha, claramente, vou junto. — Aproveitei que o telefone atendeu. — Alô, dona Bete? Poderia por favor fazer uma mala para viagem? Preciso ir para Las Vegas.



Cheguei ao aeroporto e segui para os guichês. Logo reconheci a voz inconfundível de Aly discutindo com a atendente. Ao me aproximar, vi sua mala ao lado e notei que ela passou a mão no rosto e nas têmporas, fechando os olhos como se respirasse fundo. Havia um homem muito próximo a ela.

Meu sangue ferveu, fechei as mãos em punho e dei várias passadas longas até chegar próximo a ele, tocar em seu ombro apertando extremamente forte, ele tinha a mesma altura que eu, tão musculoso quanto e como eu fazia academia, conseguiria me garantir se fosse necessário.

Além disso, eu sei algumas coisas de defesa pessoal.

— Hm, acho que a moça não vai mais precisar de auxílio. — Minha voz saiu fria.

Ele se afastou, mas foi Aly quem soltou em um tom confuso:

— Rafael? O que está fazendo aqui? — Seus olhos percorreram ao meu redor. — E com malas?

Sorri torto, ignorando o homem ao meu redor e o empurrando, mostrando que agora Alícia tinha companhia, abracei minha amiga.

— Furacão, achou mesmo que eu iria deixar você viajar sozinha?

Ela me olhou com extremo deboche, com a cara mais entediada do mundo.

— Você só notou HOJE que eu iria viajar sozinha, Rafael?

— É, mas para compensar meu erro transferi sua passagem para a primeira classe.

Sorri docemente, Alícia apenas retribuiu cansada, passou a mão no rosto mais uma vez e então assentiu, dando de ombros e ali eu soube: eu venci.

Capítulo 06



Alicia Martini | Nem sempre o que acontece em Vegas, fica em Vegas

Pousamos em Las Vegas extremamente cansados, por mais que Rafael trocou nosso assento por um de primeira classe, ainda assim as longas horas em um avião, nos deixavam cansados. Fora as dez horas de conexão em Miami, até conseguimos fazer uma coisa ou outra, mas nada muito exagerado devido ao tempo.

E posso dizer? A cidade é linda, o cheiro de maresia está em todo canto.

— Você quer descansar, ou aproveitar algum momento aqui na cidade?

— Quero descansar e à noite fazemos alguma coisa, pode ser?

Ele assentiu para mim e seguimos até uma locadora de carros, pegamos o endereço de onde iríamos nos hospedar, ele me ajudou com as minhas malas e seguimos até o local.

Fomos até a recepção, a atendente sorriu para nós e então Rafael tomou a frente:

— Temos dois quartos alugados nos nomes de Alícia Martini e Rafael Espósito.

Seu inglês era impecável, também, acostumado com longas viagens em família desde cedo para vários países, aprendeu a falar como se essa fosse sua segunda língua materna.

A recepcionista continuou sorrindo, digitou por alguns minutos e franziu o cenho.

— Sinto muito, senhor, não estou encontrando nenhum nome. Tem certeza que foi aqui nesse hotel que fizeram a reserva?

— É claro que temos. — Tomei a frente, mostrando a ela meu telefone e o de Rafael, com o nome do hotel, bem como o endereço.

Ela continuou a digitar mais algumas vezes, ficando ainda mais preocupada. Chamou o gerente, sussurrou algumas palavras e ele veio até nós, tentando resolver o problema.

— Olá, senhores, não sei o que aconteceu com as reservas, mas não tem nenhuma nesse nome.

— Certo e possuem algum quarto para alugar? Pelo menos por hoje?

Ambos negaram para Rafael, que ficou irritado, toquei em seu braço, conheço meu amigo bem o suficiente para saber que ele iria causar uma briga daquelas. Rafael não é o tipo de

homem acostumado com imprevistos, apesar da fachada de homem amigável ou simpático, ele não tem lá muita paciência quando as coisas saem do seu jeito.

Ele é completamente controlador.

— Rafael, vamos procurar outro local para ficarmos, estou cansada e só quero descansar.

Meu amigo me encarou, fuzilou ambos os funcionários do hotel e eu soube que ele estava furioso quando pegou sua mala e a minha como se estivesse carregando duas penas. Dei um sorriso pedindo desculpas e voltamos para o carro.

A próxima luta foi para encontrar um hotel com vaga e de última hora, principalmente porque eu queria algo mais simples e ele, algo mais luxuoso.

— Aly, deixa de ser um furacão teimoso e escolhemos um hotel que eu queira! Os que você escolhe estão sempre lotados. — Sua irritação já estava evidente, a minha devido ao cansaço também.

— De que adianta pagar uma fortuna em um hotel se vamos passar poucos dias aqui? Ou só vamos chegar e sair para dormir? Não tem lógica nenhuma.

— Acontece, furacãozinho, que nem tudo precisa ter lógica. Nem parece que é professora de linguística! — Rafael abriu aquele sorriso torto, da qual eu conhecia muito bem.

— Rafael, o que você vai aprontar?

— Eu? Nada!

No lugar disso, ele virou as ruas e começou a seguir um caminho sem pedir o GPS, foi quando notei as placas nas ruas: a divulgação de um resort cinco estrelas.

— Não, você não vai fazer isso!

Ele estacionou na frente do luxuoso resort, o barista já apareceu para pegar as chaves e eu não pude fazer nada, além de sorrir e seguir o script. Mesmo que eu quisesse matar meu amigo, se não me engano, aqui tinha algum deserto que eu poderia jogar seu corpo para os coiotes.

Entramos na elegante recepção, apesar de estar ao seu lado e fingir plenitude por fora, por dentro fiquei impressionada com o enorme lustre que adornava o local, os tapetes no chão eram aqueles felpudos, dos quais eu não ousaria jamais tentar comprar. Não pelo valor, mas pela manutenção deles que me daria muita dor de cabeça. Havia também uma modesta mesa no canto, com um enorme vaso de orquídeas brancas e no centro, tinha outra com um vaso de rosas-brancas e trigo.

— Olá, sou Rafael Espósito e esta é minha amiga Alícia Martíni, tivemos um imprevisto no antigo hotel e gostaríamos de dois quartos, por favor.

— Olá, Senhor Espósito, olá, senhorita Martíni, bem-vindos ao Royal Resort Cassino &SPA, aqui vocês irão se sentir fora do mundo e ter uma experiência única. — Ela sorria extremamente simpática enquanto mexia em seu computador. — Senhores, infelizmente não estou

conseguindo encontrar quartos separados, estamos lotados. O único quarto vago é o da suíte presidencial...

— Ficaremos com esse. — Meu amigo a cortou e eu engoli em seco, sorrindo e o puxando para um canto.

— Rafael, por mais que você tenha condições de pagar sozinho, nós estamos viajando juntos e eu...

Ele colocou a mão na minha boca, me calando com um dedo.

— Você está comigo e quem vai pagar e bancar essa viagem inteira serei eu, então proponho colaborarmos, caso contrário discutiremos, os hóspedes e os funcionários irão conhecer o pequeno furacão, desta vez você não tem poder de fala.

Senti vontade de arreganhar os dentes para ele, exatamente como fazia quando estava entre os amigos e ele ou Rian diziam algo nesse nível. Dois idiotas milionários, cavaleiros que tem o rei na barriga que não deixam a mulher pagar nada quando estão com eles, por isso sei que essa é uma luta que eu iria sair perdendo.

Rafael, sabendo que ganhou, voltou-se para a moça e fez todos os trâmites para fechar o quarto. Não precisamos subir com as malas, pois, um rapaz jovem veio pegar nossas malas e as subiu por outro elevador que não era o nosso.

Entramos naquela lata fechada e eu segurei imediatamente a mão de Rafael, já que eu tinha claustrofobia e mesmo sabendo que era apenas um elevador, meu coração sempre disparava de medo. Meu amigo apertou minha mão e me consolou, foram segundos, mas que pra mim se passaram horas.

Rafael pegou o cartão magnético e abrimos a porta da suíte e eu abri a boca. Aquilo era do tamanho do meu apartamento e ele nem era tão pequeno assim! Tinha uma mesa para refeições do lado direito, uma pequena sala com uma enorme TV, os sofás eram em formato de L e na nossa frente uma única porta.

Quando meu amigo abriu a mesma, esqueci completamente da decoração, de tudo, afinal, tinha uma única maldita cama de casal! Ok, ela é enorme, mas ainda assim.

— Será que eles não possuem um quarto adjacente?

Meu amigo me encarou, como se eu fosse louca.

— Do que está falando?

— Como assim do que estou falando? Essa é uma suíte presidencial, não pode ser um único quarto com uma única cama. — Não sei nem se essa frase fez sentido, eu estava sem fazer sentido algum.

Rafael gargalhou.

— Aly, estamos em Vegas! Ninguém vem aqui com crianças, geralmente eles fazem crianças, até mesmo homens solteiros trazem garota de programa para esses ambientes. — Meu amigo acariciou meus cabelos, me puxando para beijar o topo da minha cabeça. — Às vezes me esqueço que você é meio inocente.

— Ei! — O belisquei. — Não sou inocente, ok? Tenho trinta anos e cresci com você e Jeferson, depois veio Rian, então não tem como eu ser inocente.

— Certo, vou acreditar em você. Além disso, não tem problema em nós dois dormirmos juntos, fizemos isso a vida toda!

Fiz uma careta mental, mas acabei concordando e antes que ele notasse qualquer expressão minha, desfiz as minhas malas, ele começou a fazer o mesmo com as dele.

O que Rafael se esquece é que a última vez que fizemos isso, ambos éramos adolescentes e tinha Lana e Jeferson para somar na equação. Eu não tinha peitos ou bunda, era até bem gordinha, hoje consigo passar despercebida. Já meu amigo era magrelo, não tinha os braços fortes e barriga trincada devido aos treinos e exercícios que ele faz.

Engoli em seco colocando minhas roupas íntimas em uma gaveta bem longe dele, evitando pensar que posso ser uma mulher de trinta anos e virgem, mas não sou cega e mesmo ele sendo meu melhor amigo, eu sei como ele é gostoso.

Tomei um banho rápido, colocando uma roupa mais fresca, deitei em um canto da cama a fim de descansar antes que minha mente viajasse ainda mais.

Capítulo 07



Rafael Espósito | Nem sempre o que acontece em Vegas, fica em Vegas

Já fiz muitas loucuras na minha vida, principalmente quando eu era mais novo, contudo, há muito tempo não fazia algo assim. Sair em uma viagem de última hora, apenas para acompanhar uma amiga, era algo que definitivamente não encaixava no meu atual estilo de vida.

Quer dizer, pensei que eu me tornei alguém respeitável, confiável, trabalhar e organizar a minha vida de forma sistemática, fazendo tudo nos conformes, até mesmo me envolvi com uma única mulher, deixando a vida de bebida e farra para trás. Então aqui estava eu, na primeira oportunidade em Las Vegas, acompanhando uma amiga apenas para me divertir.

Até o momento em que cheguei no aeroporto e tudo o que aconteceu aqui em Las Vegas, minha mente ficava lutando comigo mesmo entre o dever com a empresa e a honra de não deixar uma mulher viajando sozinha, ainda mais que essa mulher é a sua melhor amiga de infância.

Senti minhas mãos tocando em algo extremamente macio e quente, além de vir um cheiro de rosas no meu nariz, suspirei absorvendo cada vez mais fundo esse cheiro que estava me contagiando e inebriando. Demorou um pouco para eu processar que, na verdade, estava sentindo um corpo pequeno e quente contra o meu.

Abri os olhos imediatamente, notando que o corpo que eu abraçava era o de Alícia, o cheiro de rosas era o do seu cabelo e que ela tinha um corpo mais macio do que eu poderia imaginar. Eu estava a abraçando por trás, enquanto ela risonava segurando o travesseiro.

É, a gente estava dormindo de conchinha e meu corpo reagiu antes da minha mente ao lembrar que ela tinha curvas e mais carnes do que eu me lembrava da época de escola. Quer dizer, eu já a vi em roupas sensuais, sei que ela tinha peitos grandes, quadris largos e uma bunda que deveria ser extremamente macia de tão redonda, mas ela é a minha amiga e eu não penso nela dessa forma.

Engoli em seco, me sentando na cama e passei a mão no meu rosto, lembrando de todos os caras que tentaram dar em cima de Alícia, fala sério ela é linda e eu não nego que tenho ciúmes, mas é algo natural, um ciúme igual ao de Rafaela.

Me sentei na cama, sentindo o movimentar ao meu lado, Alícia começou a se espreguiçar e a blusa que ela vestia subiu um pouco mostrando a barriga, ela sentou na cama, seus cabelos estavam bagunçados, como se tivesse acabado de sair de uma sessão louca de sexo.

— O que foi?

— Nada, vamos sair ou vamos ficar no quarto?

— Claro que vamos sair, tenho todo um roteiro pronto!

Uma hora depois lá estávamos nós dois prontos, na frente do resort, preparados para enfrentar a nossa primeira noite noturna de Las Vegas. A minha ansiedade estava a mil, não entendia muito bem o motivo, não é como se fosse a primeira vez que vinha na cidade do pecado, contudo ao olhar os olhos de Alícia brilhando, era a primeira vez que eu ficava verdadeiramente empolgado com isso.

— Vamos, está começando o show das fontes do Bellagio.

Tentei explicar para Alícia que aquele show não era apenas uma vez ao dia, contudo não quis mantê-la triste, apenas peguei em sua mão e segui para o caminho em que ela me puxava. Vimos toda a apresentação, com ela empolgada, tirando fotos do local, de nós dois. Aproveitei para capturar cenas dela em inúmeros pontos turísticos como:

A Torre Eiffel, a Estátua da Liberdade e todos os pontos turísticos da Las Vegas Strip.

— Ei, Rafa! Aquela garota de programa está tentando chamar a sua atenção. — Alícia apontou para uma moça, ela era realmente bonita e para um desavisado que não soubesse o real significado daquele sorriso, poderia facilmente cair nas garras dela.

Me fingi de ofendido.

— Você sabe, eu esperava isso de Jeferson, Rian..., mas de você? — A peguei pela cintura fazendo cócegas.

— Você sabe, fui criada pelos piores... ou devo dizer os melhores?

Caminhamos por mais alguns minutos até pegarmos um táxi de volta para o resort, quer dizer Alícia quis pegar um táxi, já que seu sonho era fazer aquela cena clássica vista em filmes de romance dos quais ela assistia.

— O que vamos jantar? Estou com fome... — Passei a mão no estômago, Alícia então pegou um cartaz do resort e me mostrou:

— Eles estão com um show de Burlesco, podemos ir e pedir algo para comer lá.

É claro que apesar de dar essa sugestão, minha amiga tirou a prova perguntando para algum funcionário que concordou.

Não queria estragar a experiência dela falando que nesses locais provavelmente só vendem porções e comida insalubre, além de muita bebida alcoólica. A experiência era dela e eu estava amando proporcionar essas experiências a ela.

— Já que vamos nesses shows, precisamos nos arrumar.

— Alícia, não tem necessidade...

Minha amiga simplesmente me ignorou e seguiu para o elevador, fui atrás emburrado, ficando mal-humorado devido à fome que aumentava ainda mais. Tomei um banho primeiro e segui de volta até o saguão, tentando beliscar alguma coisa até Alícia ficar pronta.

Com isso, meu humor foi modificando, a hora mais uma vez passando e quando Aly resolveu descer, eu já estava quase querendo cometer assassinato. Mesmo com o meu mau-humor, consegui verificar a beleza da minha amiga, bem como sua elegância em se vestir, ela estava linda de vestido, saltos e suas joias, além de seu cheiro majestoso de rosas.

Apesar do show ser no mesmo complexo do resort, ele ficava em outro ambiente, a fachada era luminosa e vibrante, quebrando um pouco do meu péssimo humor da fome e já mostrando que a noite prometia puro entretenimento. Entramos no ambiente completamente sofisticado e dei o braço a torcer, Alícia tinha razão em nos fazer ficarmos mais apresentáveis.

Uma das coisas que eu não esperava era a atmosfera sensual, nem as mesas redondas, cobertas por toalhas de veludos e luzes indiretas que atingem o grande salão em tons dourado e vermelho. Fui imediatamente transportado para outra época apenas com o ambiente.

Pegamos uma mesa próximos do palco, assim que sentamos, o garçom veio nos entregar o cardápio, já fiz pedido do meu whisky, cerveja eu só bebia no Brasil, enquanto Alícia pediu um drink.

— Vocês vão querer algo para comer?

Antes que eu respondesse, minha amiga tomou a frente:

— Sim, para entrada vamos querer essa porção... — E começou a fazer os pedidos. A encarei com uma sobrancelha arqueada. — O quê?

— Você pediu um monte de porção...

— Rafael, você está com um humor péssimo, se o cão aparecer aqui agora ele corre de você e tudo isso devido à sua fome. Acha que uma simples porção de batatas vai te sustentar?

Coloquei meu braço em torno do seu ombro, nós dois estávamos sentados um do lado do outro, nossas cadeiras próximas, então essa atitude foi fácil e simples.

— Você me conhece tão bem...

Quando chegou nossa primeira porção, ficamos atentos, pois o show também começou, a música de jazz com tons modernos soou nos altos falantes do salão, as mulheres cheias de plumas e lantejoulas começaram a dançar ritmadas, enquanto a vocalista canta junto dos acordes da banda.

Não sei o que começou a acontecer, mas gradualmente a energia e interação entre Alícia e eu começaram a mudar. Também não posso culpar a bebida, eu estava acostumado a tomar

garrafas de whisky antes de ser finalmente afetado, mas cada respiração, cada olhar, cada toque que Aly e eu trocava, havia aquele ar estranho no ar.

— Abre a boca. — Estreitei os olhos para Aly, ela estava com um garfo com seu frango temperado, fiz o que ela pediu, senti seus dedos nas minhas bochechas antes dela colocar o garfo na minha boca. — Agora fecha e mastiga. Viu? Desnecessário o mau-humor todo...

Por que de repente minha mente notou e senti isso como se fosse a coisa mais sensual do mundo? E qual foi o meu problema quando peguei meu próprio garfo e fiz o mesmo com ela.

— Escorreu aqui. — Limpei o canto dos seus lábios e depois chupei meu dedo.

Nós dois acabamos rindo, mas a tensão era palpável, mas no lugar de pararmos, apenas parecia que um estava provocando o outro, meu corpo inteiro estava reagindo de formas inimagináveis contra ela.

Tudo piorou quando a performance chegou próximo de nós do palco, começou a encarar Aly e cantar para ela. Sorri discretamente para minha amiga, que estava corada e se abanando com as mãos, aproveitando a deixa, sussurrei em seu ouvido:

— Aparentemente, a performance achou você linda e aposto que ela quer saber o que tem dentro desse decote. — Abaixei meus olhos para encarar seus seios que estavam fartos pra fora do decote. — Talvez até passar a língua.

— Rafael! — Ela me repreendeu beliscando meu braço. — Não comece, por favor... — Alícia desviou o olhar para seu colo, tentando ajustar os seios, o que não ajudou muito.

Não foi apenas o show que continuou, nossas brincadeiras estavam cada vez mais ousadas e eu só posso culpar um único lugar:

A atmosfera de Las Vegas.

Capítulo 08



Alicia Martini | Nem sempre o que acontece em Vegas, fica em Vegas

Eu estava feliz, mas não quer dizer que eu estava bêbada ou algo do gênero, apenas estava transbordando em êxtase, talvez fosse o lugar. Já que, desde o momento em que pisei aqui em Las Vegas tudo estava sendo divertido, talvez essa seja a Disneylândia dos adultos e sim, excluí completamente o primeiro caos do quarto de hotel.

Ver o show de Burlesco foi simplesmente incrível, a atmosfera do lugar, as moças com as peças de cetim e o corpo todo sensual, claro que fiquei sem graça quando a cantora veio falar comigo, principalmente o comentário de retaliação de Rafael, devido à minha fala de mais cedo das garotas de programa.

— Já quer voltar para o hotel, ou ainda quer fazer mais alguma coisa?

— Cassino! – Gritei empolgada e ele riu. – Tenho alguns valores que posso gastar sem peso na consciência.

Rafael revirou os olhos.

— Até parece que eu vou deixar você pagar qualquer coisa, não é? – Ele me puxou para um abraço.

— Verdade, me esqueço que você é um milionário, riquinho e mimado.

Provoquei, se fingindo de ofendido, meu amigo beliscou a minha cintura me pegando pelas pernas e jogando pelos seus ombros, fiquei de ponta cabeça e comecei a gritar e rir para ele me soltar. Estava tentando ao máximo evitar pensar na atmosfera sensual de horas antes e em como meu corpo se esquentou.

Merda, ele é meu amigo e está sofrendo pela minha amiga, não posso cometer uma traição dessas, mas daqui de cima, comigo de ponta cabeça, sentindo seus músculos me segurando e vendo sua bunda arrebitada e redonda, era impossível não pensar em coisas pecaminosas.

Sou virgem, mas não sou cega.

— Muito bem, chegamos ao cassino e o riquinho mimado aqui vai te mostrar como se joga.

– Rafael comentou me colocando no chão, meus cabelos voltando ao lugar e eu bufei.

— Devo estar toda descabelada, fala sério Rafael, vivendo comigo, com a Lana e sua irmã não aprendeu que não se deve mexer no cabelo de uma mulher?

— Você está linda, vamos parar com essa loucura. — Ele ajeitou meus cabelos, tocando na minha nuca e enviando arrepios pelo meu corpo. — Parece que saiu de uma sessão de sexo selvagem.

Preferi não responder, apenas segui para dentro do cassino, me encantando com as luzes e a música ambiente. As roletas giravam, a música do som do caça-níqueis, pessoas jogando cartas como vinte e um ou pôquer. O lustre de cristal era enorme, ele refletia luzes dando um ar de completo luxo. Por um momento fiquei paralisada e dei um passo para trás, batendo nas costas de Rafael.

— Está com medo? — Seu sussurro era provocante.

— Eu? — Engoli em seco, mas meu coração batendo disparadamente, sem saber se era devido ao ambiente ou ao peito forte e trincado nas minhas costas. — Obviamente não.

— Então, não terá problema de vencer a casa. — Meu amigo me entrega algumas fichas e eu fico de boca aberta e volto para encará-lo, que tinha um sorriso irônico nos lábios.

— Como assim você tinha essas fichas? Desde quando?

— Jamais vou contar meu segredo, e então? Vai encarar?

Rafael me entrega as fichas, nossas mãos se tocam de forma mais prolongada e o arrepio em meu corpo volta, assim como partes dele ficam mais quentes. Ergo meu rosto e ele está mais perto do que eu gostaria, passo a língua no lábio inferior, sentindo a áurea tensa e de certa forma sensual. Desta vez, quem dá um sorriso um pouco mais sensual sou eu.

— Duvida da minha sorte?

Merda, por que fui crescer com garotos competitivos? Ah, é! O garoto competitivo estava na minha frente e pela primeira vez em anos eu o estava enxergando diferente, desviei o olhar e corri para a primeira máquina de caça-níquel que vi, caso contrário eu faria alguma merda.

Pedi algum drink colorido e comecei a beber, sempre fui forte para bebidas, isso não queria dizer que eu não ficava um pouco mais, feliz... bebidas,

— Puta merda! Eu ganhei! — Gritei ao ver a máquina pela quinta vez aparecer as sequências de trevo. — Chupa Rafael! — Meu amigo gargalhou, com a algazarra que aconteceu ao meu redor.

— Vai ter que dividir comigo, furacãozinho.

— Nem fudendo... É o que dizem, não é: azar no amor, sorte no jogo! — Enviei um beijo de longe para ele, piscando.

— Acho que estou com azar no amor e no jogo. — Resmungou, mas meu amigo me pegou pela cintura, me arrastando até a mesa de vinte e um. — Vamos ver até onde vai a sua sorte, pequeno furacão.

Rafael me leva então para a mesa de vinte e um, hesitante escolho as fichas, assim como ele. Ao meu lado tem uma jovem baixa, muito bonita que parece tão feliz quanto eu, nós duas sorrimos uma para a outra, apesar de tecnicamente sermos adversárias, não estava ali competindo realmente com ninguém.

Bem, talvez com Rafael, mas isso é apenas entre nós dois.

Escolhi a cor das minhas fichas, a ansiedade a cada carta que me era entregue fazia meu estômago embrulhar, ou será que era o fato do meu amigo estar com a mão na minha cintura? Não era apenas a tensão do jogo que eu estava sentindo, tinha essa outra atmosfera que estava desde o show, muito mais sensual, um desejo lascivo tomando conta de mim.

— Quer mais uma carta, querida? – O rapaz que estava entregando as cartas perguntou e eu mordi meu lábio inferior. Eu precisava de um Ás para dar vinte e um, deveria me arriscar?

— Vou me arriscar. – Prendi a respiração e quando o homem virou, era a carta que eu precisava.

Gritei de felicidade, pulando nos braços de Rafael e a verdade é que eu não sei exatamente o que aconteceu, quem deu o primeiro passo mesmo que em minha mente algo gritasse que tenha sido eu, não posso afirmar, pois foi como se um ímã nos conectasse e quando senti, nossos lábios se colaram. O tempo parou, a música não existia mais e os sons externos foram extintos da minha percepção, tudo o que eu sentia eram as mãos de Rafael em minha cintura, seus lábios eram macios contra os meus, sua língua pediu passagem e quando elas se tocaram senti uma corrente elétrica passar por todo meu corpo.

Sua língua era macia, exigente, sua barba por fazer causava arrepios pelo meu corpo, seus lábios acariciavam o meu como se eles fossem seu doce favorito, com um único beijo eu estava flutuando. Era possível ter tantas emoções em tão pouco tempo? Meu peito disparava de uma forma que nem mesmo ganhar aqueles milhares de dólares me fazia sentir.

De repente a gritaria nos tirou do torpor anterior, seus olhos castanhos estavam derretidos de desejo e os meus não deveriam estar diferentes. Quando nos afastamos por completo, respirei profundamente e no lugar de sentir que tudo estava ficando estranho, pelo contrário, era como se aquilo se encaixasse.

— Garota, você está com muita sorte! – A voz em inglês da desconhecida me fez lembrar que eu não estava sozinha com ele, sorri e me virei, rindo.

— Nem consigo acreditar. A propósito, sou Alcía e esse é Rafael. – Estendi minha mão, apresentando meu amigo e eu.

— Nicole, vai apostar mais?

— Com toda certeza! – Respondi, meu amigo, que ainda não havia me soltado, riu, senti o vento vir direto no meu pescoço, engoli em seco.

— Eu parei por aqui, vou ficar apenas observando e dando apoio para esse pequeno furacão aqui.

Não foi apenas o jogo de apostas que começaram, o jogo de sedução entre Rafael e eu também, porque ele me apertava, abraçava em pontos que fazia eu me desconcentrar, em contrapartida eu devolvia com toques em sua mão, selinho em sua boca e principalmente: me esfregando em seu pau que estava duro.

O homem não ousava sair de trás de mim, caso contrário exibiria sua enorme ereção.

Fiz uma aposta extremamente arriscada, enquanto isso, Rafael beijava meu pescoço me fazendo entrar em combustão, precisei me segurar firme na mesa, caso contrário eu seria presa contra atentado ao pudor.

— Nicole... — Engoli em seco, chamando a garota que, enquanto jogava, também acabei fazendo amizade. — Vamos comigo ao banheiro?

Confusa, ela assentiu e eu pedi para Rafael cuidar do meu jogo.

— O que foi que aconteceu ali?

Sabe aquelas pessoas que a gente se conecta na primeira vez que conversa? Essa foi Nicole, que enquanto a gente jogava, nós conversávamos da nossa vida. Como consegui essa proeza? Até agora estou me perguntando isso também.

— Aconteceu que preciso de um tempo para respirar, longe de Rafael.

Comentei respirando fundo, me abanando e sentindo finalmente o ar vindo em meus pulmões, a moça me puxou para um canto e senti o vento gelado de Las Vegas, mesmo que meu corpo ainda estivesse quente.

— Ele não é seu namorado? — Neguei.

— É meu melhor amigo e até outro dia, estava sofrendo de amores devido à ex que é minha amiga também. — Passei a mão no rosto.

— Achei que era só a minha vida que era complicada. — Brincou. — Ele é seu amigo, certo? Solteiro? — Concordei para ambas as perguntas. — Então, garota, só vai pra cima! Pelo menos ele não é seu inimigo. — Ela murmurou e eu franzi o cenho.

— Como assim?

Antes que ela pudesse me responder, Rafael apareceu coçando a nuca e completamente sem graça.

— Você me deixou sem supervisão e eu perdi todas as suas fichas.

Acabei gargalhando.

— Tudo bem, podemos tentar a roleta.

— Vou tentar a sorte com você, estou precisando de uns trocados. — Nicole deu risada e seguimos os três para a roleta.

A emoção não perdeu o foco, muito menos a tensão entre meu amigo e eu diminuiu com a minha pequena saída para espalhar a cabeça. Aquele lugar tinha algum tipo de atmosfera que não sei exatamente como explicar.

Em meio a emoção dos jogos e a tensão entre nós dois, Rafael me puxou para um canto e nossos lábios se colaram em um beijo tão intenso quanto o primeiro, sua língua macia brincava com a minha, suas mãos seguiram para minha bunda, se enfiando dentro do meu vestido e apertando a carne.

O barulho de alguém gritando nos fez separar, ofegantes e meu coração estava disparado, assim como outras partes do meu corpo, Rafael passou a ponta do dedo no meu lábio, como se limpasse algo e isso foi a coisa mais sexy do universo.

— É melhor encerrarmos a noite.

— Sim, tem razão, é melhor encerrarmos a noite.

Concordou comigo, o que nós dois nos esquecemos é que teríamos que dividir a cama e só lembramos quando abrimos a porta do quarto e ficamos paralisados encarando o ambiente, até que meu amigo coçou a garganta.

— Vou tomar um banho.

Concordei com ele e quando chegou a minha vez, ao retornar eu estava tão cansada que me deitei na cama e simplesmente apaguei.

Capítulo 09



Alicia Martini | Nem sempre o que acontece em Vegas, fica em Vegas

Estava acordada há alguns minutos, apenas me mantinha de olhos fechados, ainda sem conseguir acreditar o que aconteceu na noite anterior. Beije Rafael, não uma, mas inúmeras vezes e como se não bastasse isso, meu corpo inteiro se acendeu e meu interior como há muito tempo não sentia, inflamou.

Atualmente ele estava dormindo, abraçando minha cintura e com a cara no meu pescoço, tentava a todo segundo manter minha respiração tranquila e não me arrepiar com seu nariz em meu pescoço, meu ponto mais fraco.

Sua respiração ficou acelerada e virei a cabeça a tempo de ver seus olhos se abrirem.

— Bom dia. — Murmurei sorrindo.

— Bom dia. — Beijou meu ombro. — Alícia, sobre ontem à noite...

— Não foi nosso primeiro beijo. — O lembrei, não é como se eu ficasse me remoendo, a lembrança do nosso beijo de anos atrás em uma noite de vingança só veio depois de muito refletir e muito me sentir culpada.

— E devo dizer que você melhorou muito suas habilidades com a língua. — O belisquei devido à provocação, ele riu. — Acontece que não podemos repetir o beijo...

Aliviada.

— Sim, concordo, além disso:

“O que acontece em Vegas, fica em Vegas.”

Repetimos um mantra que criamos há anos, era uma coisa de Lana, Jeferson, Rafael e eu, prometendo que caso a gente viesse para Las Vegas as coisas que fizéssemos aqui, ficaria por aqui e jamais seria comentado.

Ele me abraçou forte.

— Sua amizade é extremamente importante pra mim, Aly.

Concordei com ele, mesmo que isso não fosse algo que eu estivesse completamente em paz, algo dentro de mim estava se embrulhando com essa frase.

— E então, quais os planos de hoje?

— Vamos ver – me estiquei para pegar meu telefone e sorri – temos uma caça ao tesouro e já estamos atrasados!

Fiz minha higiene matinal e depois dei espaço para que Rafael fizesse a dele, descemos para o resort, tomar café da manhã e seguimos para um hotel próximo dali. Fomos conversando e por ser próximo, fomos andando mesmo, chegamos no local e já na entrada fomos levados aos anos cinquenta, havia um homem uniformizado com uma prancheta.

— Fizeram as reservas?

— Ela fez, eu vim de última hora.

Rafael tomou a minha frente, o homem concordou, conversou com ele sobre valores e então fomos levados até uma salinha, informando que iríamos precisar trocar de roupa. Colocamos as roupas dos anos cinquenta e nos foi entregue um mapa, o local estava remetendo a época de glamour e os anos dourados de Las Vegas, eu estava amando tudo isso.

— Muito bem, casais, cada um de vocês receberam mapas com as dicas das próximas pistas, existirá apenas uma dupla de ganhador. Boa sorte.

Todos os casais começaram a correr, enquanto isso eu, que estava com o mapa, analisei o mesmo.

— Por que você, que é a mulher mais competitiva que conheço, está aqui parada, enquanto os outros saem correndo?

— Porque eles estão correndo em pontos cegos – encarei meu amigo – eles nos deram um mapa, isso significa que a primeira pista também está aqui.

Analisei o mapa, onde estávamos até que sorri e peguei nas mãos de Rafael, correndo com ele para a nossa primeira parada: um enorme e antigo salão de baile do hotel, que estava decorado com um daqueles clássicos filmes dos anos cinquenta e por um momento me senti num filme da Marilyn Monroe, com tapeçarias antigas e lustres brilhantes.

Faltava apenas ela com um cigarro cantando e dançando.

Ergui o mapa acima dos meus olhos, analisando a pista.

— Entramos por aqui, pelo que o mapa diz, a próxima pista pode estar perto das mesas...

— Ou dos palcos.

A voz de Rafael estava nos meus ombros e ouvidos, trazendo um arrepio para meu corpo, da qual tento ignorar completamente. Las Vegas está mexendo com minha cabeça e ainda bem que amanhã nós vamos para casa.

Começamos a procurar o que poderia ser a pista para o próximo nível e encontramos outro mapa, havia um para cada dupla e pegamos um, acrescentando junto do primeiro. Pela imagem,

deveríamos ir por um corredor estreito, corremos comigo na frente e na minha ânsia de querer ganhar, acabei tropeçando e senti as mãos de Rafael contra minha cintura.

— Ei, furacãozinho, sei que você é competitiva, mas vá com calma e não destrua nada, nem a si mesma, ok?

Acabei rindo e ajeitando meus cabelos.

— Tudo bem, vamos que estou vendo a máquina no fim do túnel.

— Acredito que deveria ser a luz, mas acredito em você.

Rafael me soltou e fomos até a próxima sala, entre risos e brincadeiras, ignorando a faísca crescente entre nós dois que não diminuiu em momento algum e sempre aparecia quando nós dois nos tocávamos.

Como era uma máquina de caça níqueis, eu acabei puxando a alavanca e a próxima pista veio na tela do objeto antigo: uma sala de cinema.

— Ou um palco de teatro, vamos!

Desta vez é Rafael quem me puxa, a ansiedade por estarmos indo cada vez mais perto do próximo nível deixava uma tensão no ar, a adrenalina na competição parece ter atingido até mesmo Rafael, que ao ver que precisava recitar uma fala de Romeu, não pensou duas vezes, se ajoelhou e começou a ler, mesmo esquecendo as falas.

— Eu não sabia que você conseguia recitar Romeu e Julieta, mesmo se esquecendo algumas coisas.

Ele me encarou debochado.

— E eu não saberia, só sei essa fala pelo filme crepúsculo, lembra que você e a Lana fez Jeferson e eu assistirmos ao filme inúmeras vezes?

Abri a boca e bati nele com o mapa, o que me fez rir.

— Você trapaceou! E eu estranhando mesmo que você tinha essa veia culta dentro de você.
— Estalei a língua.

— Me saí muito bem, viu, até ganhei a próxima pista! — Ele me puxou pela cintura, me fazendo cócegas, o que me fez curvar e rir.

Foi nesse clima de risadas que entramos na próxima sala, ela era escura, havia uma única luz no centro com uma mesa, meu amigo e eu nos encaramos e seguimos receosos até lá. Rafael pegou o bilhete e ao ler em voz alta olhei na mesa.

— Eles querem que montemos um quebra cabeça? — Rafael ficou confuso e eu neguei.

— Não um simples quebra cabeça. — Peguei uma peça e mostrei a ele. — É um quebra cabeça de enigma.

Um barulho nos assustou, era o som de um cronômetro, Rafa e eu entendemos na hora o significado: tínhamos quarenta minutos para decifrar tudo.

Começamos mover as peças com rapidez, eu estava surpresa em como eu conseguia pensar tão rápido em inglês, ao mesmo tempo que me sentia a própria Sherlock Holmes, nossas mãos se moviam em sincronia, muitas vezes tocando uma na outra, causando pequenos choques de eletricidade.

Olhei para o relógio, faltava trinta segundos e eu comecei a me desesperar, a tensão aumentando e quando encaixamos a última peça, gritando de felicidade, o relógio disparou: nosso tempo acabou e nós conseguimos.

Nós dois pulamos nos braços um do outro, nos abraçando, sorrindo empolgados, os olhos conectados e a respiração ofegantes, nosso momento foi quebrado quando uma taça de champanhe foi estourada ao nosso redor.

— Vocês venceram! E devo dizer, em tempo recorde! Como prêmio, vocês poderão vir em um jantar exclusivo hoje à noite.

Nós dois agradecemos e saímos do hotel feliz.

— E então, qual a próxima parada?

— Que tal você me surpreender?

— Ah, Aly, você não deveria ter perguntado isso.

Rafael deu aquele sorriso safado e galanteador dele e seguimos para a próxima parada que seria por conta dele.

Capítulo 10



Rafael Espósito | Nem sempre o que acontece em Vegas, fica em Vegas

A noite chegou mais rápida do que imaginei, levei Alícia para inúmeros pontos turísticos dos quais os caras e eu fomos, é claro que evitamos alguns locais como casas de strip tease, mas tiramos foto na frente de uma daquelas igrejas do Elvis, o mais divertido foi que havia um casal ali que precisava de padrinhos e nós fomos os padrinhos deles.

Tomei meu banho e segui para o hall do hotel, deixando minha amiga se arrumar com mais tranquilidade, sentei na bancada e pedi um whisky e fiquei assistindo à TV, que estava passando um jogo de baseball. Alícia me mandou uma mensagem dizendo que já estava descendo e eu fui esperá-la próximo do elevador.

Quando as portas se abriram, minha boca deve ter ficado aberta também, porque minha amiga estava simplesmente gostosa. O vestido era preto de alcinhas, fazendo seus fartos seios saltarem para cima, sua cintura demarcava perfeitamente nos quadris largos com a bunda arredondada e empinada. Nos pés uma sandália de salto, que mesmo aparentando serem altos, ela não chegava nem mesmo nos meus ombros.

Seus lábios estavam de um vermelho vívido, os olhos castanhos demarcavam levemente.

— Uau, você está gostosa. Se fossemos para algum lugar, você conquistaria corações. — Estendi meu braço. — Pena para eles que essa noite você está acompanhada.

— Ah, mas isso não me impede em nada. Não se esqueça que ainda sou uma mulher solteira, quem sabe não escolha perder o lacre hoje?

Um fogo subiu pelo meu sangue e enviei um olhar lânguido para ela, furioso e completamente enciumado.

— Não comece, você não vai arrumar homem nenhum na minha presença. Eles não são bons para você, nenhum deles são.

Alícia soltou um longo suspiro, paramos na frente do carro alugado, apesar de ser próximo, ela estava de salto, não a faria andar a pé com essas armadilhas mortais.

— Sabe, um dia você e Rian vão ter que parar com esse ciúme besta de irmão. Tenho trinta anos e terei que me relacionar com alguém.

— Aly, não quero estragar nossa noite com esse tipo de comentário.

— E quando vamos ter esse tipo de comentário, Rafael? Já tenho trinta anos, sabe? Até Rafaela tem um namorado...

— Minha irmã conseguiu um namorado porque você acobertou, querida, caso contrário ela também não arrumaria um namorado, meu cunhado é um cara genial, mas não para enfiar a língua na boca da minha irmã. Agora você, ninguém vai me convencer do contrário.

Odiava pensar em Alícia um homem, só de pensar ou lembrar das vezes que a vi beijando alguém, meu estômago embrulha. Apertei a mão no volante até sentir meus dedos ficarem brancos.

— Nunca vou entender, porque você pode namorar e eu nunca pude. Até a Lana está noiva...

— Lana é problema do irmão dela, além disso – dei meu melhor sorriso torto, estacionando no hotel – eu também estou solteiro atualmente.

Alícia bufou.

— Depois que ficou com inúmeras mulheres, não é?

Sáimos do carro e ela continuou:

— Até perdi a conta de quantas passaram por sua cama, você sabe que isso é machismo, não sabe?

— Furacãozinho, machismo seria se eu me importasse que outras as mulheres ficassem com inúmeros homens, nunca me importei com isso. A questão é que não gosto de ver você com outros homens.

Alícia ficou absurdamente em silêncio, ela então voltou-se para mim, nós dois estávamos subindo as escadas do hotel, mas ainda havia um ponto que estava na penumbra, então mesmo escuro, conseguia ver seus olhos e não gostei nada do que vi ali.

— É por que não sou atraente e você quer me proteger?

— Jamais diga um absurdo desses... – A empurrei contra a parede, segurando em sua bochecha. – Você é extremamente atraente, gostosa pra cacete.

Não esperei ela responder, coleí nossos lábios, sentindo a suculência deles, minhas mãos abraçaram sua cintura escorregando no tecido macio e com pelinhos, minhas mãos foram para sua bunda, apertando a carne com firmeza. Nossa língua se movia em sincronia, num pequeno duelo e na tentativa de querer mais e mais dela.

Nos afastamos ofegantes, conectando nossas testas, ainda estava de olhos fechados, apenas sentindo sua respiração.

— Isso não deveria acontecer...

Ela me lembrou e porra, eu bem sabia disso.

— Eu sei, mas estamos em Vegas e o que acontece em Vegas...

— Fica em Vegas.

Segurei em sua cintura, me afastando com certa dificuldade, tentando compreender o motivo de estar pensando em seus beijos e o porquê algo dentro de mim gritava que não seria tão fácil assim esquecer os beijos e as noites que dormimos juntos.

Mesmo não tendo nada sexual, meu corpo se acostumou com seu corpo pequeno contra o meu e o seu cheiro.

Fomos levados pelo maître até uma mesa reservada em um canto à luz de velas, o garçom trouxe uma taça e garrafa de champanhe com o cardápio, fizemos os pedidos e coloquei o líquido na taça de vidro.

— Um brinde a nossa amizade, que perdura há tanto tempo.

— Que venha muitos outros anos!

Fizemos o brinde e como eu gostaria de ser aquela taça, pois os lábios de Alícia ainda estavam vermelhos, seu gosto ainda estava em meus lábios, contudo comecei a notar sua expressão um tanto estranha.

— Alícia, você está bem?

— Não sei... — Sua voz estava fraca. — Meu estômago está doendo...

Ela começou a ter ânsia de vômito e saiu correndo, me desesperei e fui atrás dela, não me importei que ela entrou no banheiro das mulheres, entrei atrás dela e segurei seus cabelos enquanto ela vomitava.

— A jovem está bem? — Uma voz idosa soou atrás de mim.

— Desculpe, sei que não deveria estar aqui, mas... — Levantei minha amiga, mole e completamente pálida.

— Não se preocupe com isso, jovem, traga ela até a pia, sou enfermeira aposentada. — A mulher começou a jogar água em seu rosto e eu comecei a secar. — O que você sente?

— Meu estômago dói, o enjoo foi pela dor...

A mulher desconhecida começou a apertar e Alícia chorava, reclamava.

— Acredito que seja apêndice inflamado, ou pode ser apenas uma intoxicação alimentar. É melhor levá-la no hospital.

— Não, hospital não... — Negou minha amiga.

— Sinto muito, Aly, desta vez você pode derrubar o restaurante, mas a senhora está certa, você precisa ir para o hospital. — Ergui a mão. — Obrigado pela ajuda.

Nos afastamos, informei ao pessoal que já estávamos indo e praticamente carreguei Alícia até o carro, o desespero por estar doente pesando muito no meu coração.

— Já estou bem, Rafael...

— Você só vai me convencer quando um médico informar isso.

— Prefiro ir ao médico do Brasil, aqui é caro...

— Alícia, não vamos discutir por causa disso.

Odiava lembrá-la que eu era um empresário multimilionário e que não ganhava apenas em dólares, mas também em euro e que não importa o quanto ela gaste com qualquer situação, não fará diferença no meu orçamento. Não gostava de impor minha situação econômica pra cima dela, mas agora era importante, é a saúde dela e posso gastar todo meu dinheiro e não vou me importar, desde que ela fique bem e saudável.



Trazer Alícia no hospital foi uma das coisas mais difíceis que fiz na minha vida, o motivo? A própria Alícia. A mulher odiava ficar doente, odiava hospitais e pela convivência com nossa amiga médica, sei muito bem o que pode acontecer caso um apêndice pode inflamar e não temos tantas horas assim para arriscar.

Trouxe ela para um dos mais renomados hospitais de Las Vegas, conheço ele de uma das últimas viagens que fiz para a cidade do prazer, nem me lembro exatamente qual foi o motivo e o que viemos fazer aqui nesse hospital, mas é um grande conglomerado com vários departamentos e que possui uma referência internacional, também sei disso graças a nossa amiga médica. Lana, vou te comprar um presente quando chegar no Brasil.

— Bom senhor Espósito, a ultrassonografia mostrou que realmente necessitamos fazer uma pequena cirurgia para a retirada do apêndice, exatamente como o imaginado. – O médico veio me informar. – Já levamos a senhorita Martini para os preparativos.

— Certo, posso vê-la antes da cirurgia? Poderemos voltar quando para o Brasil?

— Claro, imagino que enquanto conversemos, ela já esteja pronta e o senhor poderá vê-la. Quanto a voltar ao Brasil, amanhã ela poderá viajar sem problema nenhum, mas terá que seguir algumas recomendações, ir a um médico daqui a uma semana.

O médico foi me informando todas as precauções do pós-operatório e eu ia assentindo ouvindo o que ele falava e anotando mentalmente. Peguei meu telefone e mandei mensagem para Rafaela e Lana, elas precisariam me auxiliar nessa questão médica e havia outra questão...

— Ei, Rafa, olha quem é minha amiga de quarto! — Alícia comentou extremamente animada e dopada.

— Eiii, não me lembro de ter visto dois de você.

— Olá, Nicole e não tem dois de mim. — Apertei a mão da moça meio grogue que estava erguendo meio estranho, segurei o riso. — Pela felicidade das duas e conhecendo dona Alícia, o que estão aprontando? — Me sentei ao lado da maca de Alícia.

— Nic e eu estamos combinando de voltar a Vegas, mas sem você. — Ela suspirou e se aconchegou nos meus braços.

Me fingi de ofendido.

— Sem mim? Posso saber por qual motivo fui excluído dessa diversão?

— Perdedor... Vai... acabar... com... nossos... dólares... — Nicole respondeu com a voz fraca, sua pele ficando ainda mais branca. — Não estou me sentindo bem.

Para meu desespero, Nicole se virou e vomitou no chão do hospital, arregalei os olhos.

— Alícia não...

Era tarde, minha amiga não conseguiu respirar a tempo pela boca e tampar os olhos, ela apenas conseguiu virar do outro lado e vomitar. Eu não tinha dificuldade nenhuma com vômitos de estranhos, ou dela, acontece que Aly era extremamente sensível e ela começava a chorar e com isso eu não sei lidar muito bem.

— Está tudo bem, Aly, está tudo bem...

— Nã-não e-está... — soluçou — a-as moças... vão... ter... que... limpar tudo... sozinha... V-vou a-aju a-ajudar... — Quando Alícia tentou olhar, começou a ter ânsia outra vez e peguei seu rosto.

— Não, não... Você vai olhar pra mim. Olha para mim, Alícia! — Exigi e ela me encarou, as enfermeiras me entregaram uma toalha molhada. — Você não vai olhar para o lado, vai me encarar e vai respirar pela boca, entendido? Isso é uma ordem, Alícia.

Minha amiga apenas assentiu e eu a abracei, colocando seu rosto, agora limpo, contra meu peito e acariciei seus cabelos, notando que Nicole estava discutindo com um homem. Na confusão com Alícia, nem notei que o acompanhante de Nicole se aproximou.

Não demorou muito para as enfermeiras voltarem e levar as garotas chorosas que não queriam se desgrudarem por nada.

— Essa mulher vai me dar uma úlcera antes do tempo. — O homem resmungou, rígido.

— Aproveite que está no hospital e faça algum exame. — Brinquei. — Rafael Espósito, feliz que veio para ser acompanhante de Nicole.

— Brendon Carter, você conhece Nicole? — Assenti.

— Ela acabou se tornando amiga de Alícia. — Apontei onde a cama estava e ele assentiu como se compreendesse. — Acredito que agora só nos resta esperar.

Brendon concordou, seguimos até a sala de espera e ali ficamos, conversamos sobre coisas fúteis até que chegamos na parte que eu mais gostava: negócios e nada me relaxava mais do que trabalho. No fim, acabei pegando a empresa de Brendon para patentear sua nova marca, ele me contou como estava sofrendo retaliação e lutando na justiça contra direitos autorais.

Inclusive Nicole é a jornalista que está denunciando contra o esquema e o chamando de corrupto. Seguei o riso pensando em como isso era irônico.

— Acompanhante da senhora Alícia Martini?

— Acompanhante da senhora Nicole Marshal?

Nos levantamos e seguimos até os médicos.

— Vocês estão com as instruções do pós-operatório? — Assenti.

— Infelizmente cheguei depois e acabei não obtendo essa informação. — Brendon respondeu sério, notei que, apesar de ter conversado comigo abertamente, é porque estávamos falando de negócios, já que ele não é tão receptivo assim.

— Passaremos ao senhor as informações, a operação ocorreu tudo bem, ambas estão na mesma sala e acordadas.

Fui com uma certa pressa até o local em que elas estavam, quando vi Alícia acordada e bem soltei um suspiro aliviado, finalmente eu estava respirando com facilidade. Corri até minha amiga e a abracei com força, interrompendo sua conversa e risada com Nicole.

— Nunca mais me dê um susto desses.

— Vou tentar.

Capítulo 11



Alicia Martini | Nem sempre o que acontece em Vegas, fica em Vegas

Dois meses depois

Eu não estava me sentindo nada bem e essa é a primeira vez que estava confessando isso, mesmo que seja para mim mesma. Desde que voltamos para o Brasil, Rafael estava parecendo uma galinha-choca com seu pintinho, no caso a galinha era ele e o pintinho era eu, não importa o lugar que eu fosse, o homem sempre estava atrás, como se fosse a minha sombra.

Até ficar quinze dias na casa dele, ele me fez ficar.

Muitos podem achar lindo, mas eu estava achando irritante. Sempre fui independente, mesmo quando morava em Pirangi, ter alguém se importando nesse nível não era nada normal, geralmente sou a mãe do rolê, eu sou aquela que cuida e não quem é cuidada, além disso, foi apenas uma cirurgia de apêndice! Não era nada grave, certo?

— Alicia, tem certeza que você está bem? — Daiana, minha amiga me perguntou na sala dos professores da universidade. — Você tem estado mais pálida do que o normal desde que voltou de Las Vegas.

— Se eu te contar, promete que não fala para o Rafael? — Devolvi a pergunta me levantando para ir até o bebedouro.

Contudo, por ter me levantado rápido demais, tudo ficou turvo e precisei me segurar nas paredes.

— Me contar o quê? — A voz do meu amigo era como um fantasma no fundo da minha mente. — Aly?

Tentei dizer a ele que eu estava bem, que não precisava se preocupar e que ele estava me irritando com sua preocupação constante e idiota, porém, tudo ficou preto.



Meus sentidos foram voltando, notei que estava deitada em algo meio duro, com uma mão grande segurando a minha apertadamente. Abri os olhos e a claridade atrapalhou um pouco a minha visão, até que lentamente me acostumei com ela.

Notei que quem segurava minha mão era Rafael, sua expressão era séria, preocupada e ele parecia ter envelhecido alguns anos em poucos minutos. Seus cabelos sempre tão bem penteados estavam bagunçados, seu terno sempre alinhado estava completamente amarrotado. No canto do quarto reconheci Rafaela, Rian e Lana.

Franzi o cenho tentando me sentar.

— Não, você está com soro. — Rafael me impediu.

Só então notei o acesso na veia e voltei a deitar, respirando fundo.

— O que aconteceu? Por que todos estão aqui? Onde quer que “aqui” seja, mesmo que suspeite ser um... hospital...? — Perguntei encarando Lana e ela concordou.

— Você desmaiou na faculdade, sua amiga ligou para nós informando que Rafael estava te trazendo. — Lana se aproximou e sentou na maca ao meu lado. — Atualmente estou como sua amiga e não como médica, você nos assustou.

— Não estou entendendo, nunca desmaiei e então... — Mordi a língua.

— E então, o que, Alícia? — Desta vez quem respondeu foi Rian, sua voz era completamente sombria.

— Não é a primeira vez que eu desmaio.

Confessei olhando para a única pessoa na sala que era um ponto neutro: Rafaela. Ela tinha os olhos vermelhos, provavelmente do choro e por ser mais sensível e veio ao meu lado, naquele momento não sei exatamente quem explodiu primeiro: Rafael, Rian ou Lana.

Sabia que os três agiriam dessa forma quando eu contasse o que estava escondendo dos três, principalmente dos dois rapazes que eram extremamente protetores em níveis absurdos.

— Sinceramente, Alícia, você já tem trinta anos, como pode esconder isso da gente? — Abri a boca para responder, mas como estamos falando da minha amiga de infância, Lana ergueu a mão. — Hã, nem venha com o papo de que todos estávamos ocupados com o trabalho, porque sua saúde vem em primeiro lugar. A saúde de qualquer um aqui vem em primeiro lugar. Quantas vezes você não largou tudo para vir até um de nós? E eu estou inclusa nisso? Podemos não nos ver com frequência, mas quantas vezes você não foi na minha casa cozinhar pra mim quando eu estava doente?

— Lana, podemos não conversar sobre isso?

— Só concordo com você porque está ficando verde, mas estou indo ver seus exames e eu quero saber quem dos dois ficará encarregado de monitorar essa fulana aqui, porque meu casamento é em pouco tempo e eu quero minha melhor amiga e madrinha nele, porque depois de mim ela é a mais importante. — Minha amiga virou batendo os saltos no chão e bufando.

Quem disse que dois iguais não se juntam? Entre nós duas, Lana é a mais sensível, porém, ela também é extremamente parecida comigo e por isso nossos embates são sempre tão fortes.

Nossa amizade é aquele tipo que podemos ficar anos sem nos falar, que quando nos vemos é como se o tempo não tivesse passado e nada mudou.

— Antes que vocês dois falem qualquer coisa, não vou ficar na casa de ninguém, prometo que se eu desmaiar aviso, até mesmo porque fiz exames, certo? — Encarei Rafael, que tinha os olhos escuros, ele apenas assentiu. — Então, vou saber o que tenho e vocês serão os primeiros a serem informados se algo sério estiver acontecendo comigo.

— Sinceramente, não sei o que faço com você, Alícia Martini. — Rian negou com a cabeça. — Você vive nos matando de susto com suas negligências. Tem se alimentado?

— É claro que tenho me alimentado! — Respondi ofendida. — Não sou mais uma adolescente com problemas alimentares porque odeia o corpo, Rian. — Senti Rafael apertar minha mão, apertei de volta.

— Sei disso, mas agora você se tornou uma workaholic como certo homem que conhecemos e pode ter se esquecido de se alimentar. — Apontou para Rafael e eu sorri.

— Aparentemente ele não almoçou, está com um mau-humor... — Brinquei, separei nossas mãos e acariciei seus cabelos, ele fechou os olhos. Queria gritar para esse homem doido que eu estava bem, mas ele não queria aparentar vulnerabilidade na frente da irmã.

Certas coisas nunca vão mudar.

Não demorou muito para a porta ser aberta, então minha médica ginecologista entrou pela porta, franzi o cenho mais uma vez em pouco tempo, completamente confusa.

— Olá, Alícia, que susto você nos deu hoje, hum? — Ela brincou e veio verificar o soro. — Aparentemente você deu sorte, era meu dia de plantão e vamos ter muito o que conversar.

— É algo sério, doutora? — Rafaela, que estava em silêncio até aquele momento, tomou a frente e minha médica negou.

— Não, mas eu gostaria de falar com minha paciente, em particular. — Graça lançou um olhar particularmente duro para Rafael, ele então ficou em pé.

— Por quê? Eu a trouxe aqui! Ela é nossa amiga e...

— E ela é minha paciente desde os dezoito anos dela, conseqüentemente Alícia é maior de idade, portanto, quero todos para fora. Aproveitem e digam para a senhorita Duchanes ficar longe da porta, que não é por ela ser amiga da minha paciente que pode verificar seus exames ou atrás da porta.

Rafael abriu um sorriso torto, ele amava provocar Lana e agora ele tinha uma vantagem contra ela e aproveitaria o mau-humor para importuná-la. Bem, antes ela do que eu, desculpa amiga.

Graça aguardou a sala ficar vazia e então puxou a cadeira e me ajudou a ficar meio sentada na maca.

— Alícia, o senhor Espósito comentou aqui que dois meses atrás vocês foram para Las Vegas?

— Sim senhora.

Ela então começou me fazer perguntas, medir minha pressão e então sentou-se me encarando de forma ainda mais séria.

— Alícia, os exames indicam que você está grávida de dois meses.

Abri minha boca em completo choque, devo ter ficado branca, verde ou qualquer outra cor, pois Graça começou a me abanar com sua prancheta e pedir para eu respirar, quando voltei a mim, comecei a rir de forma histérica.

— Não brinque com uma coisa dessas, Graça... Não é hora de fazer piadinhas com seu nome...

— Isso não é uma brincadeira, Alícia, fiz seu exame de Beta HCG duas vezes e o resultado deu mais do que positivo.

— Sou virgem! Como isso pode ter acontecido? Viajei com Rafael e não aconteceu nada entre nós, nada!

Se antes eu estava começando a ficar histérica, agora eu estava enlouquecendo, minha médica me encarou de forma séria, ainda mais séria se isso fosse possível, na verdade.

— Certo, vou precisar fazer alguns exames em você, incluindo de toque.

— E-eu nunca... – Engasguei ao gaguejar e ela apertou meu ombro.

— Eu sei, por isso estou te informando, faremos um ultrassom também, você disse que fez uma cirurgia...

Contei a ela mais uma vez da minha cirurgia enquanto ela me entregava uma daquelas roupas ridículas de hospital, uma enfermeira entrou para auxiliá-la e trouxe junto uma mini máquina de ultrassom que eu só havia visto em séries.

Conforme Graça conversava comigo, fiquei com as pernas abertas, sentindo minha cara pegar fogo, era a primeira vez que ela me via daquela forma, mesmo eu fazendo acompanhamento com ela desde os dezoito anos, era mais devido à minha TPM e menstruação extremamente fortes, nunca ninguém me viu tão arreganhada assim e eu queria um buraco para me enfiar.

Após todos os exames, ela retirou a luva e a enfermeira tinha os olhos arregalados.

— Alícia, não sei como te falar isso, mas você ainda tem o hímen...

— Então não estou grávida? – Não sei como me sentir a depender da resposta dessa pergunta.

— Pelo contrário, você está mais do que grávida. Quando tiraram seu apêndice fizeram uma inseminação artificial em você, como consta pelo seu estado e seu relato, ilegalmente...

Não sei o que a minha médica disse a seguir, porque pela segunda vez no dia, tudo ficou preto outra vez.



Acordei mais uma vez sentindo a maca do hospital nas minhas costas, agora não queria mais abrir os olhos com tanta rapidez como antes. Ao me lembrar de tudo o que Graça me disse, comecei a chorar de desespero, ao mesmo tempo, de amor. Já era possível amar um pequeno ser desta forma? Porque amo esse pequeno ser que está dentro de mim.

— Alícia? Você está bem? Sua barriga está doendo? A cirurgia? Quer que chame a sua médica?

A voz de Rafael me fez abrir os olhos e notar que estava apenas nós dois ali e que eu estava com a mão no meu ventre. Engoli o choro.

— Estamos sozinhos? – Ele concordou. – Estou grávida Rafael.

— O quê? Como?

Contei a ele sobre o exame e a fertilização in vitro não autorizada e meu amigo de confuso começou a ficar furioso.

— Eles não podem fazer isso! Vou dar um jeito de processar aquele hospital, como eles podem ter essa capacidade toda?

— Rafael! – O chamei um pouco mais alto, pois ele já estava andando de um lado para o outro no quarto. – Vocês falam de mim, mas você não está muito longe, ataca primeiro, pergunta depois. – Ironizei.

— Me desculpa, Aly, você é a prioridade, depois pensamos em denunciar grandes hospitais internacionais. Como você está? – Ele sentou na maca ao meu lado.

— Feliz, amando já esse pequeno serzinho, confusa e com medo. – Engoli em seco. – E se não for boa mãe?

Meu amigo revirou os olhos bufando, ele então segurou meu rosto com uma mão, acariciando minha bochecha, senti meu corpo inteiro se aquecer, aceitando a carícia.

— Você já é mãe, Alícia, de um bando de gente adulta que age como criança, tirará isso de letra. Além disso, você não estará sozinha, estou aqui com você, ao seu lado.

Rafael me puxou para seus braços, apertando contra seu peito e ali eu soube que estava completamente protegida, não importa o que acontecesse, se eu o tivesse tudo estaria bem.

Capítulo 12



Alícia estava grávida e isso era inacreditável, ela me pediu segredo e é claro que eu estava o guardando para ela, mas por mais que nós dois estivéssemos contentes, é impossível não pensar que isso é um crime, afinal, Alícia foi inseminada indevidamente.

Chamei meu advogado do escritório americano e começamos a investigar o hospital, precisávamos reunir provas antes de acusar o mesmo de algo assim.

Deixei a preocupação com o hospital nas mãos competentes da minha equipe e agora estava focado em outra preocupação: Alícia. Faz uma semana do anúncio e eu vou todos os dias na faculdade, meu cuidado com ela redobrou e hoje não era diferente.

Estava de braços cruzados, encostado na minha Porsche Macan preta, com os braços cruzados e de óculos, ela estava saindo com sua calça social preta, uma camiseta branca, uma pasta e uma garrafa d'água. Ela sorria enquanto conversava com sua amiga e parecia que o sol da tarde estava iluminando ao seu redor, ou deveria ser o brilho das grávidas que eu tanto ouvia falar.

Sua amiga Daiana a acotovelou e ela olhou para mim, revirou os olhos e se despediu dela vindo em minha direção.

— Sabe que eu não preciso de uma babá, não é?

— Sabe que vai ter que se acostumar, não é?

Retruquei sorrindo e abrindo a porta do carro para ela, que entrou e cruzou os braços mal-humorada, dei a volta e entrei no banco do carona.

— E então, passaram os enjoos?

— Bem que eu queria, mas só consegui comer uma bolacha de água e sal, aquelas alunas vivem com perfume doce, qual a necessidade disso? E meu Deus, juro que senti o perfume masculino tabu, nada contra, mas lembrei da minha infância e do meu pai que me traumatizou, foi demais para meu estômago.

Caí na gargalhada ouvindo seu relato da palestra da vez, conversamos mais um pouco sobre sua gravidez de dois meses, assim como foi meu trabalho. Dirigi até sua casa, analisando seu bairro, respirei fundo já me preparando para ter uma conversa séria com minha amiga.

— Não via a hora de chegar em casa e tirar esses sapatos. — Gemeu e a segui, trancando a porta e deixando a chave do meu carro na mesa da cozinha.

— Você deve evitar usar saltos, Aly, sabe disso.

— Por enquanto não corro riscos, Rafa, além disso, se eu que sou apaixonada por saltos parar de usá-los do nada, vão estranhar.

Assim que entramos, sua gata Kiki veio correndo miando até onde eu estava, sorri me abaixando e acariciando seu pelo.

— Quem é a minha garotinha? — Ela ronronou para mim enquanto nós dois seguíamos a sua dona.

Me sentei no chão na frente de seus pés, coloquei um em minha perna e comecei a fazer massagens e seu gemido de prazer levou certos choques e terminações nervosas ao meu corpo e eu precisei me concentrar. Não posso me lembrar dos beijos quentes que trocamos em Las Vegas, nós prometemos que o que acontece lá, ficaria lá.

Mesmo que certo detalhe não tenha ficado em Vegas.

— Céus, Rafael, você tem mãos maravilhosas... — Alícia gemeu e isso não foi nada bom para a minha mente pervertida, coloquei uma almofada no meio das minhas pernas e continuei massageando suas pernas.

— E então, quando vai começar a organizar o quarto do bebê? Vai fazer chá revelação? — Levei para um tópico menos sensível, ou melhor, menos pervertido.

— Claro que eu não vou fazer chá revelação! Acha que a minha ansiedade me permite esperar? Do jeito que sou, dou um jeito de burlar o sistema só pra descobrir o sexo do bebê. Já a organização...

Alícia jogou uma almofada no chão e se jogou ao meu lado com cuidado, nós dois deitamos ali e ficamos vendo juntos a decoração infantil, algumas coisas eram mais nichadas, mas a que mais gostamos foram dos ursinhos carinhosos, era bem unissex por ter doze cores, ser de ursinho, nuvens e coisa fofa.

— O quarto da nossa mini furacãozinho vai ficar lindo.

— Ai! Meu coração! — Ela gritou e eu ri. — Não haja com esse assassinato ao português ao meu lado, você já a chamou de mini, precisava do diminutivo no furacão? Além disso, como sabe que será uma garota?

— Me deixa ser não neurótico com o português pelo menos em família? Agora como sei que é ela? Simplesmente sei. — Ficamos em silêncio. — Você pensa em saber quem é o pai?

— Sinceramente? Não. Apesar de saber que você está investigando o hospital, não desejo saber quem é o doador, ele ou ela será meu bebê.

— Como você sabe que estou investigando o hospital? — Tentei ignorar a dor que senti quando Alícia disse que aquele bebê é apenas dela, o que é verdade, eu serei apenas um tio extremamente próximo.

— Porque meu querido, eu te conheço desde a sua infância. — Ela beijou minha bochecha. — Agora preciso ir tomar banho, vai ficar para o jantar?

Apenas assenti para o que ela disse, a ajudando a se levantar e ignorando ainda os sentimentos conflitantes e as emoções que eu estava sentindo ao estar próximo de Alícia. Não era apenas devido à descoberta de sua gravidez, isso apenas intensificou a volta.

Rian e até mesmo Lana perguntaram o que aconteceu conosco em Las Vegas que voltamos diferentes, claro que dissemos veemente que não aconteceu nada além de sua cirurgia e muita bebida, mas seria apenas eu mentindo para mim mesmo? Será que algo realmente mudou na minha visão de como enxergo Alícia nessa viagem? E tudo está se intensificando com a chegada do bebê, por isso esse desespero?

Com esses pensamentos fiz nossa comida, fiz careta ao notar que Alícia era tão péssima quanto Lana no quesito alimentação e a conversa que eu teria com ela durante o jantar seria excelente.

— Aparentemente só você tem comida saudável aqui, lindeza. — Comentei com Kiki colocando sua ração premium e ela miou concordando comigo.

Preparei algo comestível e nutritivo para ambos e para o bebê, lavei a louça e quando finalizei minha amiga chegou na cozinha.

— Hm, esse cheiro está maravilhoso.

— Que bom, porque agora a senhorita se alimenta por dois, então trate de comer bem e quem vai colocar comida no seu prato serei eu.

— Ah, por favor, veja se não coloca muito.

— Não faça birra, Alícia, caso contrário vou dar na sua boca.

Juro que vi o brilho nos olhos da minha amiga, aquele brilho de desafio e eu estava pronto para isso, tão pronto que a peguei nos braços, a coloquei sentada na cadeira, me sentei ao seu lado, peguei o macarrão, enrolei no garfo.

— Vamos lá querida, abra a boca.

— Não acredito nisso, Rafael, você não vai me dar comida na boca!

— Se for necessário para fazer você se alimentar corretamente, farei muito mais do que isso, Alícia.

A intensidade da minha frase ficou maior do que eu esperava, minha voz estava tão rouca que precisei até coçar a garganta, o clima alegre ficou com uma tensão palpável e eu não consegui identificar qual tipo de emoção tirar em seguida.

— Alícia, quero te pedir uma coisa... — Cocei a garganta ao notar que minha voz estava mais rouca do que o esperado.

— O que seria?

— Quero que você venha morar no meu apartamento.

— Rafael... — Ela hesitou por um instante. — Eu não acho que devo...

— Me escuta. — A cortei, segurando seu rosto com ambas as mãos. — Você mora sozinha, sua gravidez pode vir gêmeos, é de risco. No meu apartamento você terá mais espaço, conforto, temos seu quarto e um quarto de sobra para decorar para o bebê, além de ser muito mais seguro, você jamais estará sozinha, sempre terá Rafaela, Bete ou eu para estar ao seu lado.

— Rafael, o apartamento é seu e da sua irmã, não quero tirar a privacidade de nenhum de vocês.

— Quem disse que estará tirando a privacidade de alguém? — Franzi o cenho.

— Ter um bebê não é só escolher as roupinhas, decorar quarto ou coisas desse tipo, vai muito além.

Encarei Alícia chocado e, ao mesmo tempo, fechando a cara, me afastando, não querendo demonstrar que aquilo me feriu profundamente.

— Você, mais do que ninguém, deveria saber que sei o que é cuidar de uma criança, Alícia, eu cuidei da minha irmã. — Desta vez minha voz estava fria, me virei de costas, abrindo e fechando a mão para controlar a explosão que poderia vir.

— Rafael... eu... não... — Sua voz se quebrou. Ouvei seus passos antes de sentir sua pequena e delicada mão me puxando, virei e senti seu toque em meu queixo. — Me perdoe, não quis dizer nesse sentido.

— Qual foi o sentido então, Alícia?

— Nós dois sabemos que um dia você vai querer sair com alguma mulher e você vai querer levá-la para seu apartamento, você vai namorar, acha que ela vai saber lidar com sua melhor amiga morando de baixo do seu teto com um bebê tira colo?

— Então essa futura e inexistente mulher terá que entender que na minha vida existem algumas mulheres que não poderão sair da minha vida. Você, Rafaela, Lana e esse pequeno ser que está aqui... — Toquei em sua barriga. — Não sairão da minha vida e se alguém ousar tentar ir contra, não gostará de saber ou ver o resultado.

Alícia soltou um longo suspiro.

— Já vejo que, se essa criança realmente for uma menina, vou ter um longo trabalho com você a mimando, não é?

— Ei, mimei Rafaela e ela se saiu muito bem.

Nós dois acabamos rindo e eu a abracei apertado, o clima ruim entre nós dois se dissipando completamente, beijei a ponta de seus cabelos, sentindo seu cheiro maravilhoso de rosas. Alícia me apertou no abraço.

— Prometo que vou pensar, tudo bem?

— Pensar é ótimo.

Apesar de ter concordado, eu faria de tudo para ter Alícia e seu bebê morando no meu apartamento, ou não me chamo Rafael Espósito.

Capítulo 13



Alicia Martini | Nem sempre o que acontece em Vegas, fica em Vegas

Senhor, me ajude, por favor!

Não sei por qual motivo estou surtando: a gravidez surpresa com o fato de eu ser virgem? Hormônios da gravidez? O pedido de Rafael para morar com ele uma semana atrás? Essa ser a minha primeira consulta neonatal e o homem em questão estar me acompanhando?

Eu já não aguentava mais chupar sorvete de limão ou qualquer outra coisa para segurar o vômito, além das crises de choro a noite sozinha de desespero. Eu estava com medo, ou melhor, apavorada! Como assim serei mãe?

Pior que nesse momento eu só tinha realmente o homem ao meu lado em quem me apoiar e isso é o mais assustador de tudo, meus olhos se encheram d'água ao lembrar que não posso contar com minha mãe, afinal, como vou explicar para ela que estou grávida, virgem e nem sei quem é o pai? Jamais que ela vai acreditar que sou virgem e que foi fertilização in vitro ilegalmente.

— O que foi? Você está passando mal? — A voz de Rafael me tirou daqueles pensamentos horríveis e então me dei conta que as lágrimas estavam caindo como cascata por meus olhos.

Passei o dorso da mão tentando enxugá-las e neguei.

— Apenas estava lembrando que não poderei contar com Ana para nada e que estou sozinha...

— Escute bem o que vou dizer, Alícia, você não precisa da sua mãe narcisista pra nada, está me ouvindo? — Assenti. — Você é uma mulher forte, bem de vida, empoderada e esse pequeno ser vai conhecer apenas a melhor pessoa do mundo.

— E se eu for como ela? — Solucei.

Meu amigo pegou um lenço de dentro do seu terno, sim, ele vestia um de seus ternos exclusivos de alfaiataria, se ele repetisse uma peça, seu alfaiate teria um infarto, então ele usou seu lenço tão caro quanto a peça de roupa que vestia e limpou minhas lágrimas.

— Você jamais será como ela, porque você é diferente dela em vários níveis. — Rafael acariciou minha bochecha. — Vou pegar uma água para você.

Concordei e quando ele se afastou, notei como as mulheres da sala estavam encarando nós dois com olhos apaixonados, algumas até suspiravam, outras batiam em seus maridos e mesmo que eu não conseguisse ouvir sei o que elas diziam. Pobres coitadas, o que elas diriam se soubessem que sou apenas a amiga dele?

Quando Rafael voltou com a água ele pegou uma revista de bebês e ficamos conversando, inclusive brincando com nomes, ele estava me abraçando pela cintura e eu estava com a cabeça em seu ombro, só agora notei como me sentia protegida com ele. Além disso, Rafael está se tornando cada vez mais preocupado comigo e com o bem-estar do meu bebê, isso estava tocando no meu coração.

Depois de Las Vegas nós dois começamos a ficar próximos, mas não foi desde que minha gravidez foi revelada a ele que isso mudou, nossa relação mudou e como eu o enxergava também mudou. Quer dizer, eu observava suas mãos, ele tinha essas veias saltantes sempre? Esses músculos deliciosos definidos e minha mente de leitora viajava mais do que deveria.

Isso também faz parte dos hormônios, correto? Não é normal você desejar fazer sexo com seu amigo. Seja aquele sexo gostoso mais calmo, ou o selvagem. Como se eu soubesse o que era um dos dois.

Meu nome foi finalmente chamado e dei graças a Deus, alguém lá em cima realmente me ama, caso contrário não sei até onde minha imaginação poderia ir.

— Ei, Aly, como estamos hoje? — Graça perguntou empolgada.

— Ainda assustada, desesperada, talvez um pouco mais preparada?

Minha ginecologista gargalhou.

— Pelo menos não vai desmaiar. — Ela então viu Rafael. — Trouxe seu escudo e hm, vejo que não falou para Duchannes?

— Hm, não, talvez eu vá falar esse final de semana. — Rafael arqueou uma sobrancelha e eu fiz sinal que depois eu conversava com ele.

— Vou amar continuar guardando esse segredo dela. — Minha médica riu. — Prontos para ouvir o coraçãozinho?

Meu amigo e eu assentimos, corri para a sala me trocar e voltei para a maca, a médica me ajudou a sentar e Rafa segurou minha mão. Quando ouvi aquele som, não foi apenas eu que ofeguei, lágrimas desciam do meu rosto e eu sorri de emoção.

Graça me explicava e mostrava na tela tudo sobre meu bebê, senti o aperto na minha mão, mas o choro me impedia de ver com clareza. Terminei o exame e voltei para colocar minhas roupas com as pernas bambas.

— Muito bem, quem de vocês dois tem alguma dúvida?

— Quando vou poder fazer o exame de sexagem fetal?

— Quer fazer chá revelação? – Brincou e neguei.

— Sou ansiosa demais, quero saber para poder decorar o quarto logo.

— Mães de primeira viagem.

Ela me explicou, tirou algumas dúvidas de Rafael sobre alimentação, me entregou alguns suplementos.

— Doutora, como a senhora sabe, sou virgem, isso tem algum problema?

Ela encarou Rafael e quando viu que ele não esboçou nenhuma reação, respondeu:

— Não tem nenhum problema, o máximo que pode acontecer é o seu hímen ser rompido durante o parto.

Concordei.

— E sobre a fertilização em si, não deveria ter algum tipo de repouso? Estudei sobre isso e vi que são necessários muitos cuidados...

— Alícia, tudo sobre sua inseminação foi errado, foi uma violação, um crime e acredito que isso já esteja sendo investigado para ser devidamente denunciado. – Rafael assentiu. – Como não teve o repouso necessário no início, sua gravidez agora é de risco até o terceiro trimestre. Com o exame de sexagem fetal saberemos, também, se você está esperando gêmeos, já que em alguns casos, o coração deles pode estar batendo em sincronia e não queremos nenhum susto mais pra frente.

Agradecemos a informação da médica e saímos da clínica com alguns exames para fazer, coletei sangue e dali fomos para o shopping, quando nos sentamos encarei Rafael intensamente.

— O que foi? – Ele perguntou após me entregar uma batata frita na boca.

— Eu estava pensando e decidi que vou me mudar com você, mas você sabe tenho dois pacotes, um que virá com baba e outro com pelos.

— Você é ardilosa, Alícia.

— Por quê?

— Me dando uma resposta desta em público, só porque desta forma, não posso gritar e comemorar.

— Quem mandou você fazer o convite para sua melhor amiga?

Provoquei e enfiei um punhado de batata frita na boca dele.

Capítulo 14



Alicia Martini | Nem sempre o que acontece em Vegas, fica em Vegas

Decidimos que contaria para nossos amigos da minha gravidez na sexta-feira, no dia da minha mudança. Rafael estava explodindo de felicidade em me ajudar, seu sorriso ia de orelha a orelha enquanto carregava minhas malas e eu segurava apenas minha necessaire de produtos de higiene e a caixa transportadora de Kiki.

Subimos até seu apartamento, quando chegamos apenas Rafaela estava presente, ao ver as malas ela arqueou uma sobrancelha e nos encarou chocados.

— O que é tudo isso?

— Sem chances, irmãzinha, só contarei quando todos estiverem aqui, sabe se Lana conseguiu uma folguinha para ouvir a notícia?

— Você? Segurando a língua nos dentes? E ela conseguiu, sim, aparentemente está ansiosa para saber o que está acontecendo e tanto mistério. Agora, me dê Kiki que estou com saudades dessa gatinha linda da minha vida... — E puxou a caixa transportadora da minha gata, que obviamente amou, ela amava a atenção.

Pela primeira vez eu apenas sorri para a interação dos dois, me sentindo completamente envergonhada e deslocada, apesar de ter aceitado era estranho essa situação e eu não sei como agir, quer dizer, existe algum tipo de atitude a ser tomada? Alguma reação que eu deveria ter? Senhor, me ajude, por favor!

Segui para meu quarto, onde minhas malas estavam ali e Rafael me olhava com grandes expectativas, seus olhos castanhos claros estavam derretidos ao me encarar, quais seriam suas expectativas? O que ele esperava comigo vindo morar com ele? Eram tantas perguntas que eu não faço a mínima ideia das respostas.

— Amanhã Bete arruma as suas coisas no closet.

— Rafael, não vou deixar ela fazer nada por mim...

— Aqui você não tem voto, querida, não quando a segurança de vocês é mais importante.
— Ele acariciou minha barriga por cima da minha blusa e mesmo assim, senti pequenos choques elétricos por todo meu corpo.

Me afastei sorrindo.

— Você se esqueceu de um detalhe, amanhã é sábado e ela não vem nos finais de semana.

Meu amigo ficou em silêncio por um segundo, até que senti suas mãos em minha cintura e Rafael me puxou contra seu peito, sussurrando contra o meu ouvido:

— Espere até eu contar a novidade para minha irmã e Lana, ambas irão amar fazer o que quero e você será esquecida.

Engoli em seco, sentindo minhas pernas tremerem, lembrando das noites de Las Vegas e dos beijos que trocamos, meu corpo inteiro esquentou e eu senti a parte interior da minha boceta latejando, isso não deveria ser feito com uma grávida com hormônios em ebulição, fala sério!

Fingi uma compostura que não tinha e segui até a sala, Rafaela me lançava olhares suplicantes das quais eu ignorava e ela bufava, o primeiro a chegar foi Rian, depois o namorado de Faela e em seguida Lana com seu namorado.

— E então, quando vão começar a falar? — Lana questionou assim que nos ajeitamos na sala, ela estava acariciando minha gata.

— Não vamos nem pedir pizzas? — Rafael abriu a boca para me cortar, provavelmente dizer que eu não posso comer pizza, ele que não me venha com essa história de alimentação saudável que vou enfiar o controle do switch inutilizado dele onde o sol não bate.

— Querida, eu já conheço o gosto de cada um, fiz o pedido na nossa pizzaria favorita. — Todo mundo encarou a médica chocados. — O quê? Vocês sabem que sou curiosa, só quis adiantar as coisas. — Olhou para as unhas como que não fosse nada, o que fez todo mundo cair na risada.

— Aly apareceu aqui em casa com várias malas e a Kiki. — Alfinetou Rafaela, a cutuquei com o pé.

— Vocês estão namorando? — Rian perguntou empolgado.

— Não, mas Alícia e Kiki vão morar aqui. — Rafael respondeu e nossos amigos murcharam na mesma hora.

— Qual a necessidade dela vir morar aqui? — Lana estreitou os olhos. — Seu apartamento é tão bom, apesar do bairro meio perigoso, eu falei para você se mudar de lá há anos, não é como se não tivesse condições e...

— Lana, não é pelo apartamento. — A cortei e fiz um silêncio deixando todos eles ansiosos.
— Estou grávida.

Mais silêncio, até que a sala rompeu em gritos de felicidade e gritaria, todos eles pulando em Rafael e eu.

— Meus parabéns, vou ter um sobrinho! – Essa era Rafaela.

— Sobrinha... – Corrigiu Rafael, mas foi ignorado por todo mundo

— Sua puta, perdeu a virgindade e não me contou nada! – Essa era a Lana, que me abraçava e me batia.

— Porra, eu sabia que seria pai antes de mim, me deve quinhentos reais. – Esse é Rian para Rafael.

— Caralho, cara, engravidou da mulher sem casar... – Esse era Marcos.

E Igor, que tinha medo de zoar Rafael e tomar um esporro, o rapaz era gente boa, divertidíssimo, mas ainda tinha medo do cunhado, no meio da confusão e do meu choque precisei recapitular um certo detalhe.

— Espera, pera... parou! – Gritei no meio das comemorações, Rafaela e Lana estavam até limpando as lágrimas de choro, é, todos estavam felizes. – Preciso esclarecer algumas coisas aqui, Rafael não é o pai.

— Não? – Todos falaram juntos, mais surpresos ainda.

— Você perdeu a virgindade com um desconhecido EM LAS VEGAS? – Lana falou em uma voz completamente empolgada.

— O quê? Claro que não, você como médica deveria saber que sou mais paranoica que você com isso, vai que ele tem doença?

— Então, querida Aly, nos elucide como você está grávida? Porque eu só conheço um jeito de uma mulher engravidar. – Rian fez gestos com as mãos batendo uma na outra.

— Na verdade, existem outros... – Cocei minha nuca. – Lembra da minha cirurgia? De retirada de apêndice?

Contei toda a história a eles que aí, sim, ficaram com a boca aberta, minha amiga então surtou, Lana era completamente ética nessa situação de medicina. Os rapazes não ficaram para trás, todos xingando, até que aos poucos os ânimos foram se acalmando e Rafaela me solta:

— Não importa, eu serei a tia dessa criança de qualquer forma.

A pizza não demorou para chegar, notei como Rafael estava estranho, ele conversava, brincava, mas tinha algo o incomodando. Sei por que ele passava as mãos nos cabelos, seus olhos ficavam vagos e infelizmente não estava tendo tempo de conversar com ele sozinho.

— É uma pena que falta uma pessoa nessa comemoração. – Lana comentou quando conseguiu um tempinho só para nós duas.

Suspirei, sabendo exatamente de quem ela estava falando, de seu irmão.

— Jeferson. Engraçado como ele continua sendo amigo de Rafael, mas nós dois perdemos completamente o contato.

— Só espero que ele não surte quando souber.

— Da minha gravidez? — Franzi o cenho. — Não tem motivos para ele surtar, não faz parte da minha vida.

— Não, sobre você e o Rafael.

— Certo, eu que estou grávida e você que está com hormônios enlouquecidos? Do que você está falando?

— Alícia, lembra do conselho que você me deu quando conheci Marcos? — Assenti. — Que se eu não ficasse com ele me daria um soco?

— Claro que lembro, pela primeira vez você estava encontrando um cara decente e não os idiotas de sempre, não poderia deixar você fazer isso consigo mesma.

— Exatamente, agora é isso o que está acontecendo aqui.

— Rafael e eu somos só amigos, sempre o vi assim... — Franzi o cenho.

— Ninguém está questionando o contrário, mas isso tudo não é ação de um amigo para com amiga.

— Ele é ex da Mariana e ela é minha amiga... — Sussurrei, sentindo meu coração apertado. — Não posso ser esse tipo de amiga, eu aconselhava os dois...

— Pro inferno Mariana! — Lana se exaltou, ela olhou ao redor e notou que ninguém reparou na nossa conversa. — Pelo que sei aquele relacionamento só foi pra frente porque você intermediava, aquela garota fez nosso amigo sofrer! Se fosse uma desconhecida, o que você sentiria?

— Ranço, ódio mortal e o proibiria de se aproximar dela. — Arregalei os olhos tampando a boca.

— Viu? E outra mulher, a gente veio de uma cidade do interior, esse negócio aí de amiga não ficar com ficante de outra não condiz com os termos que fomos criadas. — Nós duas gargalhamos e eu a abracei.

— Obrigada, Lana, apesar de não saber o que sinto, eu o amo, mas...

— Você perderia a virgindade com ele? — Devo ter ficado roxa de vergonha, mas apenas assenti. — É isso que importa e ele tem uma vastidão de experiência e muito amor para dar, nós duas sabemos como ele é intenso no amor. Agora vá para a cozinha e converse com aquele dramático, que se notei que algum bicho mordeu ele, você já deve ter notado faz tempo. — E foi assim que ela me dispensou.

Com inúmeras perguntas, sem nenhuma resposta e agora adiciona uma: Rafael tem muito amor para dar, mas ele quer me dar esse amor? Sei que ele sente atração física por mim, mas é

isso, físico, coisa biológica. Deus do céu, estou fazendo zero sentido, cade minha formação acadêmica nessas horas para me ajudar?

Me aproximei da pia, tentando clarear os pensamentos, cruzei os braços e o encarei. Rafael é um homem lindo, isso eu sempre soube, também sei da intensidade de suas emoções e o amor que ele sente é completamente intenso, capaz de fazer uma mulher se sentir uma princesa quando é sua namorada.

Vi cada uma delas passando por sua vida ao longo dos anos, também vi as mulheres satisfeitas em sua cama, na nossa antiga cidade ele tinha fama, todas queriam estar atrás de seu carro e ter seu momento com ele, sem se importar com nada.

— Está tudo bem? — Ele perguntou, me despertando dos meus pensamentos e lembranças da minha adolescência.

— Eu quem devo fazer essa pergunta: o que aconteceu? Você estava feliz e do nada ficou sério, desconexo.

Meu amigo franziu o cenho, deu o sorriso mais falso do mundo, quer dizer, era aquele sorriso molhador de calcinhas, a minha estava molhada, mas sei que ele faz isso quando quer enganar alguém.

Quem não te conhece que te compre meu bem, te conheço desde jovem.

— Não é nada, estou bem. Vou só colocar esses pratos na lava-louça e...

Peguei o guardanapo de pano e enrolei, cortando sua fala.

— Senta. — Apontei a cadeira.

— Alícia... — Gemeu.

— Mandei você sentar antes que eu resolva bater em você com esse pano, seus braços parecem que se esqueceram deles. — Ordenei.

Emburrado, ele puxou uma cadeira e sentou me encarando.

— Satisfeita? — Debochou.

— Quase, agora você vai me dizer o que fez você ficar emburrado e com essa cara de cu a noite toda.

— Eu não... — Lancei a ele um olhar matador e ele se calou, até que me encarou de uma forma que eu não consegui identificar. — Não queria que você tivesse desmentido.

— O quê?

— Não queria que tivesse desmentido nossos amigos, dizendo que eu não sou o pai do seu bebê.

— Rafael, mas eu não posso deixar você ser...

— Não é questão de deixar ou não, eu quero ser, Alícia. Na verdade, eu já sinto que sou pai dessa criança, eu a amo de uma forma inexplicável. Desde o dia que você me contou eu não

durmo a noite, fico pensando e imaginando mil e uma situação, ao mesmo tempo que minha mente grita falando para eu deixar de ser idiota porque eu não sou essa pessoa. – Ele passou a mão nos cabelos.

— Você deveria ter me dito antes...

— Como? Como vou dizer que quero conversar com sua barriga, tocar em você quando eu desejar, ter participação na criação e não apenas como um tio querido ou um padrinho, mas como um pai? Porra, eu segurei a sua mão na cirurgia ida e volta, me deitei na maca com você, é como se...

— Como se a gente fosse um casal extremamente apaixonados com dificuldade para engravidar e encontrou uma solução. – Completei a frase dele e ele assentiu, peguei sua mão e levei até minha barriga. – Ainda não sei o que pensar sobre isso, não quero estragar a nossa amizade... – Mordi o lábio pensando no que Lana disse. – Contudo, podemos pensar sobre você fazer parte da vida do bebê, faz apenas quinze dias que eu sei.

— Você está me fazendo o homem mais feliz desse universo.

Rafael ergueu minha blusa e beijou minha barriga e eu me derreti por completo e já não sei até quando minha convicção de: amigos para sempre é o que nós iremos ser, será mantida na minha vida. Para completar o quadro, minha gata pulou em seu colo e nós três ficamos assim, por alguns minutos, apenas aproveitando o momento.

E posso confessar que estou com medo de me apaixonar por ele?

Capítulo 15



Faz quinze dias que Alícia veio morar na minha cobertura e eu não poderia estar mais feliz do que o esperado, a convivência com ela era leve e espontânea, até mesmo Rafaela estava amando ter uma companhia feminina e sinto que nem mesmo minha irmã imaginava a falta que uma figura feminina faz.

Bete ao saber da notícia da gravidez, bem como a mudança de Aly para o apartamento faltou soltar fogos de artifício, ela amava minha amiga e estava na luta junto comigo para balancear a alimentação da grávida da vez, Alícia, por outro lado, tentava contrabandear alimentos nada saudáveis e era uma luta, da qual ela vencida porque começava a chorar e eu não aguentava suas lágrimas.

Hoje minha empolgação era maior do que a dos dias anteriores, pois iríamos começar a fazer o quarto e o enxoval do bebê, que tenho certeza ser uma garotinha. Alícia completou onze semanas e o resultado saiu hoje, paguei uma nota sem me importar em receber a informação no sábado. Jamais aguentaria esperar segunda-feira e ir para mais uma semana sem fazer uma única compra se quer.

— Quando vai fazer da Alícia minha cunhada oficialmente?

A pergunta de Rafaela me pegou completamente desprevenido, nós dois estávamos no carro enquanto aguardávamos Aly que foi buscar os resultados.

— O quê?

— Às vezes você é tão lento, quando você começará a tentar conquistar Alícia para eu poder chamar ela de cunhada, definitivamente?

— Por que eu tentaria conquistar minha melhor amiga?

— Talvez por que você não a vê como amiga? – Minha irmã me encarou com uma cara de deboche e eu estreitei os olhos, ela estava ficando muito abusada, se eu a colocar de castigo sem ver Igor, será que cola?

Provavelmente não, Alícia ficaria do seu lado.

— Você só pode estar vendo coisas onde não tem, Faela.

— Ok, me responde umas perguntas. Você gosta dela?

Bufei.

— Obvio que sim, ela é minha amiga.

— Você ama ela?

— Claro! Sempre amei e isso não quer dizer nada, também amo a Lana, como disse: ela é minha amiga.

— Você acha ela bonita?

— Isso lá é pergunta que se faça? Claro que sim.

— Então se você acha ela bonita, outros homens também vão achar ela bonita e fala sério, Aly é linda, inteligente, independente, tudo o que qualquer homem quer e não será um bebê que impede isso. Ela não precisa de homem e já provou isso, mas ela merece alguém que a trate com carinho e se você não abrir os olhos para esse seu ciúme e sua possessividade com ela, vai acabar a perdendo.

— Eu a vejo como...

— Nem começa com essa frase fajuta e mentirosa de “eu a vejo como qualquer outra coisa que não seja sexual”. Você nunca a deixou namorar, nunca deixou nenhum homem se aproximar dela e isso não é de agora, podia ser criança na época, mas lembro bem. Nem Jeferson era daquela forma que você era com Lana. Então você se decida, ou comece a conquistar agora, ou perca o grande amor da sua vida.

Minha irmã ficou em silêncio e voltou a se sentar direito no banco de trás do carro, porque Alícia, aleia a nossa conversa, entrou com os papéis abertos e o sorriso mais lindo e resplandecente no rosto.

— É uma menina!

— Eu sabia! – Gritei a cumprimentando, a abracei apertado, meio de lado. – Agora podemos ir ao shopping começar a comprar o enxoval?

Fiz a pergunta assim que minha irmã a abraçou cumprimentando, Alícia revirou os olhos, mas assentiu e eu comemorei.



Chegamos no shopping e fomos direto para o departamento de peças infantis, Rafaela pegou um carrinho e começamos a andar pelos corredores até encontrar a sessão de peças de recém-nascido e para meninas. Meus olhos brilharam e, ao mesmo tempo me assustei, peguei um sapato minúsculo branco.

— Isso aqui vai caber nela?

— Sim, é muito fofo!

— É muito pequeno!

Comecei a passar mal, minhas pernas fraquejaram, principalmente quando Aly pegou outra peça minúscula de um vestido com um chapéu que minha palma era bem maior.

— Aly, eu acho que meu irmão está passando mal.

— Misericórdia, Rafael, você está bem? — Senti um vento em meu rosto, com o cheiro de rosas.

Minha visão ficou meio turva até que aos poucos comecei a voltar a mim, vi que estava encostado na parede, com Alícia me abanando com os papéis dos exames e minha irmã apareceu me entregando um copo com água.

— Acho que nunca parei para pensar que ela será tão pequena, tão desprotegida, esse mundo é tão cruel e...

— E é por isso que ela terá você ao lado dela para protegê-la. — Minha amiga me cortou, pelo seu olhar entendi o que ela quis dizer e a abracei.

Nenhum de nós conversamos com Rafaela ou qualquer outra pessoa sobre eu pegar a paternidade da criança para mim, mas essa frase de Aly já demonstra o que ela deseja e eu estou bem com isso. Tomei a água e voltei ao normal, agora mais animado.

— Tenho tantas fantasias e tantas ideias!

— Vamos com calma que estou grávida. — Alícia me refreou.

Dei um sorriso torto.

— E se a gente te colocar dentro desse carrinho? — Recebi um beliscão. — Ai! Foi uma ótima ideia, não negue!

— Rafael, você é um empresário de trinta e quatro anos, não um adolescente de quatorze! Andar de carrinho, sério?

— Você é uma grávida que não pode se cansar, não me culpe.

Minha irmã começou a dar risada da nossa conversa, bem, nossa amistosidade aconteceu até as compras de fato começarem porque se tem uma coisa que Rafaela e eu somos ótimos é em comprar e acabamos discutindo sobre o que deveríamos ou não levar.

— Ela vai de Frozen sim! — Minha irmã gritava.

— A bebê não vai de Frozen! Ela não é nem uma princesa! Ela será a Branca de Neve! — Empurrava a fantasia que eu queria e tirava a da minha irmã. — Além disso, a Elsa é loira!

— Idai, a Elsa é minha! Além disso, ela pode vir com cabelo loiro, o pai pode ser loiro!

— Não, ela vai ser como a mãe, cabelos longos e negros, será a Branca de neve!

— Você não acha que a Alícia deveria comentar sobre isso? — Faela cruzou os braços, batendo os pés no chão e então olhou ao redor franzindo o cenho. — Ué, cadê a Aly?

— Finalmente vocês se lembraram da mãe da criança e da criança? — Alícia comentou atrás de nós, ela estava terminando uma casquinha de sorvete.

— Quando foi que você saiu da loja?

— Meia hora atrás, quando você e Rafaela estavam discutindo sobre um vestido que ela só usará daqui a três anos... — Alícia então fez uma pausa. — Ou talvez ela não vá usar porque conhecendo vocês dois consumistas, vão querer comprar roupas da época e vão dizer que esses estarão fora de moda.

— Eu não sou consumista. — Minha irmã e eu falamos ao mesmo tempo.

Alícia apenas arqueou uma sobrancelha e apontou para os quatro carrinhos lotado e eu sorri com orgulho, enquanto minha irmã olhava para baixo sem graça.

— Agora podemos, por favor, comer alguma coisa que estou morrendo de fome? — Implorou e eu me preocupei.

— É claro! Me desculpe, esqueci completamente do horário, Faela, você passa as compras enquanto pegamos algo para comer? Vai querer o de sempre? — Ela assentiu e estendeu as mãos. — O quê?

— Você sabe o que... — Ela abriu o sorriso maior do mundo e eu apenas revirei os olhos, peguei minha carteira e entreguei meu cartão black. — Te amo irmãozinho. — E beijou minha bochecha.

— Que eu não me arrependa disso. — Murmurei puxando Alícia pela cintura saindo da loja.

— Você fala como se não amasse mimar sua irmã. — Ela suspirou. — Tenho até medo da nossa filha...

Travei no meio do corredor e a encarei em choque.

— Você falou...

— O quê?

— Nossa filha...

— É o que ela é, não é? Não que eu queira te pressionar nem nada, mas pelo que entendi aquele dia...

Calei Alícia com um beijo, sentindo meu corpo inteiro esquentar e reagir com a aproximação dela, minhas mãos foram direto para seus cabelos a abraçando apertado, enquanto minha língua brincava com a sua em uma carícia lenta. A eletricidade que senti com seu toque era completamente mágica, tanto que a ergui um pouco do chão. Separei nossos lábios, mordiscando levemente sua boca.

— Achei que o que acontecia em Vegas, ficaria em Vegas...

— Esqueça Vegas.

— E a nossa amizade?

Enfiei o braço entre nossos corpos, acariciando seu ventre.

— Isso aqui é completamente inquebrável, nosso bebê jamais colocará nossa amizade a prova...

Dei alguns selinhos em sua boca, antes de oficialmente me afastar dela, colocando um braço em seu ombro e ela segurou minha mão, caminhei pelo shopping com o maior sorriso no rosto.

— Sabe que você melhorou com o beijo, não é? – Minha amiga me provocou.

— Praga, só porque você sempre beijou bem?

Alícia riu e fez o pedido no nosso restaurante favorito, pedindo também o de Rafaela.

— Fazer o que se tenho um certo dom que nossa filha também vai ter.

— Deus misericordioso, terei que comprar um chalé afastado nas montanhas... – Estremeci, já sentindo o ciúme tomando conta de mim, enquanto nos sentamos em uma das cadeiras próximos do local e que também era ventilado, era nossa mesa favorita ali.

— Sobre o que estão falando?

— Que tenho que comprar um chalé nas montanhas para esconder minha filha. – Procurei as sacolas, franzi o cenho. – Onde estão as sacolas?

— Chamei Igor para vir no shopping conosco, mas ele precisou ir à empresa do pai e só conseguiu chegar agora e levamos as sacolas pro carro dele e como assim sua filha?

— Bem... – Alícia se mexeu na cadeira. – Como seu irmão participou de todo o processo de fertilização, nós dois conversamos e foi do interesse dele ser pai da criança... então...

— OMG! VOCÊS ESTÃO NAMORANDO? – Quase fiquei surdo com o grito da minha irmã.

— Não! – Aly negou sem graça e eu a encarei um pouco chateado, mas ela apertou minha mão e me mantive em silêncio. – É apenas pela bebê.

— Tudo bem, eu serei tia! – Minha irmã gritou, nos abraçou e virou-se para meu cunhado que vinha logo atrás. – AMOR, EU VOU SER TIA!

— Por que não disse a verdade? – Perguntei a Alícia friamente. – Você não quer se envolver comigo?

— Rafael, você não está sendo racional...

— Não estou sendo racional? Acabamos de conversar que o que aconteceu em Vegas prosseguiria...

— Sim, os beijos. Isso não quer dizer que estamos namorando, apenas que nossa amizade não vai se abalar por causa dessa situação por termos uma filha junto.

— Para meio entendedor, meia palavra bastava...

— Para meio entendedor, se lembraria que eu nunca namorei na vida, o máximo que aconteceu comigo foi ficar com caras por até quatro vezes no máximo e que os caras sempre

quiseram minha amizade e nunca algo sério comigo, ou porque você e Rian não deixaram. Agora estou aqui grávida e eu só queria ir com calma para tentar entender o que está acontecendo, não faz dois meses que minha vida mudou, Rafael e minha família nem sabe!

Senti o peso de suas palavras imediatamente e me senti um bosta, segurei em sua mão, mas ela a tirou e saiu praticamente correndo.

Merda, ferrei com tudo!

A cadeira a minha frente puxou e ergui os olhos vendo meu cunhado me encarar com um olhar sério.

— O que diabos você fez para a sua irmã largar tudo e correr para o banheiro, acompanhada de uma Alícia em prantos?

— Fui um idiota.

Aproveitei que meu cunhado estava na mesa e fiz o que sempre fazia para fugir da realidade: peguei duas doses de whisky apenas para relaxar e me martirizar ainda mais pela bela cagada que fiz.

Capítulo 16



Alicia Martini | Nem sempre o que acontece em Vegas, fica em Vegas

Meu estado de chateação com Rafael durou apenas uma semana.

Quer dizer, oficialmente foram quatro dias, mas o fiz sofrer três dias a mais só para aprender um pouquinho mais e depois o perdoei oficialmente. Uma parte de mim, a Alicia pré-gravidez entenderia a chateação dele e não teria explodido daquela forma, contudo a pergunta de Faela me pegou desprevenida, nós dois não conversamos sobre isso e a verdade é que não estávamos namorando.

Só que era muita coisa para eu gerenciar e a minha gravidez me deixou sem nenhum filtro emocional e eu explodi em lágrimas.

Naquela semana ele me enviou rosas coloridas e principalmente meus chocolates favoritos, até mesmo um conjunto da Pandora da qual eu estava enlouquecida o homem me enviou, mas o que me derreteu foi um pequeno ursinho com o som do coração da minha filha, ali eu o perdoei completamente.

Só não ia dizer a ele.

O pior de tudo é que Kiki, a gata traidora, parecia saber que eu estava chateada com ele e não ficava comigo de jeito nenhum, a filha da mãe é apaixonada no meu amigo, os únicos momentos que ela ficava comigo é quando eu estava dormindo e ela deitava na minha barriga, como se sentisse o meu bebê.

Como eu estava me sentindo a pior das mães, a forma de dizer que oficialmente eu o perdoei foi ter comprado um caderno de nomes femininos, embrulhei e entreguei a ele de presente no sábado.

Ele estava deitado, assistindo jogo e bebendo uma cerveja, enquanto acariciava Kiki que dormia tranquilamente em seu tanquinho, gata sortuda do caralho. Quando me viu, desligou a TV e se sentou, deixando a gata em seu colo e abriu um sorriso sem graça.

— Ei!

— Oi, vim dizer que te perdoo e com isso trouxe uma coisa.

Entreguei o pacote a ele que me encarou confuso, mas ao ver o que era, seus olhos brilharam.

— Jura?

— Sim, já estou me sentindo relapsa de chamar de “meu bebê” ou “minha filha”, acho que é bem justo, o que você acha Kiki? – Acariciei minha gata sentando ao lado deles, ela miou e veio em meu colo, como quem concordasse.

Começamos a correr os olhos pelos nomes, até que Rafael parou em um nome.

— Esse...

Aurora.

Franzi o cenho.

— Sério? Não quer tentar outro?

— Não, começa com a letra do seu nome e é o nome de uma princesa e ela será uma princesa, a nossa princesinha.

Merda, esse homem precisa se lembrar que estou grávida, da mesma forma que fico triste, fico emocionada e outras coisinhas a mais.

— Sabe, isso me lembrou da sua casa nas montanhas e você disse que se tornaria um lenhador, como pai da princesa Aurora, a princesa que espeta o dedo em uma agulha, tenho que dizer, eu gosto de um lenhador.

Fazia sentido o que eu disse? Com certeza não.

Contudo, não tem PhD que sustente a mente de uma mulher cheia de hormônios em ebulição grávida e que tem um homem gostoso ao seu lado, sem camisa, com braços cheios de músculos, barriga tanquinho e com tantos gominhos que não consigo calcular.

E um cheiro espetacular.

Rafael gargalhou, ele então me deitou no sofá, Kiki pulou do nosso colo, miando chateada por não ser mais o centro das atenções, mas nenhum de nós estávamos nos importando muito, meu corpo começou a esquentar e eu comecei a suar tendo aquele tanquinho tão próximo do meu corpo.

Onde eu colocava as minhas mãos? Em seus ombros? Em seu peito? Engoli em seco, respirando ofegantemente.

— Você gosta de um lenhador? Então talvez eu deva deixar os cabelos e a barba crescer mais?

— Não! Estão excelentes assim! – Falei rápido demais, tocando em seu queixo, pensando ser um bom ponto neutro.

Rafael desceu o rosto próximo ao meu, molhei meu lábio inferior e no lugar de me beijar ele começou a passar a barba curta no meu pescoço, fechei os olhos, engolindo em seco, sentindo os tremores contra meu corpo.

— Minha barba está boa assim, querida?

— S-sim...

Ofeguei, principalmente quando senti sua boca descer em meus seios até ser impedido pela blusa de alcinha, meu corpo inteiro estava quente, como se labaredas subissem por todo meu corpo, minhas mãos desceram pelos ombros até as costas largas de Rafael e senti sua língua subindo pelo caminho do vão entre meus seios até chegar em minha boca.

Meu gemido foi interrompido pelo nosso beijo, sua língua era exigente contra a minha, fazendo uma dança sensual, que mesmo sem quebrar o contato precisei respirar fundo para tomar um certo fôlego. Senti cada uma de suas mãos na parte externa de ambas as minhas coxas, e meu amigo me puxou para baixo, fazendo com que desta forma eu ficasse perfeitamente encaixada contra seu corpo.

— Rafael...

Soltei erguendo o pescoço, sentindo que tudo aquilo estava intenso demais para mim.

— Alícia...

Meu nome reverberou contra minha pele, enviando choques até o meio das minhas coxas, das quais tentei esfregar, mas seus quadris me impediam de fazer o que eu mais necessitava.

— Está muito quente...

Soltei com um resquício de fôlego, sentindo meu clitóris latejando, em nenhuma das vezes que eu me toquei foram nessa intensidade. Ok, eu tinha um pouco de vergonha de me tocar, mas ainda assim me tocava e quando chegava em uma intensidade menor, eu parava.

Agora eu estava pingando, minha calcinha praticamente encharcada e não sei como o meu short jeans não estava molhado. O safado sem vergonha riu, desceu um pouco o corpo e subiu minha blusa, até que meu ventre ficou exposto.

— Ei, princesa, vá dormir que papai e mamãe vão brincar um pouco, ok?

Nossa senhora das calcinhas molhadas e dos clitóris latejantes, ver esse homem conversando com minha barriga e beijando ela de forma casta deveria me deixar um pouco menos acesa, correto? Então por que estou sentindo tudo ainda mais intenso?

Rafael não esperou muito tempo, ele abriu meu short e desceu com minha calcinha, subiu raspando sua maldita barba pela minha perna, o que fazia meu corpo inteiro ficar arrepiada. O homem enfiou o nariz na minha boceta e simplesmente cheirou ali.

— Será que seu cheiro é tão bom quanto seu gosto?

— Rafael, eu não...

A voz ficou engasgada na minha garganta e qualquer frase contrária demonstrou que realmente seria só da boca pra fora, meu clitóris aplaudiu e minhas pernas se abriram como se fosse extremamente acostumada a fazer isso.

Sua língua me chupava com habilidade, seus dentes me arranhavam com profissionalismo e eu precisei colocar o braço na minha boca para não gemer igual uma vagabunda de tanto prazer, meus quadris se dobravam e a intensidade dos meus sentimentos estavam em um nível completamente desconhecido para mim. Meu corpo começou a entrar em combustão, não demorou muito e os tremores começaram a surgir, até que senti um líquido saindo de dentro de mim.

Devo ter morrido, ido pro céu e voltei para esse mundo.

Não sei quanto tempo se passaram, apenas senti Rafael me limpando e se deitando por cima de mim outra vez. Meu corpo ainda estava mole, as pernas bambas e não conseguia nem mesmo me mexer, ele tirou o braço da minha boca e me encarou com intensidade, seus olhos chocolates estavam derretidos e ele tinha um sorriso completamente safado no lugar.

Quando eu voltasse ao normal, socaria esse rosto lindo por esse sorriso safado de quem sabe como chupar uma boceta muito bem.

Contudo, havia uma conexão entre nós dois que antes não estava ali, era difícil de se explicar em palavras ou sentimentos, mas como consegui me entregar tão fácil?

— O que você está pensando? — Rafael perguntou ao nos aconchegar no sofá.

— Como consegui me entregar tão fácil a você?

— Tenho o molho... — Brincou rindo e eu o belisquei. — Aí, estava brincando.

— Falo sério Rafael, como consegui me entregar tão facilmente? Você sabe, não sou uma pessoa que deixa nem mesmo um homem tocar na minha bunda direito! Além disso, nunca senti...

— Nunca senti o quê? — Ele me encarou, agora realmente sério.

— Esse calor todo, sério, vou ter que jogar minha calcinha fora.

— Você está falando sério? — O encarei com deboche. — Então nem ferrando que vai jogar sua calcinha fora, ela agora é minha!

— Oshe, a peça é minha!

— Ela tornou-se minha.

Ficamos em silêncio por mais alguns minutos, até que ele soltou:

— Só não sei te responder porque foi tão intenso, para nós dois.

Desta vez, quem deu uma gargalhada fui eu.

— Para de mentir, Rafael!

Rafael tocou em meu queixo, me encarando com uma intensidade que jamais vi antes, tanto que me tirou o fôlego e fiquei séria imediatamente.

— Jamais mentiria para você sobre algo tão sério assim, Alícia. A cada toque, cada gemido seu, cada contorcida e ver seu orgasmo vindo em minha língua, me fez a porra do homem mais sortudo do mundo. — Ele ficou em silêncio, então soltou mais um daqueles sorrisos galanteadores. — Sabe por quê?

Obviamente, neguei.

— Porque fui aquele quem te fez gozar a primeira vez.

Rafael levou o dedo indicador no meu pescoço, me arrepiando por completo, suspirei, jogando a cabeça para trás.

— Deveria ter escutado os conselhos da Lana. — Fingi chateação.

— Qual?

— O de ter comprado um vibrador e aprendido a chupar um pau, pelo menos assim eu não seria tão inexperiente. — Fingi estar pensativa. — Talvez ainda dê tempo...

— De jeito nenhum você vai aprender com um pinto de borracha, sendo que tem um de carne e osso aqui.

O encarei rindo e o abracei pelo pescoço.

— Não sei se te xingo pela ousadia, ou se dou risada pelo ciúme de um consolo.

No fim nós dois acabamos rindo, abraçados, apenas apreciando e um acariciando certas partes do corpo um do outro, Rafael acariciando meus ombros e eu os seus cabelos e estranhamente meu coração ainda estava agitado, como se fosse ali, em seus braços que eu realmente pertencesse.

Capítulo 17



Rafael Espósito | Nem sempre o que acontece em Vegas, fica em Vegas

Dois meses se passaram e o casamento de Lana chegou. Antes de Alícia engravidar, esse evento já era uma dualidade para nós dois: a felicidade de ver nossa amiga finalmente se casando e construindo a família que ela sempre quis e o pesar de nós dois sermos obrigados a voltar a nossa cidade natal.

Pirangi é uma minúscula cidade do interior de São Paulo, conhecida na região pelo famoso coqueiro torto e existe um coqueiro torto e como se não bastasse tudo isso, minha família ainda é descendente de Sebastião Bueno de Camargo, homem de destaque para a emancipação da cidade, ele fez parte da comissão eleita e tem inclusive uma avenida com seu nome. Além é claro do grande legado dos Espósito, fazendeiros de renome com criação de gado, cavalos e lavoura.

Minha família é bem conhecida e extremamente tradicional na região, mesmo assim fugi na primeira oportunidade, ainda mais com uma mãe como a minha: inexistente.

O divórcio dos meus pais foi o maior comentário na cidade e o fato de Rafaela ter ido morar comigo e não ter voltado para a cidade apenas adicionou combustível para a chama da fofoca que durou uns bons meses. Pelo menos tive a sorte do meu pai ter reconhecido seu erro tardiamente e por mais ridículo que fosse, meus avós e tios paternos ficaram do meu lado, apoiando inclusive o divórcio do meu pai.

Não sei como, mas meu avô deu um jeito de fazer meu pai ficar sem um único centavo para que minha mãe não saísse com nada do divórcio, toda a herança estava no meu nome e de Rafaela, tanto que por muito tempo minha mãe me importunou com ligações e mensagens para que eu desse dinheiro a ela. No início assim o fiz, mas Rafaela descobriu, nós brigamos e entre minha irmã e minha mãe, escolheria sempre minha irmã, ela insistiu por algum tempo até que de tanto ser ignorada, desistiu.

Alícia não teve a mesma sorte que eu.

Aos dezoito anos, saiu dessa cidade e não voltou nunca mais, mas também, quem pudera, com uma mãe e um pai narcisista, ambos divorciados, brigando e colocando chantagens

emocionais pra cima da minha amiga, eu também não voltaria. Seu suporte sempre foi Lana, Jeferson e eu. Quando fomos para Ribeirão estudar, Lana indo junto tentar passar em Medicina, ela acabou se vendo sozinha, foi onde conheci Rian.

E os amigos sempre foram seu suporte.

Agora estamos voltando para um casamento, com ela grávida e sua barriga estava bem evidente, seria impossível esconder.

— Rafael? — Me virei para encará-la, Aly estava segurando Kiki que ficou irritada na caixinha de transportes. — Onde está me levando?

— Para a casa da sua mãe?

— Você enlouqueceu que vou ficar naquela casa? Aluguei o hotel pra ficar...

Freei com tudo, por sorte estávamos em Pirangi e nunca tinha carro nenhum vindo atrás.

— O quê?

— Eu que te pergunto “o quê”? Depois de todos esses anos...

— Não é disso que estou falando, essa parte eu entendi. — A cortei, ela me lançou aquele olhar debochado. — Deveria ter me falado antes, você vai ficar comigo na casa dos meus avós.

— De jeito nenhum, eu não vou ficar na casa dos seus avós!

Como a cidade era pequena e onde dei a freada brusca não era longe de uma das poucas mansões da cidade, quando virei algumas ruas e estacionei, parei o carro na frente do nosso destino, coloquei meu óculo de sol e dei um sorriso, já vendo minha avó vindo em nossa direção.

— Então vai ter que falar com dona Madalena sobre isso.

— Falar comigo sobre o quê?

O olhar que Alícia me lançou poderia ter me matado, mas peguei Kiki, minha gata favorita e que me amava como escudo e me voltei para minha avó.

— Vovó, que saudades da senhora!

— Tire esse sorriso torto idêntico ao do seu avô do rosto, menino, fui conquistada uma vez, não caio duas vezes. Se sentisse saudades, vinha me ver mais vezes. — Apesar de suas palavras, ela me abraçou apertado, fazendo cafuné em Kiki, elas se conheciam devido às vezes que vovó foi me visitar e Aly estava no apartamento com Kiki. — Agora, por que Alícia não quer sair daquele carro, está emburrada e o que ela terá que falar comigo?

— Ela não quer ficar com a mãe, alugou um quarto de hotel, acredita vó! — Falei indignado, sabendo que eu teria todo o apoio.

Como Alícia é minha amiga desde os primórdios, todos sabem do histórico nada convencional com sua mãe e mesmo se elas tivessem boa relação, vovó não é fã de hotéis.

— Imagina que você ficará naquele lugar menina! Tem quarto de sobra e mesmo se não tivesse, arrancaria Rafael do quarto dele, o colocaria na sala e você dormiria lá. — Abri a boca, encarando minha avó indignado. — Agora, o que mais vocês estão escondendo de mim?

Por um momento, as noites em que beijei de forma afoita minha melhor amiga ou que senti o gosto da boceta de Alícia vieram na minha mente e eu fiquei constrangido, certeza que minha avó não estava falando sobre esse ponto.

Então me lembrei: Aurora.

Abri a porta do carro, estendendo a mão livre, minha amiga me encarou e eu mostrei apoio, quando ela saiu, fiquei ao seu lado completamente sério, segurando sua mão e a apertando com carinho.

Os olhos de vovó foram diretos para o estômago de Alícia e depois direto para o meu rosto e ela arqueou uma sobrancelha.

— Vovó, aconteceu um erro médico com Alícia quando fomos viajar e fizeram uma inseminação artificial nela, como eu estava presente na cirurgia que deveria ser simples, senti que esse bebê, que veio como uma surpresa para ela, também é meu, então, Aly está esperando sua primeira bisneta. Aurora.

Silêncio e eu conseguia sentir o suor escorrendo pelas minhas costas. Sei que sou um homem adulto, mas não existem adultos na família Espósito ao estar sob o olhar de Madalena Bueno Espósito.

— Vamos para dentro.

Só quando ela disse essas três palavras que eu me toquei que ainda estávamos na calçada, coloquei um braço ao redor da cintura de Alícia e entramos na mansão que era no mesmo estilo e decoração de quando criança.

Sentamos no sofá macio, um ao lado do outro, vovó nos encarava e fui transportado de volta a minha infância, quando aprontava com meus primos e ficaria de castigo por quebrar um vaso ou cortado o fio do telefone.

— Vocês estão juntos?

Alícia apertou minha mão e desta vez entendi sua resposta no shopping para nossos amigos, estávamos juntos? O que a gente sente um pelo outro? É fato que gostamos de nos beijar, conversar e fazer outras coisas a mais, só que, estamos juntos?

— Estou morando com ele...?

Soltei o ar respirando aliviado e pensando que é por isso que Alícia é a inteligente da turma e tem um PhD, mesmo que essa resposta tenha sido mais como uma pergunta, foi melhor do que qualquer uma que eu teria dado.

Vovó ficou nos analisando até que ela sorriu e deu um salto, fazendo nós dois pularmos no sofá, até Kiki estremeceu no meu colo.

— Perfeito! — Ela veio analisar Alícia apertando sua bochecha, pegou Kiki do meu colo e puxou minha amiga. — Você está muito magra e pálida. Precisa de ferro e está se alimentando por dois. JORGE!

Meu avô veio da cozinha, com seu tablet na mão e o óculo pendurado na ponta do nariz.

— Por que a gritaria? Eu estava ali na cozinha.

— Seu neto trouxe a primeira bisneta... — Ela acariciou o ventre de Alícia, antes de puxar a mão da minha amiga. — E não vejo um anel no dedo dela. Chame Antônio, quero isso resolvido e logo! — E assim elas sumiram, assim como minha voz da qual eu não encontrava.

— Você engravidou Alícia Martini e não colocou um anel no dedo dela? — Meu avô perguntou com a boca aberta, completamente chocado, colocando o tablet na cristaleira e deixando os óculos caírem.

— Quem engravidou Alícia?

Gelei completamente, é meus amigos e amigas, me ferrei completamente, porque se tem uma pessoa, além de mim, que admira, defende, protege e ama incondicionalmente Alícia, esse alguém é meu pai. Ele tem uma admiração enorme por ela, principalmente quando ele soube tudo o que ela fez por mim e depois pela Rafaela quando ele teve o segundo infarto com o AVC alguns anos atrás. E até eu explicar em detalhes tudo o que aconteceu em Las Vegas e que realmente foi fertilização in vitro...

Espera, eu disse que amo Alícia incondicionalmente?

Estou triplamente fodido.

Capítulo 18



Alicia Martini | Nem sempre o que acontece em Vegas, fica em Vegas

Desesperada, essa é a palavra que resume meu estado atual.

Mesmo que minha volta para Pirangi tenha sido melhor do que pensei e os avós de Rafael aceitaram super bem a ideia de seu neto estar tendo um filho comigo, ainda assim o desespero estava impregnado dentro do meu ser e desta vez por um motivo completamente diferente do imaginado por mim antes.

Dona Madalena estava me empanturrando de comida e eu estava temendo sair rolando escada abaixo no dia do casamento e já até imagino a fofoca da cidade: grávida rola escada abaixo.

Rafael e eu chegamos na casa de Lana, quer dizer, a mansão de Lana, que assim como os avós do meu amigo, a casa dos pais dela, eram as outras raras e poucas mansões da cidade e foi eleita para ser o dia de noiva. Meu amigo veio junto, pois, provavelmente Jeferson deve estar por aqui e diferente de mim, que perdi o contato com o outro, Rafael ainda é amigo dele e inclusive Jeferson é seu advogado.

— Vejam só, a dupla de ouro resolveu voltar para os primórdios da cidade pequena após experimentar os prazeres da cidade grande? — Brincou o pai de Lana assim que nos viu, eu acabei rindo e o abraçando, ele assoviou. — Alguém aproveitou mais do que imaginei.

— Oi tio, pois é... Uma hora era necessário, não é? — Ri sem graça.

O homem, que tinha os cabelos loiros da minha amiga pegou em minha mão direita.

— E cadê o cabra que não te colocou um anel no dedo?

Arqueei uma sobrancelha.

— Sabe que não estamos no Texas, muito menos no século passado, certo?

Senhor Duchannes estreitou os olhos ao me olhar, encarou Rafael que estava extremamente próximo de mim.

— Vai me dizer que não quis assumir as responsabilidades e você atirou nele e deram sumiço com o corpo?

— TIO! – Repreendi, caindo na gargalhada.

— Fala sério, garota, te ensinei a beber whisky e atirar, minha filha é médica, o outro filho advogado, vocês dois tem pensamentos perversos. Deus sabe como foi difícil passar a adolescência com todos os cabelos na cabeça. – Passou a mão nos cabelos, agora levemente grisalhos.

— Não teve tiros, nem mortes, mas eis aqui o pai da criança. – Apontei para Rafael que estava desviando o olhar.

— Alícia! – Gritou meu amigo. – Sua tratante! Você prometeu!

Merda, é verdade, depois do enorme sermão que ele levou do pai e avô, assim como tive que ajudá-lo a fugir de um casamento que nenhum de nós dois queria no momento, prometi que não iria colocá-lo nessa enrascada outra vez... hm, já sei.

— Você me prometeu chocolates e até agora não vi minha caixinha de Ferrero Rocher na minha mão. – Estendi a mão, arqueando uma sobrancelha e ele xingou baixinho.

— Porra, eu me esqueci. – Coçou a nuca, fiz minha cara de triste.

— Pois eu não me esqueci, agora lide com suas frustrações que sou uma grávida com desejos!

Sai em direção ao quarto, Lana já havia me informado onde o mini spa estaria instalado e como eu conhecia sua casa perfeitamente bem, apenas segui o caminho que um dia percorri tantas vezes na minha vida quando era criança e adolescente.

Nada me preparou para a surpresa que minha querida amiga me preparou, já que, ao abrir a porta e me ver, Lana suspirou feliz.

— Graças a Deus... A GRÁVIDA CHEGOU! – A loira me pegou pelo braço e me jogou no meio de inúmeras mulheres mais velhas que começaram a gritar.

— O que...? – Encarei minha amiga, que é a noiva, diga-se de passagem, confusa.

— Desculpa, amiga, eu não estava mais aguentando toda a atenção...

A filha da puta me jogou para os leões! Ou melhor, para as leoas! As mulheres começaram a perguntar da minha gravidez, enquanto passavam a mão na minha barriga, faziam minhas unhas e puxavam meus cabelos.

Sério, eu sou uma pessoa vaidosa, mas era informação demais em pouco tempo, isso estava me sufocando. Na primeira oportunidade eu fugi para o único lugar que eu sabia ser seguro: o closet de Lana.

Quando nós duas éramos mais novas e eu brigava com minha mãe, ou ela tinha alguma desilusão amorosa, era para aquele cantinho que nós duas corríamos e ficávamos horas escondidas, apenas conversando e imaginando nosso futuro.

Qual não foi minha surpresa, quando abri e vi minha amiga já ali, sentada, com os joelhos encolhidos, com seu robe branco, cabelos com bobes enrolados.

— Entra e fecha a porta antes que alguém te veja.

Fiz o que ela pediu, não estava diferente dela, a diferença é que meu robe era rose gold e eu tinha uma barriga gigantesca.

— O que você está fazendo aqui? – Sussurrei.

— O mesmo que você: fugindo.

— Você é a noiva.

— Eu sei, mas aquilo... – apontou para onde nós duas estávamos – é tortura. – Concordei.

Não sei quanto tempo ficamos conversando, a única coisa que sei é que nós duas estávamos colocando o assunto em dia, até cheguei a contar a ela sobre meu beijo com Rafael em Las Vegas e como se nós duas tivéssemos quinze e não trinta, gritamos como duas adolescentes, é como se o tempo não tivesse passado. Ela não é a super e renomada médica pediatra prestes a se casar e eu a professora em linguística com uma barriga enorme.

Até que a porta se abriu e a claridade entrou, coloquei a mão na frente dos olhos e vi Rafael, em toda a sua glória, a luz estava iluminando ao seu redor, exatamente como um arcanjo advindo de seu nome, atrás dele outra figura, levei um tempo para reconhecer Jeferson, ele estava diferente e, ao mesmo tempo, totalmente parecido com o jovem da minha infância e adolescência.

— Como vocês nos acharam? – Lana gritou.

— Fala sério, nós sempre soubemos onde vocês duas se escondiam. – Jeferson respondeu, auxiliando a irmã se levantar e Rafael me ajudou. – Ei, Aly, parabéns pelo bebê.

— E aí, Jeferson! Obrigada! Alguma novidade, além de ter nos revelado para aquelas doidas?

— Aly, Aly... A língua é a mesma, justo comigo? Que te trouxe um chocolate. – Jeferson comentou e me entregou a caixa maior de ferreiro Rocher, meus olhos brilharam e eu pulei, o abraçando.

— Ahhh! Obrigada! Você é o maior!

— Que mentira! Fui eu quem comprei os chocolates, não ele! – Rafael brigou indignado. – Eu mereço o abraço!

— Supera Rafael, já tá bem grandinho já. – Jeferson provocou o amigo, Rafael fechou a cara e Lana riu.

— Divide comigo? Dividi meu closet com você. – Concordei com minha amiga, totalmente concentrada em abrir o doce, comer a castanha primeiro e depois o chocolate.

— Então, Aly... — olhei para Jeferson — Rafael comentou que você está esperando uma menina, qual o nome? Posso sentir ela?

Antes que eu pudesse responder, Jeferson começou a acariciar minha barriga e Rafael respondeu irritado:

— O nome é Aurora.

— Ah Rafael, continua irritado pelo abraço? Supera cara!

Só então que minha atenção voltou efetivamente para a conversa e notei que os olhos de Rafael estavam no meu ventre, onde Jeferson acariciava e tocava por cima do roupão, meus olhos correram para suas mãos e eu precisei pensar rápido, caso contrário o outro padrinho entraria com um olho roxo no casamento. Peguei um doce, me afastando de Jeferson o mais rápido possível.

— Eu sou a grávida aqui, ninguém vai ficar irritado, toma um chocalatinho.

— Não quero chocolate. — Trincou os dentes. — Não quero graça, muito menos conversar, Alícia.

— Vai fazer essa desfeita? — Arqueei uma sobrancelha.

— Se ele não quiser, eu quero. — Provocou Jeferson, mas ignorei o outro e continuei o contato visual com Rafael.

Rafael abriu a boca e eu coloquei o doce em sua boca e me aproximei, sussurrando:

— Sempre soube que foi você quem comprou e é por isso que você ganhará o prêmio final, não ele.

Meu amigo caiu na risada, me virei para Lana que me encarava com alívio, ela me puxou mais uma vez pelo braço.

— Fala sério, achei que teria um funeral e não um casamento hoje! Meu irmão é louco? Ridículo?

— Para nossa sorte, eu sei como controlar Rafael.

— Você sempre teve o dom de controlar nosso amigo, por favor, né...

Nós duas rimos, mas o meu riso ficou parado na minha garganta ao ver a figura feminina parada, na porta do quarto de Lana. Meu corpo inteiro petrificou e só consegui sentir as mãos da minha amiga em meu braço, tentando me tirar dali, mas era tarde, ela também me viu.

— Olá, filha ingrata, aparentemente os boatos são verdadeiros. — Minha mãe comentou com veneno na voz, seus olhos encarando minha barriga e eu coloquei a mão como se tentasse proteger meu bebê. — Sempre foi tão puritana, tão arrogante, se sentindo superior a todos nós, estava passando fome que precisou dar o golpe da barriga?

Passando fome? Ela sabe quanto eu ganho? Provavelmente não, caso contrário jamais falaria isso, contudo, onde estava a minha voz?

— Você conseguiu, não é sua ordinariazinha? Se fazendo de boa moça. — A outra voz, desta vez era Sueli, mãe de Rafael, foi quem entrou na conversa. Ela se aproximou de nós duas, Lana se colocou na minha frente. — Tudo para no final afastar meu marido e meus filhos. — Sueli me encarou com desprezo. — Você é uma vagabunda, precisou dar para meu filho. Será que fez sexo com meu marido também? E essa criança...

— Não fale da minha filha... — Encontrei minha voz, Sueli deu um sorriso cínico.

— Ah, encontrou a voz outra vez? Você é bem corajosa, barraqueira, me lembro bem, pena que vai ter que se decidir entre se defender e proteger esse bastardo — riu — das duas formas eu ganho, pois, as chances de você perdê-lo serão grandes e eu livrarei meu filho da sua influência!

Para a minha maior surpresa, a magra e super pacífica Lana foi quem deu um soco em Sueli gritando:

— Você não vai tocar na minha amiga e na minha sobrinha!

Ambas entraram em um embate e eu me aproximei para defender minha amiga, Lana não sabia brigar. Ok, com essa frase dava a entender que eu sabia, mas pelo menos tenho muito mais força do que Lana. Antes que eu pudesse dar qualquer passo, Ana, minha mãe, entrou na minha frente.

Seu sorriso era maquiavélico.

— Imaginei que você pudesse avançar pra cima de Sueli, sei que nela você teria coragem de bater, mas na sua mãe? Tem uma pontinha de respeito aí dentro, não tem? — Engoli em seco me afastando. — Foi o que pensei, por isso, você levará a maior surra da sua vida.

Ana mostrou o cinto de couro, fechei os olhos apenas esperando pelas pancadas, ainda me lembrando da última vez. Eu tinha quinze anos, apanhei tanto com o cinto que tive febre a noite, tudo porque cheguei da casa de Lana nove e quinze da noite porque nos perdemos na brincadeira de atuação em que ela fingia ser a Mia e eu a Roberta da novela Rebeldes mexicano.

Ela em um ataque de fúria, me dava cintadas com cada vez mais força, os vergões ficaram nas minhas pernas e costas por dias a fio, mas a dor física não era comparada com a dor emocional que ela causou, mães narcisistas são difíceis de se quebrarem o ciclo e por muito tempo me perguntei se eu era errada.

— Nunca mais ouse pensar em tocar na minha mulher e na minha filha outra vez. — A voz de Rafael me fez abrir os olhos, vi que meu amigo estava segurando o braço da minha mãe com força.

— Aí, você está me machucando...

Parece que o tempo, que antes tinha ficado parado, começou a correr rápido, porque vi minha mãe se ajoelhar segurando o pulso, enquanto Jeferson tentava tirar Lana de cima de Sueli, a comitiva de mulheres e agora homens entravam no quarto da minha amiga.

— Filho, socorro, essa louca... — Sueli choramingou, ajoelhada.

— Não me chame de filho, escutei tudo o que você disse do outro lado da porta, não intervi antes porque estava chocada demais com suas palavras para vir defender Alícia. Você acha que sou um garotinho? Acha que não tenho discernimento de pensamento e posso ser influenciado com tanta facilidade? Por favor, Alícia só me deu o amor e a atenção que eu nunca tive.

— Jeferson me solta, eu quero acabar com essas duas! — Gritava a minha amiga, se debatendo, senti os braços de Rafael ao meu redor e notei que ainda estava tremendo.

— Você vai quebrar sua unha ou vai me deixar com um olho roxo, porra!

— Foda-se a unha! Foda-se seu olho, tem maquiagem! Quero ver sangue! Morte! Elas queriam matar Aurora! O bebê de Alícia!

Somente quando Lana comentou é que a realidade caiu em mim, comecei a chorar copiosamente nos braços de Rafael, que me amparou, eu tremia, de forma inconsolável, a sensação de quase perder minha princesa era horrível, minhas pernas cederam e meu amigo me segurou. Ficamos os dois, na nossa bolha, até mesmo Rafael estava com medo, pois ele não parava de acariciar meu ventre e sussurrando para mim que estava tudo bem.

Uma parte de mim ouvia o show da minha amiga, que deu uma de surtada e gritou com todo mundo, querendo saber como elas entraram ali e estavam estragando o casamento dela, mas a dor no meu peito da possível perda era tanta que não conseguia associar direito.

— Alícia? — A voz de Lana me despertou da minha bolha onde existia somente Rafael e eu. Minha amiga entregou um copo com água. — Você está pronta?

— Desculpa, hoje é o seu dia, deveria...

— Você está brincando? Finalmente tive a desculpa perfeita para surtar e ter o meu dia de SPA. — Bebi a água. — Vou me virar e fingir que não estou vendo.

— O que ela quis dizer? — Rafael me encarou com seus olhos castanhos me encarando, cheios de preocupação.

— Conteí a ela sobre Las Vegas.

Ele deu aquele sorriso safado que eu tanto amava.

— Somente sobre Vegas?

— Claro, um surto de cada vez, hm?

Beijei seus lábios, colando nossas bocas como se fosse um alcoólatra que há muito tempo não vê álcool. Eu estava necessitada de carinho, de afeto, na verdade, estava necessitada de Rafael e tudo o que vinha em conjunto com ele, sua boca áspera me causava arrepios desejosos e precisei me afastar, caso contrário não terminaríamos tão cedo.

Quando fiquei em pé, meu amigo abriu meu roupão, desceu o short curto e beijou meu ventre, meu coração se encheu de ternura e ali eu soube: estava completamente apaixonada por Rafael Espósito e não sei se isso é a melhor das ideias.

Lana e eu nos sentamos nas cadeiras giratórias e as duas estavam completamente horríveis: cabelos estragados, olhos vermelhos, pele manchada. Como Rafael conseguiu me beijar sabendo que eu estava esse horror todo?

— Certo, vocês são bons? – Lana perguntou com firmeza.

— Somos os melhores. – A cabeleireira respondeu confusa.

— Então faça com que essa confusão não tenha acontecido e nos transforme nas mulheres lindas e maravilhosas que somos. Não quero ver um pé de galinha nos meus olhos...

— Ela fala como se tivesse cinquenta e não trinta anos. – Fechei meus olhos, aproveitando o momento de relaxamento, sem nunca deixar de tocar minha barriga.

É, minha filha estava a salvo.



Finalmente casei Lana, fala sério jamais imaginaria que casar uma amiga fosse tão cansativo, Rafael e eu estávamos nas valsas dos padrinhos, não sei como, mas consegui ver Rafaela com Kiki entre os convidados.

Rodopiei pelo salão, meu vestido rodando levemente com o vento e voltei para o peito musculoso de Rafael.

— Como minhas meninas estão? Com fome?

— Por favor, não comece, finalmente consegui fugir da sua avó! Ainda mais depois do que aconteceu mais cedo, ela parece uma galinha defendendo os seus pintinhos.

— Fala sério, eu no mínimo sou um galo, completamente pomposo.

— Tá mais pra frango, isso sim! – Debochei e ele me encarou chocado. Gargalhei. – Por que com você acabo falando todos meus pensamentos intrusivos?

— Não sei, mas quando souber também por que com você sou um homem das cavernas irracional, pode me responder. – Ele me rodou mais um pouco. – Contudo, com você também me sinto mais leve...

— E eu me sinto mais segura.

Minhas emoções estavam um turbilhão de confusão, mas a sentença final foi a mais verdadeira de todas, Rafael sempre será o meu grande porto seguro.

Capítulo 19



Voltar para a minha rotina foi a melhor coisa que me aconteceu, sair daquela cidade minúscula, que mesmo por um único final de semana, me deixou totalmente sufocada. Claro, o casamento de Lana foi lindo e a única parte realmente bonita e gostosa daquele momento, porque de resto, o medo de minha mãe ou Sueli aparecerem e tentar fazer algo contra mim ou Aurora foi traumatizante.

Os meses foram se passando e o quarto de Aurora também estava ficando um espetáculo, digno de uma verdadeira princesa, estava cada dia mais cansativo ter uma vida tão agitada quanto antes, então precisei diminuir minha carga horária, por isso, era mais comum eu passar um tempo na cobertura de Rafael, com Kiki deitada na minha barriga, exatamente como agora.

A fofura era tanta que acabei tirando uma foto e postando para meus amigos próximos e logo recebi uma mensagem de Nick, a americana que conheci em Las Vegas.

Nick:

OMG, que coisa mais fofa!

Não sabia que estava grávida!

É do Rafael? LOL

Eu:

HAHAHA

Você viu?

Acho que o segundo humano favorito dela está prestes a nascer

Não, o primeiro não sou eu e sim o Rafael :(

Hahaha

*A gente alimenta, da amor e carinho para não ser o favorito
Mulher, se eu te falar que, na verdade, sou virgem, você acredita?*

Engravidei depois da nossa cirurgia hahahaha

Notei que Nicole ficou online, visualizou e não respondeu, isso começou a acender pequenos alertas na minha cabeça, ao mesmo tempo que não deveria ser nada, correto? Errado, porque minhas paranoias começaram a aumentar quando vi minha colega de Vegas começar a digitar e parar.

Até que ela me enviou essa mensagem:

Nick:

Não acredito que você também foi inseminada!

Naquele dia, fui inseminada com o esperma do Brendon Carter

Só que achamos que era conspiração

Por ele estar na mídia

Eu:

Esse não é o cara que você odeia?

Como está sendo tudo?

Como você soube?

Meu Deus! Que loucura...

Nicole começou a me contar o que aconteceu depois da nossa cirurgia, como, na verdade, Brendon descobriu a gravidez antes dela porque ele foi notificado do erro e o nome dela foi constado na lista e ele informou a ela, claro que ele era o maior inimigo dela, pois como uma jornalista ela o estava batendo na mídia contra alguns assuntos ilícitos da empresa dele, principalmente com questão de roubo de patente.

Contei a ela que estava vivendo com Rafael, mas que ele não era o doador, mas quis ser o pai, resumi minha história e ela até brincou que pelo menos eu estava convivendo com meu melhor amigo. Até soltei a piadinha dos inimigos que se apaixonam e se ela não o pegou com força só pela desculpa da gravidez.

A risada que ela soltou no áudio do Instagram me disse que sim, ela fez exatamente isso.

Tomei banho em uma vã tentativa de passar o calor, mas foi completamente inútil, lembrando que aqui perto tinha uma sorveteria, apenas coloquei um vestido branco florido, deixando os cabelos soltos e uma sandália baixa.

Peguei apenas meu celular e o cartão seguindo feliz, sentindo a brisa da tarde tocando nos meus cabelos. Aproveitei para ficar ali na sorveteria mesmo, sorri com a foto que Nicole me enviou, era de sua própria barriga, que estava um pouco maior que a minha. Brinquei que ela estava esperando gêmeos, já que estávamos do mesmo mês e ela mandou eu bater na boca, é que seu filho seria um garoto grande.

— Alícia?

Meu corpo inteiro gelou ao sair da sorveteria ao ouvir o som da voz animada, minhas pernas tremeram e eu me virei, fingindo um sorriso e vi a figura de Mariana ali, parada bem na minha frente.

— Mariana! Ei, quanto tempo!

— Wow! Eu que o diga! Você está grávida? Meus parabéns! Quantos meses? Está namorando?

— É... – ri completamente sem graça – estou grávida sim.

Evitei completamente falar sobre namoro, o que eu diria? Rafael e eu nunca falamos sobre isso, mesmo que nossa relação esteja ficando cada vez mais íntima, namoro não estava nem mesmo na frase e equação e como dizer isso a ela?

— Então, você sabe do Rafael? Tentei falar com ele, mas estou proibida de entrar no condomínio, o que é estranho, o número está dando sempre que não existe e o whatsapp só aparece um único tique, ele mudou o número?

Precisei engolir em seco, o que eu faço? Normalmente eu era a pessoa que unia os dois, que sempre fazia de tudo para eles ficarem juntos, nunca, em todo relacionamento deles pensei em ficar com Rafael, agora eu estava me sentindo a pior pessoa do universo, pior amiga de todos os tempos.

— Na verdade ele mantém o número, então não sei o que pode ter acontecido. – Engoli em seco, olhei meu celular. – Preciso ir, foi bom te ver, Mariana.

— Foi bom te ver também, Alícia, vou te mandar mensagens depois para você marcar um encontro meu com Rafael.

Nos despedimos e atravessei a rua, não sei como entrei no apartamento, mas meu coração estava disparado, minhas mãos e pernas tremiam, minha mente estava girando e quando as portas do apartamento se abriram, me sentei no sofá precisando de muito ar nos meus pulmões.

— Ei Aly, estava preocupado... – A voz de Rafael estava ao fundo, até que senti suas mãos em meu rosto e o senti erguer meu queixo delicadamente, seu rosto estava completamente confuso. – O que aconteceu?

— Conversei com Mariana na sorveteria.

Minha garganta fechou quando disse essas palavras, meu nariz ardeu e o sufoco começou a aumentar cada vez mais. Rafael franziu ainda mais a testa.

— Ela te disse alguma coisa?

— Não..., mas ela quer que eu marque um encontro com você... – Lágrimas involuntárias começaram a sair dos meus olhos. – Como pude ser tão falsa? Tão vadia?

— Alícia, do que você está falando? Desde quando você foi falsa? Jamais diga um absurdo desses de você mesma.

— Rafael, ela é minha amiga! E estou ficando com você... — Ralhei em desespero completo, agora as lágrimas descendo por completo do meu rosto.

— Sabe o que eu acho? Que você é amiga dela, mas ela não é sua amiga. Alícia, quantas vezes ela te mandou mensagem nesses últimos dois anos? Agora, após quanto tempo ela vem atrás de você e o que ela pede? Para conversarem? Sair como velhas amigas? Que conte o processo de sua gravidez? Não, que a ajude restaurar um relacionamento que não vai mais acontecer.

— É claro que não vai mais acontecer, eu estraguei tudo ficando com você!

Rafael se afastou, passando as mãos no rosto em completa frustração, ele sentou ao meu lado no sofá.

— Eu a amei, sabe? — Rafael começou e eu preendi minha respiração, sentindo meu coração dilacerado. — A amei como um louco, pra mim ela era a pessoa mais importante da face da terra e não existiria ninguém que pudesse ocupar esse lugar.

Engoli em seco, sentindo meu corpo inteiro amolecer, a dor entorpecendo meus sentidos, porque eu estava amando Rafael e eu o deixaria ir.

— Sim, é claro que eu sei. — Não sei como a minha voz estava tendo essa firmeza toda, sendo que por dentro eu estava destruída. — Por que você acha que eu sempre conversava com você sobre o relacionamento de vocês? E por que você acha que estou me sentindo tão mal por agora vocês não estarem juntos, sendo que estou com você? Sempre uni vocês dois, da mesma forma que falei com Lana sobre Marcos e só não puxei os cabelos de Rian sobre a atual ficante, por estar grávida.

Senti o olhar de Rafael em mim.

— Sobre Rian, pode me chamar que faço essa parte com prazer. — Acabei rindo e sentindo o clima tenso se dissipando pelo menos um pouco. — Agora vamos aos fatos, Aly, você disse bem: Lana não queria namorar Marcos e você deu um sacode nela e olha onde eles estão. Por quantos anos você segurou as pontas entre Mariana e eu? Não digo que a culpa foi inteiramente dela, mas você acha que um relacionamento sobrevive dessa forma? Veja só, o nosso não sobreviveu.

— E o amor? Por isso eu fazia tudo aquilo...

Dizer cada uma daquelas palavras não estava sendo fáceis, mas sou uma mulher adulta e por mais que eu o ame, se for necessário, preciso deixá-lo ir, afinal, eu sou a errada nessa história.

— O meu amor por ela acabou, Aly, eu apenas não queria enxergar.

— Um amor forte como o de vocês não pode ter acabado em poucos meses, Rafael, até outro dia tive que ir te buscar em um bar porque estava bêbado, sofrendo por ela estar com outra pessoa...

— Quem disse que meu amor por ela acabou aos poucos, Alícia? São dois anos de término, dois anos com você indo me buscar e me tirar do fundo do poço que eu estava me enfiando, são dois anos sendo puxado para o sol quando tudo o que eu mais queria era as sombras. Mariana me quebrou por completo, mas teve uma pessoa que foi colando os cacos aos poucos, enquanto eu me afundava nas sombras, ela me trazia para a luz.

Rafael toca em meu pescoço, fazendo com que eu olhe em seus olhos.

— Sabe, até Las Vegas eu nunca tinha te visto com olhos de um homem vê uma mulher, quer dizer, eu sempre soube que você era bonita, mas desejar você pra mim, algo completamente carnal? Não, jamais tinha pensado. Quando te beijei foi como se meu mundo finalmente me encaixasse outra vez, seu sorriso, o brilho dos teus olhos, a sua teimosia, sua impaciência, tudo em você fez com que se encaixasse no meu mundo e quando Aurora chegou nas nossas vidas foi como a peça final para que aqueles pedaços destruídos fossem restaurados. Não foi do dia para a noite, foram nas noites de bebedeira, foi quando mesmo você tendo estômago fraco, foi me buscar em bares, foi quando me jogava em chuveiros gelados, ou até mesmo quando eu chorava a noite toda no seu colo até o sono cair. Então você está certa, Alícia, um amor como aquele não é desfeito da noite para o dia, o meu não foi, fui cego duas vezes. A primeira para enxergar que eu não amava mais Mariana e a segunda para ver que eu te amo.

— Rafael... — Ofeguei.

— E se tem uma coisa que tenho certeza é que eu não sei viver sem você, da mesma forma que não sei viver sem Aurora. Cada vez que alguém pergunta quem é o pai e você fica sem graça de dizer a história, ou quando pergunta se estamos namorando e você diz que não é como uma facada no meu coração, porque tudo o que eu mais desejo é fazer parte da vida de ambas, não por mera formalidade, não porque sou seu melhor amigo, mas porque eu te amo, Alícia, amo como todas as músicas de apaixonados que conheço, amo como todos os poemas loucos de amor que já leu, amo como as mil estrelas do mar, ou as infinitas estrelas. É muito mais fácil eu viver sem qualquer coisa, sem minha fortuna, mas é impossível viver sem você. Então pode vir Mariana, pode vir Ana, pode vir Sueli, pode vir quem quer que seja, pra mim você é a minha mulher, a minha garota e se me permitir será a minha esposa e ninguém poderá ir contra isso, contra o que eu verdadeiramente sinto aqui.

Ele levou minha mão em seu peito, sentindo seu coração disparado, tal qual o meu, que agora estava aquecido, completo, não mais dolorido e sim explodindo de felicidade.

— Ah, Rafael, acho que finalmente entendo o sentimento que Bella Swan disse sentir por Edward, quando disse que ela estava completamente, irrevogavelmente e incondicionalmente apaixonada por ele, pois sinto o mesmo por você. Jamais senti nada parecido por ninguém, claro que tive minhas paixões, mas todas foram tão passageiras que nenhuma delas ficaram por tanto

tempo, nunca confiei em ninguém o suficiente também, diferente de você, que sempre foi meu porto seguro, aquele da qual eu confiaria a minha vida de olhos fechados e sem pensar duas vezes. Outro ponto: nunca me senti bem com toques íntimos, mas com você me tocando é tudo tão, certo, tão... natural, como se meu corpo fosse feito por você e se não fosse Las Vegas, jamais te olharia com olhos desejosos, com olhos de uma mulher que quer um homem. Eu te amo, como jamais amei ninguém na minha vida e você sabe que eu não digo essas três palavras com facilidade, te amo como uma mulher ama um homem, te amo ao ponto de ser você a única pessoa capaz de confiar a vida da minha filha, apenas a você.

O abracei, conectando nossas testas, ele acariciou meu ventre enorme, eu já havia sentido nossa filha se mexer, contudo, ninguém de fora teve essa proeza e ele sempre tentava, sem resultados.

— Aparentemente nem tudo o que acontece em Vegas, fica em Vegas e eu espero que sejamos oficialmente namorados.

— Somos Oficialmente namorados. — Concordei.

Nós dois começamos a nos beijar, meu amigo, agora meu namorado e isso seria extremamente difícil de associar, me puxou para cima dele nos fazendo deitar no sofá. O beijo que começou lento, apenas apreciando e acariciando os momentos um do outro nessa nova fase, começou a esquentar.

Como eu estava de vestido, Rafael segurou a polpa da minha bunda apertando contra seu short de tãtel, isso fez eu sentir seu pau endurecer embaixo da minha boceta. Sua boca era áspera contra a minha, o que enviava choques elétricos de prazer direto para o meu clitóris. Meu corpo inteiro começou a acender de prazer e eu comecei a rebolar o quadril.

— Rafael... — Gemi, sentindo sua mão adentrar minha calcinha, tocando minha boceta molhada.

— Você está tão molhada, Aly...

Sua voz rouca misturada com seu dedo em minha boceta me fez soltar o ar em um gemido silencioso, com o pescoço para trás, rebolando ainda mais lentamente e me soltando.

— É porque eu quero seu pau em mim, me fodendo...

Rafael travou, o encarei e ele estava surpreso, ao mesmo tempo, receoso.

— Tem certeza? — Assenti. — Não quer aguardar um momento especial?

— Será especial... — Colei nossas testas. — Porque será com você, independente de quando ou onde seja.

Acredito que isso bastou para convencer Rafael, porque ele me pegou nos braços, enlaçando minhas pernas em sua cintura enquanto voltava a me beijar, senti o colchão em

minhas costas nos afundando por completo, meu namorado me beijava intensamente, suas mãos percorrendo a lateral do meu corpo.

Rafael se ajoelhou na cama e segurou a ponta do meu vestido, ergui meus quadris e o meu tronco o ajudando a retirar meu vestido, voltei a me deitar na cama, espalhando meus cabelos no travesseiro que tinha seu cheiro, as mãos de Rafael seguraram firmemente meus seios, massageando, apertando os montes, senti sua língua nos bicos e rodeando a auréola ao meu redor, ofeguei quando ele mordeu e puxou.

A dor não foi insuportável, pelo contrário, me fez começar a revirar os olhos, meu clitóris, assim como o interior da minha boceta, estava latejando e eu sentia meu líquido empapando minha calcinha. Suas mãos faziam todo o caminho pelo meu corpo, quando chegou em minha barriga, ele praticamente a venerou.

Seus dedos indicadores foram um para cada lado da minha calcinha, descendo lentamente até retirarem pelos meus pés.

— Sabe, não tenho fetiche por pés, mas os seus são tão delicados, você inteira é maravilhosa, como esculpida diretamente pelas mãos de Deus.

— Você não pode dizer uma coisa dessas para uma grávida, mesmo eu sendo virgem, a vontade que tenho é cavalgar em você com selvageria.

Sua risada rouca ecoou pelo quarto, ao mesmo tempo que vibrava em minha panturrilha por estar com a boca na minha pele.

— Meu amor, é sua primeira vez, tudo tem que ser com calma...

— Essa calma vai me dar um... infarto...

Realmente ofeguei, meu corpo inteiro pulsava, vibrava e implorava por Rafael, já não sabia mais onde enfiar minhas mãos, ao mesmo tempo que eu queria gritar, queria gemer, bater nele e sentir mais e mais daquelas sensações.

O salafrário do meu namorado passou a língua no interior da minha coxa, mordendo a minha virilha e eu juro que revirei os olhos erguendo o tronco involuntariamente. É claro que Rafael já fez um oral em mim, porém, meu corpo estava tão eletrizado, tão sedento que quando senti sua língua contra a minha boceta encharcada, foi como o céu.

Rafael me penetrou com um dedo e ficou fazendo movimentos de vai e vem, a sensação estava tão gostosa que comecei a sentir aquela sensação de ânsia vir cada vez mais urgente, agarrei em seus cabelos e os puxei com força, ao mesmo tempo que minhas pernas se abriram por completo e meus quadris reboaram em suas mãos.

Senti o leve puxão e gozo veio forte, potente, meu corpo inteiro tremia, relaxando por completo na cama. Respirei fundo algumas vezes, sentindo sua língua ainda em minha boceta, brincando no meu clitóris e voltei a ficar excitada.

— Você não está vestido demais?

Perguntei ofegante, Rafael se ergueu com a boca toda molhada do meu gozo, ele passou a língua ao redor, com aquele sorriso safado que fazia as minhas pernas tremerem e minha boceta molhar, esse homem só precisava respirar perto de mim ou são os hormônios da gravidez que me deixa tão excitada?

— Seu pedido é uma ordem, amor.

Meu amigo começou a retirar as roupas, seu tanquinho já me era conhecido pelas tardes na piscina, ele malhava diariamente o que deixava seu corpo ser bem definido, ele tirou o short ficando apenas de cueca boxer. Mordi o lábio inferior ao ver o volume, era a primeira vez que eu estava realmente tímida.

Uma coisa é você entender essas coisas na teoria, mas, na prática? Estava receosa. Eu poderia tocar? Lentamente levei minha mão até a cueca boxer, o tocando por cima do pano, sentindo a maciez e, ao mesmo tempo, a dureza.

Rafael mesmo retirou a cueca boxer e seu pau saltou pra cima, arregalei os olhos ao ver seu tamanho, encarei meu amigo que estava sério, apenas me analisando e voltei os olhos em seu pau muito duro.

— Me dê sua mão, amor...

Sua voz de comando apenas me fez seguir o que ele ordenou, ele pegou minha mão e toquei seu pau, sua pele estava quente e a minha também, só não sei se era vergonha ou tesão porque ver esse tamanho de mastro na minha frente estava fazendo minha mente viajar. Rafael se inclinou, senti a quentura de seu pau ainda mais próximo de mim e engoli em seco, apertando levemente e gemeu.

— Vá com calma, amor, preciso de concentração aqui.

— Eu só apertei...

— Sim, mas estou com um tesão do caralho, querendo me enterrar dentro de você até o talo, só que você é virgem e eu tenho que ir com calma, caso contrário vou te machucar.

Praticamente me joguei na cama ao ouvir essas palavras e se eu não estivesse apaixonada por esse homem, aqui ele teria me ganhado, minha boceta estava latejando de prazer. Meu namorado abriu um pote e começou a passar ao redor de seu pau, assim como na minha boceta, franzi o cenho.

— Isso é lubrificante? – Ele assentiu. – Por que está usando isso na gente? Estou molhada...

— Sim, você está molhada e deliciosamente escorregadia, porém não quero te machucar, amor, então vamos tomar todas as precauções, ok?

Assim que Rafael guardou o pote do lubrificante, joguei meus braços em seus ombros, sabendo que fiz a escolha certa, não tinha pessoa melhor para tirar minha virgindade do que

ele. O puxei para um beijo, tentando transmitir a intensidade daquilo que eu estava sentindo, nossos lábios se encaixaram em perfeita harmonia e urgência, as línguas se movendo com lentidão, como se provocassem uma à outra, ao mesmo tempo que sentisse o gosto um do outro.

Não era nosso primeiro beijo, mas ainda assim, parecia completamente diferente. Seu gosto estava mais acentuado, sua barba parecia ainda mais deliciosa conforme pinicava contra a pele do meu rosto, meu coração estava disparado, meu corpo completamente entregue, minhas pernas moles, tanto que não foi difícil para Rafael colocar uma de minhas pernas em sua cintura.

Senti a ponta do seu membro tocar meu clitóris, segurei os ombros de Rafael ofegando, para me provocar, ele ficou brincando com seu pau com minha entrada, subindo e descendo, aquecendo meu corpo, sua mão livre foi para meu seio, beliscando os bicos e precisei quebrar o beijo para gemer e ofegar inclinando o corpo para trás.

A necessidade de ter Rafael apenas aumentava, fechei os olhos, completamente entregue e senti sua cabeça como cogumelo na minha entrada, mas isso era o de menos porque a cada pedacinho que ele tentava entrar, era um ponto do meu corpo em que era tocado com suas mãos e seu corpo.

Finquei minhas unhas em suas costas, temendo entrar em combustão espontânea, senti um beliscão no clitóris ao mesmo tempo que uma dor ainda mais aguda tomasse conta de mim, era um ardor diferente e só então me dei conta que Rafael rompeu a barreira do meu hímen e estava por completo dentro de mim.

— Você está bem?

Sua voz era baixa, rouca, sensual, apenas assenti, o ardor era estranho, assim como estar completamente preenchida, a sensação estranha me fez balançar os quadris, senti Rafael cair no meu ombro, mordendo o local.

— Amor, estou tentando me controlar aqui...

O sofrimento em sua voz era real.

— Pode se mover... — Sussurrei de volta.

A nossa dança então começou, apesar de não ser completamente prazerosa, ainda era sensual, eu conseguia sentir as fisgadas de prazer, meu corpo por completo estava suado, meu clitóris ainda latejava em busca de alívio, mas a ardência parecia me impedir de chegar até o ápice completo do orgasmo.

Só que, a sensação dele entrando e saindo de dentro de mim de forma lenta era gostosa, me fazia acostumar com seu tamanho e sua largura, aumentando ainda mais a sensação. Senti

seu pau inchar dentro de mim e seu gozo me preencher por completo, escorrendo entre minhas pernas.

— Senhor, não sei se vou aguentar as próximas vezes. — Confessei ofegante.

— E olha que você nem conseguiu gozar, mas nas próximas vezes, farei minha missão de vida você gozar no meu pau.

— Se isso era para ser uma ameaça, senhor Espósito, não conseguiu. — O abracei pelo pescoço.

— Na verdade, futura senhora Espósito, isso será uma promessa.

Rafael colou nossos lábios mais uma vez e como sempre, me senti em casa.

Capítulo 20



Êxtase.

Essa é a palavra que pode exemplificar perfeitamente a sensação que tenho da noite anterior, não por tirar a virgindade de uma mulher, coisa que muitos homens podem desejar ardentemente, isso nunca foi um desejo ou algo do qual me importei, mas sim porque as reações do meu corpo em contato com o de Alícia foi à loucura.

Sabia que na sua primeira vez ela poderia não gozar, mesmo que em seu rosto o prazer estivesse estampado e isso foi o combustível para eu continuar os movimentos, mesmo que eu quisesse fodê-la selvagemmente, despertando meus instintos mais primitivos, mantive o controle e movimentos lentos.

E ainda assim, foi perfeito.

Acordei de manhã sentindo seu cheiro em minhas narinas, desde Las Vegas que sentia falta de acordar com seu pequeno corpo contra o meu e senti-lo nu em contraste contra a minha pele fazia meu corpo ficar ainda mais excitado. Alícia tinha uma maciez deliciosa, viciante, minhas mãos estavam impossibilitadas de se afastarem de seu corpo.

Toquei sua barriga redonda e enorme, me ajoelhei e fiquei observando minha mulher dormindo com os cabelos esparramados em minha cama. Não precisava de fotos, aquela visão ficaria para a eternidade gravada em minha memória.

— Bom dia, princesa do papai... — Continuei tocando em seu ventre. — Espero que ontem à noite você tenha dormido e não escutado papai e mamãe brincando. — Beije sua barriga. — Sabe, estou tão ansioso para sua chegada, jamais imaginei que ficaria desta forma. É claro que me imaginei ser pai, mas não era algo para esse momento, porém, sinto que você chegou na hora certa e você, minha doce princesa, é o meu mundo e não importa o que aconteça, não importa quantos anos tenha, eu sempre vou te proteger, porque você sempre será a minha pequena e eterna princesa.

Quando minhas palavras terminaram de sair por minha boca, senti o forte chute em minha mão, encarei a barriga de Alícia maravilhado, emocionado e em completo choque.

— Por favor, não fale umas coisas lindas dessas... — A voz rouca de Alícia me despertou da magia em que eu estava.

Ergui meus olhos e notei que ela estava chorando, o que me preocupou.

— Você está bem?

— É claro que eu estou! Como não estaria, depois de ouvir essa conversa? — Soluçou. — Até nossa filha amou tanto que começou a dar cambalhotas.

— Apenas disse a verdade, eu amo vocês duas. — Subi beijos por sua barriga. — Agora filha, papai amou sentir você, quero mais disso, porém, volte a dormir que papai e mamãe vão brincar.

— Você quer sentir mais disso que não é em sua costela. — Replicou e eu belisquei seu seio desnudo.

— Quieta, mulher, minha filha poderá fazer tudo o que quiser.

— Sempre soube que Aurora seria mimada... — Alícia negou, sorrindo preguiçosamente, jogando os braços ao redor do meu pescoço. Eu amava quando ela fazia isso.

— Não se preocupe, não vou mimar apenas nossa pequena Aurora.

Colei minha boca na sua, sentindo a maciez de seus lábios, minha língua demonstrou a urgência contra a sua, em uma dança sensual e provando cada detalhe de sua boca. Quanto mais eu beijava Alícia, mais eu sentia necessidade de explorá-la.

Alícia quebrou o nosso beijo, me fazendo soltar um gemido frustrado.

— Quero tentar uma coisa, mas vou precisar da sua ajuda...

— Tudo o que você quiser.

Foi minha resposta embriagada de prazer.

Minha melhor amiga fez uma leve força, demonstrando que queria nos virar na cama e assim a deixei, fiquei entre sentado e deitado, nosso beijo era urgente, necessitado, minhas mãos foram para a lateral de seu corpo, escorregando para entre suas pernas e adentrando sua boceta já encharcada.

Alícia quebrou nosso beijo, contudo sua boca não saiu do meu corpo, ela chupou meu pescoço e eu apertei sua bunda carnuda, revirando os olhos, minha namorada continuou descendo a boca dando leves beijos por meu peito, massageando com as mãos pequenas e delicadas, fazendo seu caminho até chegar em minha coxa, massageando o local e na posição que eu estava consegui ver sua hesitação.

— Sabe que não precisa fazer nada que não queira... — A lembrei e ela me encarou, com aqueles longos e belos olhos castanhos.

— Sei, acontece que quero, só não sei como...

— O que você quer fazer? Siga sua imaginação, Aly, se me machucar eu vou falar.

Assentindo, minha amiga segurou a base do meu pau e eu precisei me segurar para não me jogar contra a cama e gemer alto, precisava prestar atenção em seus movimentos caso ela precise de suporte. Acontece que manter a sanidade com uma mulher gostosa pra caralho segurando seu pau e o encarando com tanto desejo era completamente difícil.

Alícia apertou a base, subindo e descendo, meu pré gozo saindo da ponta, minhas veias saltando e minhas unhas estavam enfincadas no colchão. Levou todo meu autocontrole e mais um pouco quando senti a boca dela na ponta do meu pau e meu cérebro não estava conseguindo mais processar com rapidez o que meus olhos viam.

Entreguei ao prazer que era ter Alícia me chupando, sua língua enroscava no meu pau o deixando completamente babado, sua mão apertava a base aumentando ainda mais o prazer que eu sentia, não consegui ficar entre sentado e me joguei na cama quando ela chupou minhas bolas, massageando as mesmas.

Já não me importava se estava parecendo um adolescente, agarrei seus cabelos formando um rabo de cavalo com minhas mãos, senti minhas veias pulsarem, meu sangue correr mais rápido, meu pau estava ficando mais duro e eu sabia o que isso significava.

— Alícia, eu vou gozar.

Tentei tirar a mulher do meu pau e para a minha surpresa ela quis se manter ali, quando vi gozei em sua boca, sem acabar o espanto vi ela engolir tudo, sem engasgar ou derramar uma única gota. A puxei pra cima, beijando sua boca, sentindo o gosto da minha porra misturado com o mel da sua boca.

— Você é surpreendente...

— Isso porque eu nem acabei... — Respondeu ofegante. — Pegue o lubrificante...

Sem questionar, peguei o pote que estava na mesinha ao lado da cama entregando a ela, que pegou um pouco, passando em suas mãos e esfregando em meu pau.

— Tem certeza? Você não está dolorida?

— Absoluta, tenho trinta anos de tesão reprimido, estou com hormônios aflorados e estou em chamas por você.

Como não ficar enlouquecido com essa mulher? Peguei um pouco da vaselina, passando em meus dedos e depois em sua boceta, por entre suas dobras, notando que sem o lubrificante ela já estava molhada.

Quando finalizei de passar nela e ela em mim, Alícia ergueu o quadril levemente e foi descendo aos poucos, nossos gemidos era o único som que ecoava pelo quarto, assim que ela se sentou por completo em meu pau, minha amiga começou a cavalgar, minhas mãos foram

direto para seus quadris para auxiliá-la, mesmo sem necessidade, já que Alícia deslizava com facilidade.

Minhas costas já estavam doloridas de suas unhas da noite anterior, mas quem se importava? Ainda mais quando ela fincou as garras mais uma vez em meus ombros, jogando o pescoço para trás, deixando os seios suculentos a mostra, levei o esquerdo na boca e suguei como se minha vida dependesse daquilo.

Aproveitei a entrega de Alícia para levar um dedo em seu clitóris, apertando o botão do prazer, suas mãos foram até meus cabelos e ela me puxou para um beijo. Nossas línguas duelavam urgente uma contra a outra, seu corpo por completo era macio e eu queria me enterrar cada vez mais fundo dentro dela.

Meu sangue começou a correr mais rápido, minha respiração ficou mais ofegante, senti o corpo de Alícia começar a estremecer contra o meu e suas paredes internas esmagar meu pau em um gozo intenso, continuei movendo seus quadris até que senti meu pau inchando mais e o jato quente a preenchendo e escorrendo entre nossos corpos.

Caí deitado na cama a levando comigo, sorrindo como um idiota, sabendo que a fiz gozar na segunda vez que ela foi penetrada.

— Que sorrisinho é esse?

— Sorriso da vitória, te fiz gozar na segunda vez que foi penetrada. Sou muito foda. — Me gabei, senti seu beliscão seguido de sua risada.

— Foi bom para você?

Sua pergunta tímida me fez abrir os olhos de verdade e encarar seu rosto, cheio de expectativas.

— Quem deveria estar perguntando isso, não era eu? — Acariciei seu rosto, tirando o cabelo grudado de sua bochecha.

— Bem, gozei na segunda vez que fiz sexo, então é óbvio, só que, diferente de você, eu não tenho experiência nenhuma, nunca fiz um boquete...

A calei com um beijo.

— Foi tudo maravilhoso, pode ter sido sua primeira vez e eu posso ter feito sexo inúmeras vezes, mas esse foi o sexo mais intenso da minha vida, posso dizer que hoje e noite passada serão inesquecíveis para mim.

Alícia me encarou como se buscasse algum resquício de mentira, mas jamais conseguiria mentir sobre esse assunto, por isso mantive nosso olhar conectados.

— Muito bem, acho que precisamos de um banho e talvez sexo no chuveiro... — Ela mordeu o lábio e eu gargalhei.

— Libertei um monstro!



Terminamos de tomar banho e saímos oficialmente do quarto perto da hora do almoço, o que me fez xingar mentalmente, afinal, Alícia está grávida e não pode pular refeições.

— Rafael, por favor, não é pra menos. — Ela tentava falar, revirando os olhos.

— Não é pra menos? É da minha filha e eu a negligenciei! Vamos ao shopping!

— Venha aqui. — Ela me puxou pela camisa e eu a encostei no balcão da cozinha. — Nossa filha está bem, ok? O shopping é bom, assim finalizamos as coisas do quartinho dela.

Assenti, mas ter sua boca tão perto assim da minha não era fácil resistir, por isso agarrei sua bunda por de baixo do vestido e a beijei, chupando sua língua, essa mulher é irresistível e não sei o que será de mim. Pelo menos meu cárdio estará completo diariamente.

— OH MEU DEUS!

O grito da minha adorável irmã me fez lembrar que estávamos na cozinha, me afastei e suspirei.

— Vamos comprar uma casa e ter privacidade.

— Se a gente comprar uma casa, Faela vai junto até se casar. — Alícia me cortou e eu belisquei a polpa da sua bunda por sua língua afiada, mas sabendo que ela tinha razão, minha irmã viveria conosco até morrer, porque ela pode namorar, mas não vai se casar.

Nos viramos e minha irmã ainda estava de olhos arregalados e boca aberta.

— Surpresa? — Alícia falou rindo sem graça.

— Ah! Vocês estão juntos? Real oficial? — Parecendo sair do transe, Rafaela saiu gritando e veio nos abraçar quando concordamos.

— Sim, começamos a namorar ontem. — Desta vez quem respondeu fui eu, minha irmã fez careta.

— Ontem? Fala sério, você é muito lerdo!

Revirei os olhos.

— Estamos indo ao shopping, vai querer ir ou vai ficar me importunando? Se for a segunda opção vai ficar em casa.

— Claro que vou no shopping! Jamais vou deixar de exibir minha cunhada favorita!

Realmente Rafaela estava extremamente animada com o meu relacionamento com Alícia, o que era completamente surpreendente, ela não soltava minha amiga por nada nesse mundo, como se caso fizesse a outra pudesse desaparecer. Ao mesmo tempo, era engraçado ver a relação de ambas, Alícia sempre foi protetora com Rafaela e nada parecia ter mudado, quer dizer, elas estavam apenas mais unidas do que nunca.

— Ei, amor, olha o que eu achei!

Meu coração disparou, não sei se por Alícia me chamar de amor ou pelo minúsculo macacão que tinha a frase: cuidado, meu papai sabe atirar. E o desenho de uma coroa. Não aguentei, puxei Alícia pela cintura e a beijei apaixonadamente.

— Eu não posso acreditar. — A voz que eu nunca mais gostaria de ouvir na minha vida soou em nossas costas.

Me separei de Alícia a contragosto e vi, ela estava parada ali, de vestido e salto, com os cabelos castanhos longos e olhos raivosos contra Alícia e eu.

— M-Mariana. — Alícia sussurrou, apertei a cintura da minha namorada com força.

Mariana soltou um riso irônico pelo nariz, batendo palma.

— É, aparentemente Lorena tinha total razão, você não passa de uma puta falsa que se faz de amiga para nos virar pelas costas.

Meu sangue ferveu, fechei as mãos em punho e levou muito do meu autocontrole para me lembrar que na minha frente era uma mulher e não um homem, caso contrário o soco já estaria armado.

— Cuidado como fala com a minha mulher, Mariana. — Falei friamente, avançando e ficando na frente de Alícia, como forma de proteção. — Morda sua língua ao chamá-la de puta, muito menos de falsa, afinal, eu só vejo uma pessoa falsa na minha frente.

Ela deu um passo para trás, engolindo em seco, talvez porque nunca verdadeiramente me viu desta forma, senti as mãos de Alícia em meus punhos, o que aplacou um pouco da minha fúria, não foi o suficiente.

— Ela não é falsa? Então vai me dizer que não estava beijando a minha melhor amiga? E que agora chama de mulher? — Ela ainda soltou seu veneno. — Se ela fosse minha amiga, jamais se envolveria com você. Além disso, veja só, como ela já te envenenou contra mim!

Passei a mão no rosto, controlando a minha raiva.

— Sério, qual o problema de vocês? Tenho mais de trinta anos, porra! Acha que não sou capaz de pensar por mim mesmo? Sou tão facilmente manipulável assim? Inferno! Você diz que ela é sua amiga, mas e você? Era amiga dela? Quando foi que entrou em contato com ela nesses dois anos? Além disso, Alícia não me envenenou contra você, você mesma fez isso.

— Eu? — Gritou de forma cínica, colocando o dedo indicador em seu próprio peito. — Tudo o que fiz foi te amar e ela me afastou...

— Não minta pra mim, porra! — Senti o aperto de Alícia e só por isso não avancei, minha mente estava entre manter e perder a sanidade. — Onde você estava dois anos atrás quando meu pai estava no hospital?

— Seu pai estava no hospital? Ela não me disse...

— Corta o papo furado, como você não ficou sabendo, sendo que nós dois estávamos na mesma cidade e Rian, que não passava de um conhecido além de ficar sabendo, veio me dar suporte? Nós namorávamos, porra! Como você não vai atrás do seu namorado quando ele desaparece?

— Ela deveria ter me falado!

— Ela estava no Chile e fez mais do que você!

Nossas vozes se alteraram.

— É melhor termos essa conversa em privado. — Alícia comentou pela primeira vez, mesmo sua voz estando firme e suas mãos me segurando, sentia que seu corpo estava tremendo.

— Você não deve se envolver. — O deboche no tom de Mariana e a forma de nojo como ela encarou Alícia estava me tirando do sério.

— Devo me envolver porque meu nome está envolvido, além disso, você me acusa de não ter te avisado. — Alícia pegou seu telefone de sua bolsa. — Tenho todas as nossas conversas aqui, todas as ligações que fiz para você, das mensagens implorando para ir ver Rafael no hospital. Quando você acusa alguém de algo, é melhor que tenha provas.

Mariana ficou levemente pálida, mas logo seus olhos se encheram d'água.

— Certo, você me falou, mas você sabe como eu estava com meu psicológico abalado e que não sei lidar com essas coisas, vocês me acusam de não ter entrado em contato, mas por que vocês não fizeram isso?

Senti que Alícia estava cedendo, a mulher odiava ver Mariana chorando ou falando sobre suas questões psicológicas, meu ódio por Mariana aumentou se isso fosse possível.

— Acontece, Mariana, que eu proibi ambos de entrarem em contato com você, exceto se você o fizesse. — A voz de Rafaela soou a nossa esquerda, minha irmã tinha aquele sorriso sardônico, idêntico ao meu quando não gostava de alguém. — Nós duas sabíamos que você não faria isso, não é? Então, por que está cobrando Alícia?

— Rafaela? Por que está falando isso? — A dor em sua voz parece ser real, afinal de contas, Mariana sempre gostou da minha irmã.

— Porque eu me cansei de ver você fazendo joguinhos emocionais com Alícia e enganando meu irmão.

— Rafaela, eu mais faria isso...

— Pare de ser falsa! Sua máscara caiu dois anos atrás quando você disse que meu irmão não passava de um emocionado, quando você debochou da doença do nosso pai, quando você ignorou o fato da nossa mãe estar fodendo com a cabeça do meu irmão, quando você não se importou que meu irmão estava se perdendo mais uma vez!

— Foi isso o que Alícia disse? É mentira!

O tapa que estalou no rosto de Mariana fez eco pela loja e surpreendeu todo mundo, principalmente porque minha irmã não era de bater em ninguém.

— Meu irmão é homem e não pode bater em mulher, mas sou mulher e não tem problema, então pare de ofender Alícia. — A voz fria de Rafaela me deu um leve orgulho, afinal, eu quem criei minha irmãzinha. — Ninguém me disse nada, eu ouvi. Dois anos atrás, quando você e Aly estavam em um certo café, qual não foi minha surpresa quando ouvi a conversa de vocês? Enquanto ela implorava para você fazer o mínimo do seu papel de namorada, você o esnobava.

A declaração não pegou apenas Mariana de surpresa, mas Alícia também, aparentemente nem mesmo minha namorada sabia dessa informação.

— Vo-você ouviu?

— Sim e diferente de Alícia que até hoje foi fiel a você, não contando nada dos seus podres, eu contei, porque entre você e meu irmão, eu sempre escolho ele. Só que, eu sabia de uma única coisa... — Minha irmã voltou-se para Alícia. — Alícia não aguentaria ver o sofrimento de Rafael e faria de tudo para que vocês dois voltassem, então fiz ela prometer que não se envolveria mais no quesito vocês dois, porque eu sabia que na primeira oportunidade ela faria de tudo para ver ele feliz, só que meu irmão nunca seria feliz com você. Me cansei de ver ele sofrendo por você, entre idas e vindas. — Rafaela se voltou para Mariana. — Agora se você puder desaparecer, eu agradeço, sabe como foi difícil fazer esses dois irem para Las Vegas e ver se ficariam juntos e nem assim conseguimos? Preciso Alícia engravidar para meu irmão abrir os olhos.

— Espera, Las Vegas? — Arqueei uma sobrancelha para minha irmã que bufou, cruzando os braços.

— Fala sério, acha que foi fácil criar um plano com menos de uma hora? Precisei envolver Lana, o marido e o cunhado, lutas marciais... Muita dor de cabeça para abrir os olhos de vocês dois. O próximo plano era com Rian e a brincadeira dos sete minutos no céu.

Com nossa distração, Mariana simplesmente desapareceu e Alícia começou a tremer, a apertei em meus braços.

— Queria dizer que eu não fui falsa com ela...

— Amor, não adianta insistir, ela não vai entender. — A abracei apertado.

— Alícia de certa forma você sempre fez de tudo para fazer meu irmão feliz, abrindo mão da sua própria felicidade, agora vai me dizer que se não fosse Aurora, você daria uma chance para meu irmão?

Alícia parou para pensar, franzindo o cenho e concordou.

— Tudo começou porque ele quis ser pai de Aurora e eu não aguento não ver ele feliz e se ele tivesse com outra mulher, me falando que seria feliz com ela, eu faria de tudo para que ficassem juntos.

— É por isso que eu te amo, seu altruísmo, seu coração gigantesco, sempre colocando os outros acima de você. Por isso, sempre vou te colocar como prioridade na minha vida, você e a nossa princesa.

— Porra, homem, já disse para não falar essas coisas, se falar que seja em privado, estou com hormônios em ebulição.

Gemeu e eu gargalhei, apesar de tudo, nossa vida estava indo bem.

Capítulo 21



Eu sempre tive muitas paixões na minha vida: assistir futebol, andar a cavalo, trabalhar, fazer sexo, viajar, beber, estar entre amigos e inúmeras outras coisas que conforme os anos foram passando apenas foi somatizando. Contudo, nos últimos meses descobri que nada disso era forte o suficiente ou maravilhoso o suficiente do que sentir a barriga de Alícia se mover conforme eu conversava com Aurora.

Isso dava inúmeras brigas entre nós dois, principalmente quando nossa filha se empolgava e acabava apertando sua bexiga e ela tinha que correr no banheiro, mas quem disse que eu me importava?

— Quem diria que o Rafael seria pai de uma menina? — Rian zoou da minha cara.

Agora nossos encontros eram no meu apartamento, cheio de pizza, bebida para ele, minha irmã, meu cunhado, Lana, Marcos e claro refrigerante para Alícia e eu. É, enquanto ela não puder beber, eu também estou proibido.

— Você nunca ouviu falar da teoria de que quando um homem é mulherengo ele acaba sendo pai de menina? — Provocou Lana.

— E ele se ferrou duas vezes, já que foi ele quem me criou. — Rafaela gargalhou, fechei a cara, entrando em desespero.

— Pois é, ele teve que aprender muito para ter que lidar agora com a princesinha dele. — Alícia entrou na brincadeira e a encarei chocado.

— Não era para me defender, mulher? Sei lá, ter ciúme?

— Querido, vejo você com outras mulheres como um aprendiz, para que agora possa me satisfazer, mas saiba que alguém vai satisfazer as necessidades da nossa filha também. — Alícia replicou, beijando minha boca.

— Eca! — Minha irmã fez som de nojo, enquanto nossos amigos caíram na gargalhada.

— Pena que você não tem filho, Lana, seria interessante ver seu filho se envolvendo com a filha de Rafael.

— Espera só, Rian, você vai ter sua filha e quando esse dia chegar... — Ameacei.

— Não se preocupem, Nicole, minha amiga que conheci em Las Vegas e foi inseminada assim como eu ilegalmente, está esperando um filho. Nós duas combinamos das crianças se conhecerem.

Vendo que eu estava perdendo até para a minha namorada, ergui a blusa de Alícia, segurando sua enorme barriga, já sentindo a agitação de Aurora.

— Princesa, escute o papai, você vai se manter longe de garotos... — Esperei sentir o chute em minhas mãos, aquele pequeno pezinho que fazia meu coração disparar de alegria a cada interação. Quando senti a pressão, sorri orgulhoso, como se ela tivesse concordado comigo. — Isso mesmo, princesinha, vai fazer o que o papai pede, não é?

— De jeito nenhum, vai ter a mamãe, tia Lana e a tia Faela para te impedir.

— Não escute sua mãe, porque se escutar, viveremos nas montanhas. — Senti a pressão na mão esquerda, sorri mais ainda. — Boa garota.

Não sei por que, mas meus amigos riram ainda mais, todos um bando de idiota que não entende a ligação de pai e filha.



Alícia já estava com trinta e nove semanas; por isso, diminuí minha carga de trabalho e comecei fazer a grande maioria das coisas em casa. Como Rafaela trabalhava na empresa, coisas essenciais ela levava e me trazia diariamente, essa rotina estava sendo ótima para todos nós.

Notei uma movimentação no corredor, deixei os papéis de lado e verifiquei o que era, vi minha melhor amiga andando de um lado para o outro com a mão nas costas e um olhar sério, imediatamente me preocupei e fui até ela.

— Você está bem?

— Sim, apenas um incômodo nas minhas costas.

A coloquei sentada no sofá e comecei a acariciar o local.

— Então por que do olhar sério?

— Nicole e Brendon conseguiram dismantelar a rede de hospitais que faz inseminação artificial, eles estavam fazendo alguns testes em mulheres de outros países. Nicole e eu não fomos as únicas, o que fomos as únicas foram os doadores. Para o azar deles, houve um erro e ela engravidou de Brendon, segundo ela “seu maior inimigo”.

Entendi sua preocupação, meu coração disparou e se eu não estivesse sentado, minhas próprias pernas teriam cedido.

— E o seu doador? — Perguntei fingindo uma calma da qual eu verdadeiramente não estava sentindo.

— Ela não descobriu, diferente de mim, ela soube desde o início quem é o pai do seu bebê, pois Brendon levou a amostra meses antes para fazer alguns testes de praxe, eles fizeram e guardaram, então ele foi notificado do erro, algo assim, não entendi bem. O meu, o nome foi perdido ao longo do tempo.

Nós dois ficamos em silêncio.

— Estou aliviado. — Fui sincero. — Por mais que isso não seja algo que eu pense com constância, no fundo, sempre tive medo de alguém aparecer e querer reivindicar Aurora para ele, sabendo disso sei que ela é minha.

— Ela sempre foi e sempre será sua, Rafael, mesmo se alguém aparecesse depois, ou que nós dois não ficássemos juntos, você sempre será o pai de Aurora, não importa o que aconteça.

Alícia me abraçou, um abraço forte e reconfortante, ali eu soube que independente do que acontecesse eu jamais poderia perder aquela mulher, nem ela e nem minha filha. Sei que nós dois estamos juntos, mas ela tem que ser minha, para o resto da minha vida.

— Alícia, case-se comigo?

— O quê?

Ela se afastou.

— Case-se comigo, posso não ter um anel no momento, mas sei que preciso de você na minha vida, para o resto dela. Não consigo viver sem você, minha vida não vai fazer sentido se não tiver você, precisei de Aurora para acordar e ver que eu te amo muito mais do que apenas como um amigo.

Alícia soltou uma gargalhada gostosa.

— Ah, Rafael, sempre tão intenso. Acho que, no fundo, essa intensidade é o que eu sempre busquei... — Ela acariciou meu rosto, com aquele sorriso apaixonante. — É claro que aceito me casar com você, mas vamos ter que esperar Aurora andar, quero que ela entre com as alianças.

— Vai ser nosso casamento perfeito, obviamente em Las Vegas, onde tudo começou.

Ela colou seus lábios nos meus, mas logo precisamos nos separar, pois senti uma vontade louca de ir ao banheiro.

Seu celular estava vibrando com inúmeras mensagens, da Nicole era uma delas, sorri ao ver a enorme barriga da outra morena, peguei o telefone para responder que ela estava uma grávida linda e que esperava que o filho dela fosse mais esperto que ela, foi quando notei que o e-mail de Alícia estava aberto.

Era do reitor da universidade, informando que Alícia não poderia mais dar palestras, afinal, ela não era um exemplo a ser seguido para jovens alunos impressionáveis, que estavam chegando na universidade aquele momento. Um ódio subiu no meu interior, segui meus

instintos e vi a mensagem de uma pessoa que já deveria estar extinta de nossas vidas. Do contato de Mariana, uma única mensagem:

“Agora me sinto vingada e espero que você saiba como é se sentir traída.”

Para a minha surpresa e orgulho, Alícia respondeu.

“Me demitindo? Isso não me afeta, posso palestrar e dar aulas em outros locais.”

Sei que isso é uma das maiores mentiras, Alícia ama palestrar e dar aula, por isso não me arrependi dos próximos passos. Peguei meu telefone e liguei para minha irmã, a dor em seu rosto fazendo muito mais sentido agora.

— *Está tudo bem? Alícia está bem?*

— Alícia está bem, fisicamente. — Resumi o que descobri. — Quero que você retire todas as bolsas de pesquisas que a empresa tem com a universidade. Também retire a pesquisa de Mariana, não tem motivo nenhum para o instituto dela prosseguir, vamos investir no concorrente e deixe uma nota para nossa amiguinha.

Minha irmã, que estava furiosa, apenas soltou:

— *Que tipo de nota?*

— Seja criativa, não quero contato, ela quis e tentou destruir minha mulher de inúmeras maneiras, essa mensagem e atacar a profissão de Alícia foi a última jogada. Já o reitor, se não é homem suficiente para lidar com problemas, que arque com as consequências...

Minha fala foi interrompida pelo grito de Alícia me chamando, joguei o telefone no sofá.

— Alícia? — Abri a porta do banheiro, notando uma poça meio vermelha em seus pés. — O que aconteceu?

— A bolsa estourou! — E ela soltou um grito que doeu Minh ‘alma.

— Muito bem, vou te ajudar a retirar a roupa, tome um banho, quanto tempo?

— Ci-cinco minutos.

— Por que não me falou antes?

— Achei serem as falsas.

A ajudei com as roupas e liguei o chuveiro do banheiro social, coloquei as roupas molhadas na lavanderia e procurei meu telefone, vendo que minha irmã ainda estava na linha.

— Rafaela?

— *Ainda bem! O que aconteceu?*

Resumi o que aconteceu e pedi para ela informar nossos amigos, subi para nosso quarto e peguei a bolsa de Alícia, a bolsa de Aurora, um vestido, peças íntimas e uma toalha para que minha amiga vestisse agora.

Apesar dos meus atos concentrados e calmos, eu estava em completo pânico e ansiedade, minha filha estava nascendo, finalmente a veria e eu não sei como agir diante disso sem parecer um louco desesperado.

Minutos mais tarde estávamos no hospital, comigo arrastando Alícia em uma cadeira de rodas, com ela gritando desesperada de dor. Os enfermeiros a levaram para a maternidade e eu dei entrada em sua internação. Fui até o quarto em que ela ficaria até ter alta, colocando a bolsa em um sofá e logo a enfermeira me voltou com roupas de hospital.

— O papai vai querer assistir ao parto?

— Eu posso?

Minha empolgação deveria ser visível, pois a enfermeira já idosa riu e concordou comigo, mais que de pressa coloquei as roupas e segui até onde Alícia estava, que era a salinha ao lado. Minha atual noiva estava sentada em uma grande bola, fazendo alguns exercícios e gritando de dor, fui ao seu lado, segurando suas mãos.

— A próxima gravidez será cesariana. – Gritou ao sentir a contração.

— Já está pensando no próximo, amor? – Tentei distraí-la de sua dor e ela rosnou, apertando minha mão e eu, como um bom noivo, mantive o sorriso, mesmo que quisesse gritar de dor e fugir para bem longe dela.

— Olá, Alícia! Vamos ver como está a sua dilatação? – Graça entrou sorrindo na salinha.

Ajudei Alícia a caminhar até a maca, segurei com expectativa sua mão. Minha noiva ficou arreganhada para a médica, jamais terei explicação ou palavra melhor para definir como eles deixam a paciente para esse momento, então a médica sorriu animada:

— Você está pronta!

Em um piscar de olhos, fomos levados para um centro cirúrgico, Lana apareceu com sua toca rosa junto de sua equipe e logo Graça pediu para Alícia empurrar.

Nesse momento notei o quão forte minha noiva é, tudo ao meu redor parecia estar em câmera lenta, os enfermeiros, a médica, Alícia empurrando e chorando de dor, os incentivos, até mesmo minhas palavras de incentivo pareciam vir de algo muito longe do que minha mente poderia acompanhar.

Até que ouvi, o som mais gostoso, mais poderoso e mais forte, o choro de vida da minha filha, beijei os cabelos de Alícia, encostando nossas testas, só agora notando que eu também estava chorando, emoção pura e completa. Meu peito ardia, o ar me faltava e o amor, simplesmente transbordava.

— Papai quer cortar o cordão umbilical?

Limpei as lágrimas e concordei.

Sempre me gabei de ter as mãos firmes, mas ao segurar a extensa tesoura vi como eu estava tremendo, cortar a ligação mãe e filha foi um marco, apesar de tudo essa ligação jamais seria cortada, nossa família jamais seria desfeita. A enfermeira enrolou Aurora em uma toalha e me entregou, segurei o pacotinho e levei até minha noiva.

— Nossa pequena princesa Aurora.

Apresentei à Alícia, minha noiva segurou nossa filha que ao sentir o cheiro da mãe parou de chorar de imediato, segurei sua mão pequena e em meio as lágrimas, Alícia riu.

— Estranho. – A encarei confusa. – Ela se parece um pouco com você.

— E veja só, ela tem o contorno da sua boca. – Brinquei, tentando evitar o que aquela informação fez dentro de mim.

— Eu te amo, Rafael.

— Não mais do que eu te amo, Alícia, principalmente por ter me dado o melhor presente de todos: nossa filha, nossa família.

Capítulo 22



Ser pai é uma descoberta e uma sensação muito estranha, a cada movimento diferente que Aurora faz parece ser uma novidade, como, por exemplo, quando ela fez uma bolha de baba. Juro, foi como se aquilo fosse a coisa mais extraordinária já feita por alguém e cada um desses passos, eu registrava em meu telefone, que agora só tinha imagens de Aurora.

Outro momento magnífico de se assistir foi ver Alícia amamentando Aurora, minha pequena filha, um anjo enviando por Deus, sendo amamentado por sua mãe e a conexão das duas era a coisa mais linda de se ver. Não entendia como algumas pessoas viam maldade nisso, sendo que é o ato mais puro e belo do universo.

A luz suave da manhã invadia o quarto do qual criamos para ela, eu estava aqui observando seu sono, não era a primeira vez, além de ser lindo ver ela dormir, um medo profundo tomava conta de mim e eu sempre vinha verificar se ela estava respirando. Sempre fui paranoico, agora isso estava triplicado e eu sinto que terei cabelos brancos antes dos quarenta.

No berço, minha princesa Aurora, resmungava baixinho, se espreguiçando como se já soubesse que era o centro do meu mundo, principalmente quando ela me olhava e dava aqueles belos sorrisos banguelas. Ela abriu os olhos, balançando as mãozinhas e soltou um barulho baixinho.

— Bom dia, princesinha do papai. — Sussurrei, me inclinando para pegar Aurora em meus braços.

Aurora fez um pequeno som baixo em cumprimento ao meu, ao mesmo tempo, como se soubesse que não poderia acordar Alícia, que dormia serenamente no quarto ao lado e encarei aqueles orbes castanhos, estranhamente iguais aos meus, mas tão brilhantes que poderiam ser a representação de pequenas estrelas.

Essa garota me tinha na ponta do seu dedo mindinho e eu estava ferrado, vou ter que ver como se compra uma arma e procurar quais árvores estão em extinção para plantar na área de preservação ambiental.

Somente ir para as montanhas e me tornar um lenhador não será o suficiente.

Deixando o pensamento horripilante de quando minha pequena princesa fosse ficar maior e voltando ao presente, comecei a conversar com ela:

— Você sabia, Aurora, que você é a coisa mais perfeita que já aconteceu na minha vida? Não sei e não consigo mais imaginar minha vida antes de você. — Falei baixinho, enquanto a embalava.

Ela gorgolejou em resposta, e eu ri. O som parecia encher o apartamento inteiro de felicidade.

Até que ela começou a resmungar, verifiquei sua fralda e ela estava molhada, agradei que pelo menos isso conseguia resolver. Segui até o trocador, ajeitando Aurora com cuidado para trocar sua fralda, tentando acalmar a pequena que já resmungava exigindo que fosse limpa imediatamente.

— Tudo bem, princesa, papai já resolverá isso, tem aparentemente a personalidade forte da mamãe, hã, será a furacãozinho 2.0, acho que estou realmente ferrado! — Brinquei, enquanto ela me encarava como se estivesse me julgando, só não sei se pela minha habilidade, pela minha demora ou pelo apelido. Certo, o último ela nem deve entender. — Eu sei, eu sei... Mamãe faz isso melhor, mas tenha paciência com o papai, ok?

A porta do quarto se abriu, vi a cabeça de Rafaela surgir e então ela sorriu entrando em seguida.

— Ainda bem que ela já estava acordada, não aguento ficar sem ver essa belezura aqui. — Minha irmã se aproximou, analisando meu trabalho. — Parece que o superpai está em ação! Você trocou direitinho... — Provocou e eu a empurrei pelo ombro.

— Não se esqueça que cuidei de você e troquei as suas fraldas.

Rafaela deu risada, me abraçando de lado enquanto eu terminava de colocar um vestidinho, a coisa mais fácil de vestir uma criança. Sério, quando comprei aqueles macacõezinhos jamais imaginei que havia tantos botões e fossem tão complicados.

Minha irmã suspirou quando peguei Aurora nos braços.

— Ela é a sua cara, sabia? Mas a boca... É idêntica à de Alícia.

Meu coração disparou, Alícia falou o mesmo no parto, mas pensei que fosse uma coisa para me acalmar, hormônios, sei lá. Estreitei meus olhos, sorrindo para minha irmã.

— Você a acha parecida comigo?

— Absoluta certeza. Olha só essa testa vincada, esse nariz, o formato do rosto... só esses pequenos lábios carnudinhos que são Alícia em vida, parecem dois minis botões. — Respondeu Rafaela, enquanto Aurora soltava um gritinho animado, como se concordasse.

Alicia apareceu na porta, sonolenta, mas com um sorriso terno que me fez esquecer o mundo, mais uma vez.

— Vocês acordaram cedo. — Minha noiva se aproximou, me dando um selinho, abraçando minha irmã em cumprimento.

— Não consegui resistir. Ela é como um ímã para mim. — Alícia arqueou a sobrancelha. — Ok, eu vim ver se ela estava respirando e acabei me perdendo no tempo, quando vi, já era manhã.

— Já eu, precisava acordar cedo e vim aqui mimar minha sobrinha e encontrei ele, perdi a vez. — Minha irmã respondeu, fazendo Alícia rir.

Entreguei Aurora a Alicia e a observei enquanto ela a segurava com tanta naturalidade. No início, Alícia tinha medo de ser como sua mãe, mas como poderia? Olha como ela segurava Aurora, os olhares.

Ela já é uma excelente mãe.

— Vocês duas são tudo que eu sempre busquei. — Meus olhos jamais desviaram de ambas, abracei Alícia de forma que elas estivessem dentro dos meus braços, protegidas. — Alícia, você me deu a maior dádiva de todas, vou passar a vida inteira agradecendo por isso.

— Apenas nos ame, Rafael, isso já é mais que o suficiente.

— Eu já amo, Alicia. Amo tanto que às vezes parece que meu coração vai explodir.

Beijei sua boca carnuda, ouvindo o fungo emocionado de Rafaela ao fundo, é, aparentemente minha irmã é bem emocionada quanto a isso e estava tudo bem. Me afastei e abri os braços.

— Vocês dois são tão fofos juntos.

Acabei rindo do comentário dela, aqui, nos meus braços, estava as três mulheres da minha vida.



Natal estava chegando e desta vez não consegui fugir da grande festa na fazenda dos Espósito. Meus avós praticamente me intimidaram a ir até lá, prometendo que já era passado eu fugir da minha família por tanto tempo devido à minha mãe e que ela não chegaria nem perto da fazenda. Ainda assim, eu estava relutante, ela não chegaria perto do casamento de Lana.

A cartada final foi vovó dizer que Aurora merecia ter um Natal decente e nisso eu concordava.

Minha princesa pode ter apenas alguns meses de vida, mas ela merece começar a conhecer e crescer com essa magia, da mesma forma que cresci, tanto que amo a época de Natal e mesmo

após adulto e morando sozinho, Rafaela e eu sempre fazemos a rotina de montar a árvore, decorar a casa e todos os procedimentos.

Agora com uma filha, desejo o mesmo para ela e Alícia concordou imediatamente, então decidimos ir para a fazenda, que ficava aos arredores de Pirangi, mas nem passaríamos perto da cidade.

A viagem até a fazenda foi cercada de risos e histórias, minha irmã apenas ouvia os casos de Alícia e eu, quando éramos adolescentes e frequentávamos a fazenda quase todo final de semana, somado a isso com Lana e Jeferson, pode apostar que muitas coisas aconteceram e não sei como as árvores ainda estavam em pé.

Ou a casa.

Chegamos na antiga mansão e a visão da casa decorada me tirou o fôlego, as luzes piscavam em cada janela, assim como na varanda, que caiam em cascata, o jardim tão bem cuidado de minha avó também estava enfeitado com luzes e as bolas natalinas. Alícia pegou as coisas de Aurora, enquanto peguei as malas, Rafaela que estava no banco de trás, desafixou o bebê conforto onde Aurora estava e a carregou para dentro de casa.

Minha avó foi a primeira a nos receber, com os braços abertos e lágrimas nos olhos.

— Não acredito, minha primeira bisneta! — Aurora sorriu e estendeu as mãos para vovó, que com força e habilidade pegou minha filha nos braços. — Se eu não soubesse da história, diria que essa garota é sua filha Rafael, ela se parece muito com você quando criança.

— Quem se parece com meu filho quando criança? — A voz do meu pai soou na entrada e quando viu a primeira vez minha filha ficou pálido. — Misericórdia, essa menina é você de saia, Rafael.

Alícia, Rafaela e eu fomos deixados de lado e enquanto minha filha foi paparicada, subimos até o meu quarto, que dividiria com Alícia pela primeira vez, para guardarmos as coisas.

— Sabe, fico tão feliz quando alguém diz que Aurora é sua cara.

O comentário de Alícia me pegou desprevenido.

— Pensei que seria somente eu, mas você a carregou por nove meses, não deveria querer que se parecesse com você? Ou, sei lá, com o outro pai?

— Não, acho que, no fundo, tinha até um pouco de medo dela não se parecer comigo, além disso, acho você uma delícia e nossa filha é linda. Você é o pai dela, Rafael, independente do que algum teste de DNA diz e quando as pessoas falam que se parecem com você, isso apenas prova a minha teoria.

Meu peito explodiu de amor, era possível amar ainda mais alguém como eu estava a amando? A puxei para a cama e comecei a beijar sua boca, minhas mãos indo direto para sua bunda, apertando a carne por cima do jeans.

Uma batida na porta cortou completamente o clima.

— Sinto muito interromper os pombinhos, mas a nossa princesa fez uma enorme bomba fedorenta, papai mandou eu trazer ela para vocês, disse que já trocou muitas fraldas na vida. — Rafaela entrou e nos entregou Aurora, que sorria como se soubesse que fez arte.

Alicia gargalhou.

— É filha do Rafael mesmo, viu.

— Ei! Só por isso será expulsa do banho em família, minha princesinha é um anjo, mesmo quando faz essas coisas que todo mundo faz. — Defendi minha filha com unhas e dentes.

A defesa foi até a página dois, porque a bomba era realmente uma bomba de cocô, como Aurora conseguiu se sujar inteira? Não sei, não pude respirar fundo pelo nariz, apenas pela boca, mas não poderia reclamar com ela, afinal, era a princesinha do papai.

Enchi a banheira, pois só assim para que minha filha fosse limpa, gastei muito mais que o necessário de lenço umedecido para tirar o mais grosso e estava pensando em jogar a roupa fora, ninguém merece lavar isso tudo.

Durante o banho, comecei a conversar com Aurora:

— Filha, da próxima vez você tem que ajudar o papai a te defender, sabe? — Aurora gargalhou, batendo na água, espirrando para todo canto.

Senti a presença da minha avó.

— Alicia disse que você iria dar banho em Aurora sozinho, vim ver se sabe fazer o serviço direito.

Acabei rindo.

— Vamos lá, filha, seja educada e não espalhe água pelo banheiro todo. — Como ela não me obedecia, Aurora bateu os pés e as mãos na banheira, me molhando por completo. Suspirei. — Você é uma princesa, meu amor, princesa não faz essas coisas...

A risada da minha avó chamou minha atenção.

— Você fazia o mesmo com Rafaela e ela, fazia a mesma coisa com você. — Minha avó se aproximou apertando meu ombro. — Não vimos na época que você já era pai da sua irmã, querido e ela se tornou uma excelente garota, acredito que Aurora terá um excelente pai.

Precisei segurar as lágrimas, essas palavras da minha avó trouxeram um ponto crucial para mim, ser o orgulho dela e do meu avô, tem um significado muito importante.

Minha avó acabou me ajudando com o resto do banho, ela disse que secaria minha filha e eu peguei as roupas e fraldas para Aurora, até ouvir o ofegar de dona Madalena.

— O que foi?

— Rafael, o que é isso?

Ela apontou para o pequeno desenho em formato de uva na sola do pé de Aurora, fiquei aliviado.

— Ah, ela nasceu com isso... — Recebi um peteleco na cabeça. — Ai!

— Você não esfrega seu pé? Quantas vezes não lavou os pés da sua irmã? — Continuei a encarar confuso. — Rafael, essa é a marca dos Espósito, seu pai, seu avô, seus tios e primos... todos eles possuem a mesma marca, no mesmo local!

Fiquei branco como um papel, vovó pegou as peças de minha mão e vovô entrou no quarto, me entregando uma caixinha.

— Sua avó disse que pediu Alícia em casamento, mas não vi anel, está na hora de mudar isso. — Peguei a caixinha, ainda embasbacado com a informação. — O que aconteceu?

— Olha isso aqui! — Vovó mostrou o pé de Aurora e vovô ofegou.

— Como é possível? É a marca da família!

Apenas deixei meus avós me guiarem para o andar de baixo, que todos meus amigos já estavam presentes como Lana, Marcos, Rian e Jeferson, claro que meus primos e toda a família também. O clima feliz sentiu a tensão conforme nós dois descemos as escadas.

— Alícia, querida... — Vovó, que ainda segurava Aurora, começou a falar delicadamente. — Você sabe quem foi o doador de Aurora?

Confusa, minha noiva negou, ela até suspirou triste.

— Diferente da minha amiga, o meu doador tinha apenas números, deve ter sido algum anônimo. — Contou a história que ela me falou outro dia. — Por que da pergunta?

— É que, Aurora tem a marca dos Espósito.

— Como assim? — Minha melhor amiga perguntou com a voz baixa.

Ainda meio catatônico, vi minha avó mostrar o pé esquerdo, onde a marca da uva aparecia, todos meus familiares ofegaram, meu pai se aproximou, tirou o chinelo e mostrou o pé, minha irmã fez o mesmo, meus primos, tios, até meu avô e meio em câmera lenta tirei meu tênis, as meias e o pé esquerdo estava lá, a mesma marca, no mesmo lugar.

— Não é possível... — Alícia precisou da ajuda de Rian. — Como...?

O silêncio era ensurdecedor, assustador, Alícia e eu trocamos olhares assustados, tentando fazer a conexão. Nenhum de nós fizemos sexo, eu sei disso, eu me lembro quando tirei sua virgindade, ela engravidou virgem, tenho certeza disso, a médica não se enganou.

— É claro! — Jeferson quebrou o silêncio e todas as cabeças se voltaram para ele. — Rafael, se lembra da nossa viagem com a turma quando tínhamos vinte e um anos para Las Vegas?

— Sim, é claro que eu me lembro, mas o que tem ela?

— Você perdeu uma aposta, teve que ir nessas clínicas e fazer uma doação anônima, lembro que mesmo bêbados a gente assinalou juntos as respostas: uma única gravidez. Apesar de loucura, a gente não queria vários minis Rafael por aí.

Minhas pernas cederam e eu caí no chão mesmo, sentado, minha mente tentando processar.

— Isso quer dizer que...

A voz de Alícia era um sussurro ao fundo.

— Isso quer dizer que Aurora é mesmo filha de Rafael.

Olhei para Aurora no colo da minha avó e eu comecei a chorar, em completa felicidade, senti os braços finos e o cheiro de Alícia, a abracei apertado, meu sentimento por Aurora não mudou, apenas sinto que minha felicidade parece não ter fim.

A comemoração da minha família foi instantânea.



Véspera de Natal, quase meia-noite, o jantar já havia sido servido, aqui ninguém aguentava muito esperar até a meia-noite para comer, mas a reunião passava desse momento, principalmente a troca de presentes. Meu avô gostava de agradecer, não era apenas os presentes, mas também a simbologia que vinha por trás disso.

Aurora, que estava sendo ainda mais paparicada pela família Espósito, completamente orgulhosa da surpresa e do presente adiantado, ressonava no bebê conforto ao nosso lado, todos estavam sentados em pequenas rodas, até Rian conversava com meus primos solteiros.

Aproveitei o momento e entreguei um envelope para Alícia.

— O que é isso, Rafael? – Ela perguntou, curiosa.

— Abra e descubra.

Ela abriu lentamente, revelando o convite oficial de Harvard, quando leu, ofegou.

— Rafael... Isso é real? – Sua voz estava embargada.

— É claro que é, eu não gosto de palestrar, mas isso é sua vida, Alícia e mesmo não tendo me falado, descobri o que o reitor fez. Enquanto aquele velho pensa que a faculdade dele é superior a você, na verdade, é o oposto, porque Harvard te quer.

— Rafael, não posso aceitar... É demais pra mim! Claro que já palestrei lá, mas esse convite é para falar sempre, céus... não sei lidar com isso!

— Não é demais, você merece, Alícia! Quero que realize todos seus sonhos, assim como você já realizou o meu: de ter uma família. – Fiz uma pausa. – Que, inclusive, vovô disse que eu precisava completar o pedido. – Entreguei outra caixinha.

— O quê? Esse é o anel de noivado da sua avó! Jamais posso aceitar isso...

— Então ficaremos extremamente chateados. — Vovô se intrometeu na conversa. — Queremos que use o anel, Alícia.

Minha noiva apenas assentiu, coloquei o anel em seu dedo, que encaixou perfeitamente, ela pulou em meus braços e eu a segurei com força, nossos lábios se colaram brevemente, em um beijo intenso e amoroso, tentando transmitir toda a emoção que nós dois sentimos um pelo outro.

— Eu te amo, Rafael, como jamais pensei amar alguém, obrigada por tudo.

— E eu amo você, Alicia. Para sempre, além disso, quem tem que agradecer sou eu.

Colamos nossas testas e esse, com toda certeza, foi o primeiro de muitos natalis felizes na minha vida.

Epílogo



Parte 1

Dois anos depois não havia lugar melhor para se casar do que em Las Vegas, na pequena capela iluminada por neon claramente com um Elvis no lugar de padre. Las Vegas, o lugar em que tudo começou. Aurora, agora com dois anos, era a daminha mais adorável que já existiu, vestida de branco com detalhes de rosa nos tons rose gold e com um sorriso que derrete qualquer coração.

Inclusive o do filho de Nicole que era o pajem, para o desespero de Rafael.

Sim, minha amizade com a jornalista apenas aumentou e descobrimos que seu filho nasceu dois dias antes de Aurora, as coincidências eram gritantes entre nós e nossa conexão apenas aumentou ao longo dos anos, principalmente porque algumas vezes acabamos nos encontrando nos eventos das quais eu ou Rafael fomos convidados.

A família inteira de Rafael estava aqui, sua avó disse: já que não vão se casar em uma igreja e sim em Vegas, pelo menos a recepção tem que ser digna de um Espósito, confesso que estava até com medo disso.

Contudo, meu medo sumiu conforme caminhava em direção a Rafael, com meu coração transbordando amor e gratidão.

Nossos amigos e sua irmã eram nossos representantes, então entreguei o buque para Rafaela, que era responsável por cuidar de Aurora, mesmo morando com Rafael, eu tremia de ansiedade e nervosismo.

— Você está linda, Alicia. — Ele disse, quando finalmente alcancei o altar.

— E você é tudo que eu sempre quis. — Foi o que consegui responder com a voz embargada, tomada pela emoção.

Segurei sua mão com as minhas que estavam geladas e tremendo, ele fez carinho no dorso, acalmando meu corpo, mas não meu coração e muito menos meu corpo. O homem estava muito gostoso.

A cerimônia foi rápida e divertida, como a cidade pedia, mas cheia de significado. Quando Rafael me beijou, o mundo pareceu parar, sua barba por fazer raspava em minha pele, fazendo meu corpo ter arrepios já conhecidos por meu corpo, o acendendo para uma ansiedade que não queria aguardar até depois da festa.

Sáímos da capela com uma chuva de arroz e flores, Rafael se abaixou e abriu os braços para Aurora que estava no jardim da capela brincando, enquanto Rafaela cuidava dela. Nossa filha ao ver o pai veio correndo, sorrindo e eu abri meu maior sorriso ao ver a cena.

Quando Aurora estava nos braços de Rafael, ele a girou, fazendo nossa filha gargalhar, meu marido a beijou na bochecha e se aproximou de mim, me abraçando de lado.

— Eu amo tanto vocês duas, vocês são meu mundo, a razão pela qual acredito em milagres.

— Rafael disse, nos encarando hipnotizado.

— Vocês também são meu mundo, finalmente encontrei meu norte, mesmo sem saber o que eu buscava. — Confessei.

— Amo, papai e mamãe.

Nossa filha nos abraçou pelo pescoço, o que nos fez rir, como loucos apaixonados que ambos éramos e eu torci, mais do que nunca, que isso jamais acabasse e assim, nossa história começou de novo, em uma cidade de luzes e promessas, com a certeza de que juntos, éramos invencíveis.

Ponto de Vista Alícia

Ponto de vista Alícia

Assim que saímos da capela, fomos para o salão de festas do mesmo resort que ficamos quando viemos dois anos atrás. Claro que também estava liberado a parte dos cassinos e eu era a pessoa que mais estava ganhando dinheiro e Rafael estava perdendo todas as minhas fichas.

— Alguém tira esse homem de perto da minha parceira de negócios! – Gritou uma Nicole e eu gargalhei.

Exatamente como no passado, com a diferença que agora até mesmo os avós de Rafael estavam se divertindo e gastando alguns dólares nas roletas e nos jogos. Só espero que meu sogro não perca muito no pôquer.

— Não somos irresponsáveis por deixar Aurora no meio desse pessoal? – Olhei para Igor e Rafaela, que cuidavam da nossa filha que brincava nos caça níqueis.

— Confio no Igor. – Arqueei uma sobrancelha.

— Na sua irmã não?

— Criei Rafaela, conheço a peça, Aurora pode muito bem sair daqui como uma mini jogadora de pôquer e ser expulsa aos dois anos. – Gargalhei.

O hotel fez um brinde, também cortamos o bolo, até que em determinado momento, Rafael me pegou nos braços, no velho estilo noiva e nos levou para o elevador. Reconheci imediatamente o andar em que ele apertou.

— A mesma suíte?

— Com certeza, você não faz ideia de como tive as noites mais duras da minha vida.

Não foi preciso dizer muito, meu corpo já estava completamente aceso por esse homem, bastava aquele sorriso torto safado, com os lábios meio umedecidos que minhas próprias pernas já bambeavam e ficavam úmidas também.

Entramos no quarto afoitos, entre beijos e tropeços. Como se o mundo fosse acabar, talvez a fantasia não fosse apenas dele, mas minha também. O ajudei com o terno e ele me ajudou com meu vestido e quando caí nua na cama, ele estava por cima de mim.

Seu corpo musculoso tampava o meu por completo, ele era o homem mais bonito que eu já vi na vida, passei minhas mãos em seu peito e em seus ombros, sua boca tomou a minha em busca de aplacar a nossa necessidade. Seu dedo percorreu minha boceta, que já estava completamente encharcada.

Rafael quebrou nosso beijo, descendo a boca por meu peito, até meus seios, os chupando com gosto, me fazendo estremecer quando ele assoprava, em uma mistura de quentura e gelado ao mesmo tempo, sua língua desceu e a expectativa do momento apenas aumentou.

Gemi quando sua língua tocou meu clitóris, minhas mãos indo diretamente para seus cabelos, puxando e sentindo todas as emoções conflitantes dentro de mim, meu sangue correndo, a respiração ofegante, meus pés tremendo, meu ventre contraindo e meu coração disparado. Senti o orgasmo chegando, aumentando o prazer ainda mais quando ele enfiou dois dedos dentro da minha boceta e eu queria gritar.

A sensação da minha alma saindo do corpo parecia nunca desaparecer e quando o orgasmo veio, deixei as emoções e gritei o nome de Rafael, ofegante.

— Espero que você nunca perca essa habilidade. — Falei entre os ofegos e ele riu baixinho.

— Jamais vou perder, não com você.

Ele nos beijou, consegui sentir meu gosto em sua boca e nos virei na cama, ficando por cima, desci meu corpo até segurar seu pau na base, minha língua rodeou a ponta de seu pau em formato de cogumelo, chupando a ponta e o levando até onde eu conseguia por completo na boca.

Comecei a subir e descer, rodeando a língua em sua base, chupando com certa força e apertando com minha mão, massageando como se o estivesse masturbando de ambas as formas: com a boca e com as mãos. Rafael segurou meus cabelos em um rabo de cavalo e o puxou, movendo minha cabeça no ritmo que ele queria e eu gemi, sentindo minha boceta voltar a latejar.

Seu pau inchou na minha boca e nas minhas mãos, assim como seu aperto ficou ainda mais firme, seu quadril aumentando os movimentos e ainda assim evitando ir muito forte para não me machucar. Esse cuidado que ele tinha comigo mesmo nesse momento me deixava ainda mais apaixonada e com ainda mais tesão por ele.

Rafael gozou na minha boca, relaxei a garganta e o engoli por completo, ao longo desses dois anos, fui aprendendo cada vez mais como relaxar a garganta para que não me engasgasse e ainda recebesse sua porra por completo, sem derramar nenhuma gota.

Meu oficialmente marido me puxou pelos cabelos e me jogou na cama, gargalhei mordendo o lábio maliciosa.

— Amo quando você é bruto. — Passei minha unha vermelha por seu peito definido.

— Ainda podemos viver nas montanhas, em uma cabana.

Ele começou a beijar meu peito, chupando meus seios e raspando sua barba por fazer no meu corpo, arqueei o peito, enrolando minhas pernas em sua cintura, completamente entregue ao seu toque, sentindo o arrepio no meu corpo.

Minha mão desceu até seu pau, o guiei até minha entrada e ele me penetrou com força, gememos juntos, sentindo nossos corpos conectados por completo. Rafael começou com os movimentos rápidos, fortes, indo cada vez mais fundo dentro de mim, o pulsar da minha boceta contraía o pau de Rafael.

— Sinto que você está esmagando meu pau... puta que pariu...

— Você é tão grosso e delicioso... com essa barba me raspando...

Senti meu corpo inteiro estremecer, segurei seus ombros como se fosse minha válvula de escape, perdida completamente nas emoções que aquele ato estava me gerando. A cada movimento era como se eu fosse para o céu, meu clítoris estava duro e ardendo. Gemi sentindo meu ventre contraindo, meus pés formigando, até que senti o prazer vindo e gozei, gemendo o nome de Rafael, mais algumas estocadas e senti o jato de Rafael me preenchendo.

Nós dois estávamos suados, ofegantes, a cada momento que tínhamos juntos, assim era único e eu esperava que nunca mudasse.

— Finalizamos um ciclo ou apenas o iniciamos?

Questionei quando nós dois estávamos mais estabilizados.

— Espero, do fundo do meu coração, que esse seja apenas o início do nosso ciclo, afinal, nem tudo o que acontece em Vegas, fica em Vegas e nossa história é a maior prova disso.

O abracei pelo ombro, não poderia concordar mais, esse quarto, essa cidade era apenas o início da nossa história e não o...

FIM!

Agradecimentos

Agradeço primeiramente a Deus, porque se não fosse Ele, meu eterno Pai, que me trouxe ao mundo dos livros e a cada dia me mostra aquilo do qual eu preciso melhorar para os meus leitores e principalmente não me deixa desistir.

Quero agradecer o Desafio Mari Sales, que me trouxe o conhecimento e principalmente a rotina de escrita saudável e mesmo esse livro estando “atrasado” nos meus termos, ele está dentro do prazo e eu estou completamente feliz. O desafio também me trouxe amizades incríveis, das quais sempre estiveram ao meu lado, apoiando entre essas amizades quero colocar aqui dois nomes em especial:

Aline Diniz, que no início ligava às sete horas da manhã e aguentava meu mau humor matinal, já que minha alma só volta às dez horas e ela foi minha companhia diária para escrever esse livro e me aguentou nos surtos diários.

Outro nome é a Mari Sales, que me auxiliou a escrever esse romance clichê, já que amigos e gravidez foi minha primeira escrita, além disso, tivemos tardes incríveis com conselhos maravilhosos que não me deixaram desistir em nenhum momento.

Também quero agradecer a companhia das meninas do grupo de Sprint, se não fosse elas com as metas diárias, da qual adaptamos o método pomodoro, incentivando a escrita, chamando para a escrita, com certeza a procrastinação tomaria conta.

Essa procrastinação não veio por não querer escrever, ou não gostar de escrever a história, eram coisas pessoais, coisas que não entendia e ainda não entendo o porquê estava enrolando, mas a história me encantou a cada momento da escrita.

Quero agradecer também minhas leitoras do meu grupo que estão sempre interagindo comigo e surtando com os personagens. Também aquelas leitoras que converso no Instagram, agradecendo meus livros, surtando comigo. Vocês são mais que especiais.

E você, caro leitora, se chegou até aqui, minha eterna gratidão! Espero que tenha se apaixonado pela história de Rafael e Alícia, tanto quanto eu me apaixonei.

Além disso, não se esqueçam: Nicole e Brendon, dois inimigos, serão os próximos e estou pronta para saber todas as teorias sobre o casal, afinal, vim das fanfiques.

Como me encontrar:

Redes Sociais

Instagram: [@amandaalonsoautora](#)

Twitter: [@amanda_allonso](#)

Youtube: [Filha de Drácula](#)